



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Rafael Ângelo Fortunato

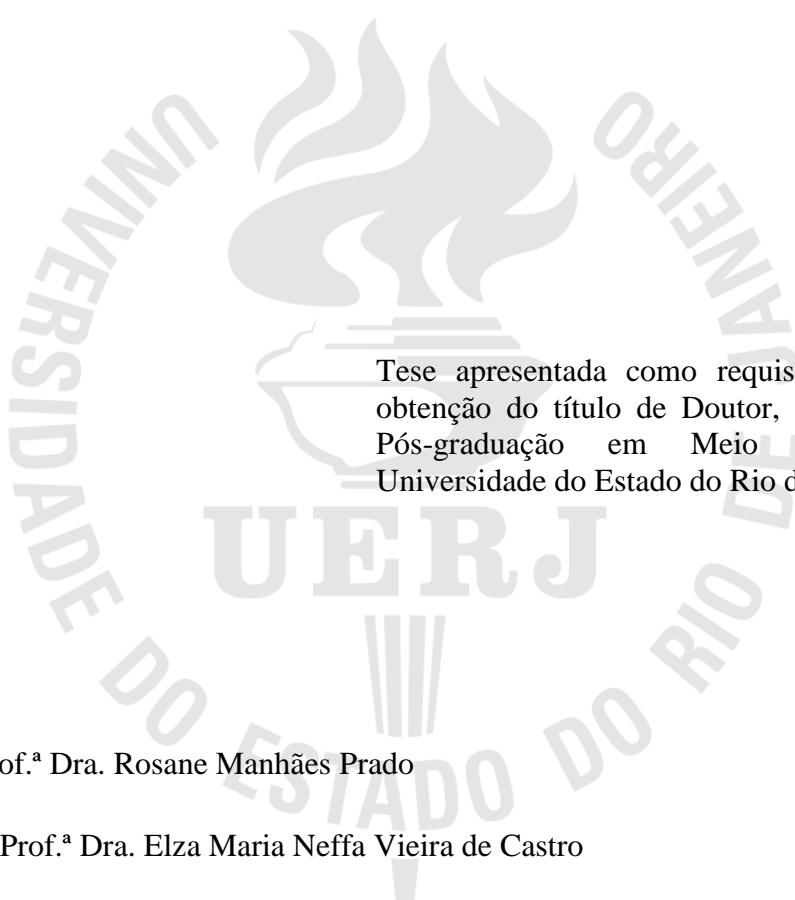
O turismo solidário e a redescrição social no Vale do Jequitinhonha-MG

Rio de Janeiro

2011

Rafael Ângelo Fortunato

O turismo solidário e a redescrição social no Vale do Jequitinhonha-MG



Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-graduação em Meio Ambiente, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof.^a Dra. Rosane Manhães Prado

Coorientadora: Prof.^a Dra. Elza Maria Neffa Vieira de Castro

Rio de Janeiro

2011

CATALOGAÇÃO NA FONTE

UERJ/REDE SIRIUS/CTC-A

F745 Fortunato, Rafael Ângelo.
O turismo solidário e a redescrição social no Vale do Jequitinhonha-MG / Rafael Ângelo Fortunato. – 2011.
156 f. : Il.
Orientadora: Rosane Manhães Prado.
Coorientadora: Elza Maria Neffa Vieira de Castro.
Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
1. Turismo - Jequitinhonha, Rio, Vale (MG e BA) – Teses. 2. Solidariedade - Jequitinhonha, Rio, Vale (MG e BA) – Teses. I. Prado, Rosane Manhães. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. III. Título.
CDU 379.85:17.026.2

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese.

Assinatura

Data

Rafael Ângelo Fortunato

O turismo solidário e a redescritção social no Vale do Jequitinhonha-MG

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-graduação em Meio Ambiente, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 11 de novembro de 2011

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Rosane Manhães Prado (Orientadora)
Programa de Pós Graduação em Meio Ambiente- UERJ

Prof.^a Dra. Elza Maria Neffa Vieira de Castro (Coorientadora)
Programa de Pós Graduação em Meio Ambiente- UERJ

Prof.^a Dra. Bianca Stella Pinheiro de Freire-Medeiros
Fundação Getúlio Vargas- CPDOC/FGV

Prof. Dr. Marcello de Barros Tomé Machado
Universidade Federal Fluminense

Prof.^a Dra. Sandra Maria de Sá Carneiro
Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais- UERJ

Rio de Janeiro

2011

DEDICATÓRIA

Dedico esta tese aos moradores do Vale do Jequitinhonha-MG e as comunidades que queiram investir no turismo para o desenvolvimento local.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Rosane Prado pelos preciosos ensinamentos e pelo cuidado com meus textos, a Elza Neffa pelo convívio no Núcleo de Referência em Educação Ambiental da UERJ, a Helena Taveira Cruz por acompanhar meus passos e compartilhar momentos, a todos meus amigos e familiares, que amo incondicionalmente, aos membros da Banca, a Vera da secretaria do PPG-MA, a Tânia Jordão Taveira pelos descontos nas passagens aéreas e a todos os professores do PPG-MA e que marcaram minha trajetória como meus orientadores: Gilberto Rossi, na graduação; Cecília Pelicione, na especialização; e João Sé, no mestrado.

A primeira vez foi no carnaval de 1975 e, a partir desse momento, eu estava perdidamente apaixonado pelo Vale e descobri, a cada momento, a riqueza na pobreza ou a pobreza na riqueza.

Martin, alemão naturalizado brasileiro, morador da região do Vale do Jequitinhonha/MG há mais de 30 anos.

RESUMO

FORTUNATO, Rafael Ângelo. *O turismo solidário e a redescricao social no Vale do Jequitinhonha-MG*. 2011. 163f. Tese de Doutorado em Meio Ambiente – Programa de Pós-graduação em Meio Ambiente, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

Esta tese estuda o processo da implantação do Programa de Turismo Solidário pelo governo de Minas Gerais no Vale do Jequitinhonha - MG, bem como as características e os significados que o mesmo adquiriu, tanto junto aos moradores das localidades alvo quanto junto aos chamados turistas solidários, e avalia o estado da arte de modos de turismo semelhantes ao que ocorre no Vale, com ênfase em alguns casos nas favelas cariocas. A tese focaliza a apropriação pela população das diretrizes e dos aspectos teórico-metodológicos da proposta desse Programa; a percepção dos moradores em relação ao turismo que ali ocorre; o *enquadramento* em que os encontros no turismo solidário ocorrem; os significados do turismo solidário; os indicadores do turismo solidário. Traz, de um lado, uma visão abrangente, discutindo questões relacionadas às políticas públicas no campo do turismo, e de outro lado, uma abordagem de caráter etnográfico, relativa ao encontro intersubjetivo entre “turistas solidários” e a população local. A construção da linha argumentativa da tese fundamenta-se nos seguintes pressupostos: as propostas de descentralização por meio da ideia de governança apresentadas pelas políticas públicas que sustentam a ideologia do Programa de Turismo Solidário são ferramentas importantes para o desenvolvimento local; o encontro entre pessoas com diferentes formas de vida, com reconhecimento recíproco entre si, suscita em ambas as partes um alargamento da percepção de mundo e uma possibilidade para *redescricao* dos sujeitos; o *enquadramento* em que a interação ocorre e o nível de intimidade entre os participantes influenciam na possibilidade do individuo repensar valores e atitudes. O documentário “Retrato Brasil” filmado durante as pesquisas de campo, foi elaborado na perspectiva de auxiliar na promoção do que é chamado de turismo solidário, entre outras possibilidades.

Palavras-chave: Turismo. Descentralização. Pobreza. Solidariedade. Encontro.

ABSTRACT

This thesis studies the process of implementation of a Program of the state government of Minas Gerais called *Turismo Solidário* in the Jequitinhonha Valley- MG, as well as the characteristics and meanings that this program has acquired to the people who live in this region and to the so called solidary tourists. This thesis also evaluates the state of the art in similar ways of tourism to the one that occurs in the Valley, such as the tourism in *Favelas* in Rio de Janeiro. The thesis focuses on the appropriation by the local population of the guidelines and the theoretical and methodological aspects of this proposed program, the perceptions of the inhabitants towards tourism that takes place there, the framework in which the meetings occur in *Turismo Solidário*, the meanings of solidarity tourism, and the indicators of this kind of tourism. The thesis brings on a comprehensive discussion of public policies in tourism and makes an ethnographic approach, on the meeting between solidary tourists and the local population. The construction of the line of argument of this thesis is based on the following assumptions: the decentralization proposals through the idea of governance provided by public policies that support the ideology of *Turismo Solidário* program are important tools for local development; meeting between people with different forms of life, with mutual recognition between them, raises on both sides of a widening perception of the world and a chance for redescription of the subjects, the framework in which the interaction occurs and the degree of intimacy between the participants influence the ability of the individual to reconsider values and attitudes. The documentary "Retrato Brasil" filmed during the research was prepared to help spread this way of making tourism.

Keywords: Tourism. Decentralisation. Poverty. Solidarity. Meeting.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Figura 1: Michael Jackson gravando vídeo-clipe	42
Figura 2- Frente de uma casa “receptivo em favela”.....	43
Figura 3-Artesã apresentando seus trabalhos para turistas estrangeiros.....	45
Figura 4- Turistas vistam a exposição de artesanato em Vila Canoas.....	46
Figura 5- Francesa na Horta Comunitária do Morro da Coroa.....	48
Figura 6- Francesa dando aula de francês.	49
Figura 7-Francesa em aula de artes.	49
Figura 8- Localização do Morro da Babilônia, Leme, Rio de Janeiro.	51
Figura 9- Vista do Morro antes do reflorestamento.	52
Figura 10- Vista do Morro depois do reflorestamento.	52
Figura 11-Placa informativa na entrada da Prainha do Canto Verde.	55
Figura 12- Reserva Extrativista da Prainha do Canto Verde.....	58
Figura 13- Caminhão da AGRECO.....	60
Figura 14- Localização da região do Vale do Jequitinhonha.	73
Figura 15-Problemas ambientais (erosão) em São João da Chapada.	74
Figura 16- Mineração ilegal no Rio Araçuaí.....	74
Figura 17-Exploração do Eucalipto no Vale do Jequitinhonha.....	75
Figura 18 - Comparação do IDH do Vale do Jequitinhonha com outros países do mundo.	76
Figura 19- Igreja no alto como ponto de referência.	78
Figura 20 - Procissão da festa de São Sebastião.....	79
Figura 21- Artesanato do Vale do Jequitinhonha-MG (Coqueiro Campo).	80
Figura 22- Gestão descentralizada do turismo	102
Figura 23- Área de atuação e população atingida.....	105
Figura 24- Receptivo familiar em Mendanha (Dona Ciba).....	109
Figura 25- Grupo de Franceses visitando a associação.	113

Figura 26-Tear em São Gonçalo do Rio das Pedras.....	113
Figura 27- “Turista solidária” visitando a associação artesãos de Coqueiro Campo.....	114
Figura 28- Genésio trabalhando como guia de turismo.....	136
Figura 29- Turistas franceses e morador em frente à AMA-ME.....	139
Figura 30- Primeira Torra da farinha.....	144
Figura 31-Turista solidária participando do processo produtivo da rapadura.....	144
Figura 32-Manifestação da cultura afrodescendentes.....	146
Figura 33- Turista solidária em encontros com moradores de Campo Alegre.....	147
Figura 34- Experiência de um turista solidário.....	149
Figura 35-Filosofia no Vale.....	151

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Nível de satisfação com a demanda de turistas.....	84
Gráfico 2- Nível de satisfação em receber o turista.....	85
Gráfico 3-Sentimentos em relação ao turista.....	85
Gráfico 4- O comportamento dos turistas.....	86
Gráfico 5- Mudanças na comunidade.....	87
Gráfico 6- Ciclo do turismo.....	88
Gráfico 7 - A relação temporal com o aumento do nível de intimidade	131

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	26
1 CASOS DE TURISMO COMUNITÁRIO NO BRASIL	38
1.1 Um panorama sobre o turismo em áreas carentes	38
1.1.1 <u>Os casos das favelas cariocas</u>	<u>41</u>
1.2 O Turismo Comunitário na Prainha do Canto Verde – CE.....	55
1.3 O Turismo comunitário promovido pela Associação Acolhida na Colônia - SC.....	60
1.4 Turismo comunitário indígena na Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Tupé (AM)	64
1.5 Uma questão estruturante: turismo <i>versus</i> turismo em áreas pobres	68
2 O VALE DO JEQUITINHONHA, MG E O TURISMO.....	73
2.1 Ambivalências em relação aos aspectos econômicos	76
2.2 A religiosidade: uma marca dos vilarejos do Vale	77
2.3 O artesanato do Vale	80
2.4 A pobreza e a riqueza do Vale.....	81
2.5 A Funivale	82
2.6 Percepções locais da população sobre o turismo na região	83
2.7 Alterações nas localidades e o ciclo do turismo	87
3 O IDEAL COMUNITÁRIO E O PROGRAMA DE TURISMO SOLIDÁRIO.....	89
3.1 Uma nova demanda no campo do turismo.....	91
3.2 Discussões em torno de um ideal comunitário no campo do turismo	95
3.3 O caminho da descentralização e do desenvolvimento local	98
3.4 Sobre as diretrizes do governo federal para o desenvolvimento do campo do turismo no Brasil	100
3.5 Normatização da tradição: a invenção dos produtos turísticos	102
3.6 A articulação SEDVAN/IDENE, a região administrativa e o funcionamento do (Programa de) Turismo Solidário.....	104
3.6.1 <u>Receptivo familiar e o voluntariado: o diferencial do turismo no Vale</u>	<u>108</u>
3.6.2 <u>Associações comunitárias e sua relação com o turismo no Vale</u>	<u>111</u>
3.7 A ação solidária como um produto no Vale do Jequitinhonha	115
3.8 A comercialização de produtos turísticos.....	116
3.9 O apelo do interior em contraposição à metrópole	117
3.10 Apropriação local das propostas de gestão do Programa de Turismo Solidário....	118

4 PERSPECTIVAS E SIGNIFICADOS NO CAMPO DO TURISMO SOLIDÁRIO...	121
4.1 O lazer no campo do turismo como um espaço para formação pessoal	121
4.2 Identidades e a questão dos enquadramentos nos encontros	124
4.3 Educação ambiental e comunidades aprendentes	127
4.4 Os significados do turismo solidário no Vale do Jequitinhonha, MG	128
4.4.1 <u>Enquadramentos temáticos dos encontros entre turistas e população local</u>	129
4.4.2 <u>As relações de reciprocidade no campo do turismo solidário</u>	132
4.4.3 <u>O campo da autoestima e a redescrição identitária</u>	134
4.4.4 <u>A busca da autenticidade em tempos de normatização da tradição</u>	138
4.4.5 <u>A “insegurança profissional” dos moradores</u>	140
4.4.6 <u>Redes para além do turismo solidário</u>	141
4.4.7 <u>O encontro e/ou as trocas de experiências</u>	142
CONCLUSÃO: APOSTANDO NO TURISMO SOLIDÁRIO	150
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	155
ANEXOS:	162
ANEXO 1	162
ANEXO 2	163
ANEXO 3	164
ANEXO 4	167
ANEXO 5	168

INTRODUÇÃO

O interesse pela atividade turística cresce a cada dia e com isso aumentam o incentivo financeiro a este setor econômico e as trocas entre culturas ao redor do globo. Existe uma demanda pelo inusitado e pelo convívio com o outro, inclusive com aqueles que vivem em áreas consideradas “pobres”, mas que detêm uma riqueza imaterial peculiar e que podem se beneficiar através desta atividade. Diante disto, decidi estudar o “turismo solidário” que acontece no Vale do Jequitinhonha, MG.

O Vale é uma das regiões mais pobres do país, sendo conhecido também como o “Vale da miséria”. Várias ações são propostas pelo governo do estado para contribuir com o enfrentamento da pobreza no local como, por exemplo, a promoção do artesanato, do turismo e o fortalecimento da vida comunitária. Neste sentido, foi lançado o Programa de Turismo Solidário do Vale do Jequitinhonha, pelo governo do estado de Minas Gerais, no qual o turista fica hospedado em um “receptivo familiar” – modo como é referida a residência de moradores locais participantes do Programa Turismo Solidário –, conhece a região e contribui de alguma forma com o local ao trocar experiências com a população.

Na página da Internet onde o Programa é apresentado encontram-se as seguintes referências: “O programa consiste em despertar no turista solidário um sentimento humanista, para ajudar diretamente no desenvolvimento da região” e ainda: “O Programa Turismo Solidário é puro intercâmbio. Mágico contato dos diferentes num desejo frenético de aprender, trocar, vivenciar, respeitar o inusitado vindo de todas as partes e de todos os lados”. Estas descrições do programa apontam para a busca por parte do turista de viver uma experiência de proximidade com a população dos lugares visitados. Victor Turner e Edith Turner (1978) viram experiências deste tipo como “busca pela *communitas*”, as quais, segundo Steil (2003), expressam também a busca de uma comunhão fusional.

Nesta mesma perspectiva, no trabalho de Bastos (2006, p.94) sobre os turistas estrangeiros na Índia, a autora ressalta que

o sujeito se desloca para “aprender” sobre o outro e, em suas representações, percebemos que os viajantes buscam “encontrar o outro”. Do modo como se expressam, a viagem aparece como uma oportunidade de “comunhão”, na qual viajantes podem estar mais perto do diferente e ver como o outro pensa. Como Lévi-Strauss (1973) argumenta, as férias seriam como o momento no qual uma vez por ano a cultura do turista é “colocada entre parênteses”, fazendo com que a cultura do sujeito se desloque, para que uma outra cultura possa ser compreendida

Desse modo, a busca pela comunidade e pelo convívio com o outro no campo do turismo torna-se um fenômeno social expressivo, que merece atenção especial, ao revelar uma oposição ao que vem ocorrendo nos ambientes da vida moderna recente, que, para Bauman (2005), se caracteriza pela relação “fluida”, ou seja, passageira. Para Sennet (2007), esse ambiente oferece dificuldade para o estabelecimento de relações nas quais predominem os compromissos mútuos e reciprocidades entre os membros de um grupo.

Esta tese tem como um dos seus temas centrais a questão da solidariedade na sociedade contemporânea e, diante das buscas pelos encontros em tempos de liquidez na perspectiva de Bauman (2005), busco refletir sobre estes aspectos (solidariedade e encontros) e sinalizo para a importância de sua inserção nas agendas municipais, estaduais, nacionais e globais.

Focalizando a questão da solidariedade na sociedade contemporânea Godbout (1999) ressalta que redes de relações interpessoais cimentadas pela dádiva e pelo auxílio mútuo destacam-se como baluartes que permitem a sobrevivência em um mundo de carências materiais e de insegurança.

Diante dessa colocação, busquei compreender como, na literatura referente a esse campo tal questão é tratada, e recolher informações para avaliar o estado da arte com relação a certos tipos de turismo relacionados a essa perspectiva. Tal tipo de turismo, identificado em manifestações correlatas (turismo solidário, voluntário, comunitário, ecoturismo de base comunitária, agroturismo), aparece neste estudo como *turismo solidário*, em oposição ao turismo marcado pela pouca proximidade com a população visitada e apenas por relações comerciais. Para ilustrar com maior profundidade, trabalho com o Programa de Turismo Solidário do Vale do Jequitinhonha em quatro localidades específicas, visando compreender:

- (1) O processo de instalação do Programa Turismo Solidário por meio da articulação SEDVAN-IDENE (Secretaria Extraordinária para o Desenvolvimento dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri e do Norte de Minas- Instituto de Desenvolvimento do Norte e Nordeste de Minas Gerais) e sua apropriação por diferentes segmentos da população local;
- (2) A ocorrência do fenômeno turístico na região de aplicação desse programa;
- (3) A significação do encontro propiciado no turismo solidário;
- (4) A representação do turismo solidário pelos atores sociais envolvidos com o fenômeno turístico na região estudada do Vale do Jequitinhonha.

Procuo entender as formas como é praticado, os significados que tem para aqueles que nele estão envolvidos, e avaliar em que medida e de que maneira a troca de experiências entre os turistas que visitam o Vale e a população local suscita, em ambas as partes, uma nova

forma de apreensão da realidade, por meio das trocas culturais que oferecem elementos para o processo de construção das identidades dos envolvidos no encontro.

A análise baseou-se na observação da relação entre os receptores e os turistas como um espaço de negociação de identidades e trocas culturais. Nesse contexto, investigo em qual *enquadramento* (conforme Fogel, 1993) as interações ocorrem.

A abordagem desse trabalho revela-se importante no sentido de preencher lacunas apontadas por Stronza apud Graburn (2001), ao destacar que os investigadores deixam em segundo plano os impactos do turismo nos turistas focando-se em suas conseqüências para as comunidades alvo; e Banduci (2001), para quem os aspectos como compartilhamento de valores, vivência emocional e espacial indicam que existem elementos implícitos na experiência turística que foram pouco estudados.

Neste sentido, parto dos seguintes pressupostos: (1) o encontro entre pessoas com diferentes formas de vida, com reconhecimento recíproco, suscita um alargamento da percepção de mundo e uma possibilidade para *redescricao* dos sujeitos (conforme Rorty, 2007), (2) o *enquadramento* (conforme Fogel, 1993) em que a interação ocorre e o nível de intimidade entre os participantes influenciam o indivíduo no sentido de repensar valores e atitudes.

Nesses pressupostos, vislumbro um paralelo com a perspectiva de Malinowski (1976, p. 374), ao escrever sobre o papel do antropólogo:

Há, porém, um ponto de vista mais profundo e ainda mais importante do que o desejo de experimentar uma variedade de modos humanos de vida: o desejo de transformar tal conhecimento em sabedoria. Embora possamos por um momento entrar na alma de um selvagem e através de seus olhos ver o mundo exterior e sentir como ele deve sentir-se ao sentir ele mesmo. Nosso objetivo final ainda é enriquecer e aprofundar nossa própria natureza e refiná-la intelectual e artisticamente. Ao captar a visão essencial dos outros com reverência e verdadeira compreensão que se deve mesmo aos selvagens, estamos contribuindo para alargar a nossa própria visão.

Mesmo que os turistas solidários não sejam qualificados como antropólogos e nem os moradores do Vale como “selvagens”, me inspiro em tais colocações para dizer que os encontros e a convivência no âmbito do Programa de Turismo Solidário do Vale do Jequitinhonha atuam como um espaço “para alargar a nossa própria visão”.

Complementarmente baseio-me em outro pressuposto, que se relaciona com a estrutura organizacional pensada para que o encontro e a convivência ocorram: as propostas de descentralização por meio da ideia de governança apresentadas pelas políticas públicas que sustentam a ideologia do Programa de Turismo Solidário são ferramentas importantes para o desenvolvimento local.

O suporte teórico para análise está nas discussões sobre o campo do socioambientalismo brasileiro, em documentos oficiais do Ministério do Turismo e nas reflexões de Zaoual (2006), que trabalha com base na teoria dos sítios simbólicos. A visão colocada por Sahlins (1997) quando se refere à *indigenização* também contribui para pensar a apropriação pela população do Vale das propostas do governo de Minas Gerais a partir de algumas perspectivas universalizantes – no mesmo sentido do argumento desse autor quando propõe que: “a cultura aparece aqui como a antítese de um projeto colonialista de estabilização, uma vez que os povos a utilizam não apenas para marcar sua identidade, como para retomar o controle do próprio destino” (Sahlins, 1997, p. 46).

A perspectiva de governança local, apresentada nos documentos oficiais do sistema SEDVAN-IDENE, para gerir a atividade turística coloca diante dos turistas o modo de ser da comunidade, a maneira como ela produz e vive e permite-lhes ampliar o campo de possibilidade para construir sua identidade por meio da alteridade. Tal possibilidade de alargamento da percepção relaciona-se diretamente ao tempo e às novidades presentes no encontro. Os moradores locais, como novos elementos de construção identitária, passam a ser descritos como pessoas associadas ao campo do turismo como, por exemplo, um garimpeiro que se tornou guia de turismo e donas de casa que se transformam em “gestoras do receptivo familiar”.

Corroborando os pressupostos trabalhados nesta tese, considero que encontros com reconhecimentos recíprocos contribuem para a formação pessoal dos envolvidos – entendida aqui na mesma perspectiva de Freire (1997) como a capacidade que o ser humano tem de se (re) criar a cada instante, tendo em vista que se trata de um ser inacabado, ou seja, em constante construção – e podem alterar a maneira de agir em relação ao ambiente, o que inclui manifestações pela busca de sociedades sustentáveis – aquelas que com recursos endógenos, se mantêm e garantem o sustento das futuras gerações – visto que as “cegueiras” de um podem ser minimizadas pela capacidade de ver do outro, portador de outras “cegueiras” (Oliveira, 2007).

Com o objetivo de pensar as potencialidades dos encontros e do turismo solidário trabalho na perspectiva de Rorty (2007) no que diz respeito às redescrições dos sujeitos e à invenção de novas formas de descrição dos fenômenos que não se pretende estabelecer como verdade absoluta, mas como uma contribuição para promoção de posturas solidárias; e também com Honneth (2003) que, em seu livro *Luta por reconhecimento*, trata do que vê como uma aproximação respeitosa entre os indivíduos, como criando um ambiente de tolerância e respeito mútuo, propício para as tais redescrições citadas por Rorty.

Nessa mesma linha, recorro a Semprini (1999, p. 104), quando propõe que “a experiência da diferença coloca à disposição do indivíduo uma variedade de opções significativas para que ele possa diante delas fazer uma livre escolha”. Desse modo, o sujeito é convidado a adotar um diálogo contínuo respeitoso e tolerante entre os diferentes saberes representados por pessoas com diferentes percepções e vocabulários específicos para descrever a realidade.

Considerando as possibilidades de redescrição dos sujeitos por meio do convívio com o diferente, remeto ainda a Siller (2000, p. 183), que complementa que “é preciso ainda mudar os termos nos quais se dá o embate social e político, introduzindo um vocabulário diferenciado no seio do qual seja possível ampliar o "espaço lógico" deste conflito. A ampliação de tal espaço, em uma perspectiva pragmática, relaciona-se com a questão do reconhecimento recíproco entre os cidadãos e da solidariedade. E na perspectiva de Zaoual (2006) analiso a possibilidade de criação de uma nova economia das iniciativas locais que potencializa a identidade territorial e o estranhamento, responsável pelo alargamento da percepção dos indivíduos envolvidos no encontro.

Para a coleta de dados, trabalhei com a observação participante visando o desenvolvimento de um trabalho etnográfico que percorresse os mesmos caminhos que os “turistas solidários” percorrem, hospedando-me onde os mesmos se hospedam. Através da observação participante busquei aferir como os atores sociais envolvidos com o turismo solidário entendiam suas ações e davam sentido àquilo que estavam empenhados em realizar. Produzo uma descrição das suas concepções sobre a atividade e suas experiências, lembrando Geertz (1978), segundo quem a etnografia é uma atividade eminentemente “interpretativa”, uma “descrição densa” voltada para busca de “estruturas de significados”.

Trabalhei também com entrevistas semi-estruturadas focando as seguintes questões norteadoras apresentadas, para os “turistas solidários”: (a) O que é ser um turista solidário? (b) O que esta viagem está significando? E para os receptivos familiares: (a) Como está sendo sua experiência de receber as pessoas em casa? (b) O que é o turismo solidário? Tais questões norteadoras se desdobraram nas seguintes questões: Como é ser um morador do Vale? Qual a história da localidade? Como está sendo a experiência de receber os turistas em sua casa? Como você se sente? Mudou alguma coisa? Como é a relação com eles? Quantos turistas você já recebeu? Qual o perfil do turista? Quais são as principais atividades realizadas na região? Existem associações comunitárias? Quem e como se organiza o turismo? O que os turistas querem ver e o que eles gostam de fazer? O que eles relatam? A que desejo você atribui a

vontade do turista visitar o Vale? Que transformações ocorreram em sua vida após receber os turistas?

Para entender a percepção dos atores sociais de organizações em relação às propostas de descentralização, foi aplicado um questionário para os representantes de grupos organizados da sociedade civil onde se perguntava acerca do sistema SEDVAN-IDENE. Utilizou-se um questionário fechado, com a última questão aberta: você já ouviu falar do sistema SEDVAN -IDENE? Sabe onde ele está localizado? Conhece as propostas? Existe uma relação efetiva com as propostas? Como é sua experiência na vida social da localidade? Só por meio de uma resposta “sim” para primeira pergunta desencadeiam-se todas as outras; para uma resposta “não” pula-se para a última pergunta (Anexo 1).

Trabalhei ainda com pesquisas de caráter quantitativo ao investigar a percepção dos moradores das localidades (membros dos grupos gestores) em relação ao desenvolvimento da atividade turística por meio de um questionário semi-estruturado, contendo as seguintes questões: como você definiria a frequência de turistas na região? Você gosta de turistas visitando sua região? Qual é a reação da comunidade? Como os turistas se comportam? Você acha que a comunidade mudou com a chegada do turismo? (Anexo 2)

Apesar da utilização dos questionários que permitiram quantificar alguns dados da pesquisa e resumir as percepções gerais sobre a construção social realizada em torno do turismo, lembro que para Mitchell (2010, p.95), “todo pesquisador deverá querer preencher as margens e o verso de seus formulários com observações e comentários, feitos na hora, que serão retomados em oportunidade futura” (p.116). Desse modo, o questionário pode se apresentar como um método qualiquantitativo.

Em um primeiro momento pesquisei em 9 vilarejos: Mendanha, São João da Chapada, Capivari, Milho Verde, São Gonçalo do Rio das Pedras, São Gonçalo do Rio Preto, Coqueiro Campo, Campo Alegre e Santa Rita do Araçuaí. Foram entrevistados 12 turistas, 40 pessoas dos vilarejos e três técnicas do programa.

Depois de ter realizado esta primeira etapa em duas visitas, a primeira em janeiro de 2009 e a segunda em julho de 2009, decidi concentrar a atenção em quatro localidades, devido às peculiaridades e à relevância para o Programa em termos de consolidação da proposta com o aumento do número de turistas, bem como, devido à presença de alguns conflitos. São elas: Mendanha, com destaque para a organização comunitária; Alecrim, com atrativos no seu entorno - o Parque Estadual do Rio Preto; São Gonçalo do Rio das Pedras, que se localiza no caminho da Estrada Real; e Capivari, por ser pioneiro na modalidade de receptivo familiar e porta de entrada para o Parque Estadual do Pico do Itambé. Este conjunto de localidades foi

visitado de forma sequencial em janeiro de 2010, julho de 2010, janeiro de 2011 e julho de 2011. As quatro primeiras jornadas foram de sete dias e a última de quinze dias.

Não houve dificuldades em acessar os moradores para coletar os dados de pesquisa, pois o contato com os “administradores do receptivo” onde o pesquisador se hospedava, concedia aval para circular pelos outros receptivos e pelas Associações de Moradores, escolas, entre outros equipamentos sociais.

Os turistas solidários eram amistosos (encontrou-se em campo 13 franceses e 5 brasileiros), pois a ideia da troca de experiência é um pressuposto da viagem. As dificuldades do Programa em receber o chamado “turista solidário” conduziram à pesquisa e à estrutura organizacional envolvida na criação e na implantação do Programa.

Vale ressaltar que, conforme o número de visitas às quatro localidades escolhidas como foco da pesquisa, aumentava o contato com os moradores locais, criavam-se e intensificavam-se relações de amizade. A cada investida no campo os instrumentos utilizados para coleta de dados se mostravam mais eficazes devido à cooperação das pessoas e ao grau de aprofundamento nas conversas. Desse modo, utilizam-se os discursos dos informantes da pesquisa para trazer os sentidos do fenômeno estudado, já que são, em grande parte, análises dos próprios informantes.

Durante os dias em que acompanhei os moradores do Vale em seus afazeres cotidianos tive oportunidade de tecer um panorama geral da região, o que permitiu investigar aspectos como a religiosidade, a organização social, as festas, as atividades econômicas, a culinária, os conflitos, dentre outros aspectos. Procurei, por meio dos relatos orais dos moradores das localidades, elencar instâncias de expressão da vida social que, de alguma forma, chamam atenção do turista.

Além do caso do Vale do Jequitinhonha, a tese baseia-se em pesquisas de campo em favelas cariocas (Rocinha, Vila Canoas, Tavares Bastos, Morro da Coroa e Morro da Babilônia), na Prainha do Canto Verde e Coqueirinho no Ceará (jan/2010), em Santa Catarina, no projeto Acolhida na Colônia (julho/2010) e na Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Tupé na Amazônia (jan/2011). A escolha destas localidades se deu pelas similaridades que apresentam com o caso do Vale do Jequitinhonha em, pelo menos, três quesitos: são regiões consideradas com algum tipo de dificuldade econômica, são gerenciadas

pelas pessoas da localidade, identifica-se certo ideário comunitário, e os turistas são motivados, em graus diferentes, a participar do cotidiano da população local¹.

No estudo desses casos se destacou como instrumento de pesquisa o caderno de mensagens oferecido aos visitantes para que eles deixem recados antes de irem embora. Tal instrumento possibilitou entender os significados atribuídos à experiência durante suas estadias no local. Os referidos cadernos foram mais significativos nos estudos da Prainha do Canto Verde e do projeto Acolhida na Colônia em Santa Catarina.

Avalio o estado da arte desse tipo de turismo, em grande parte com dados primários devido às poucas pesquisas no setor e devido à grande riqueza empírica que oferece suporte para os teóricos formularem seus conceitos com base na suas experiências de campo. Com relação aos dados secundários, recorro especialmente ao trabalho de Silva (2009) sobre o turismo em áreas rurais em Portugal que contribuiu para análises comparativas sobre os fenômenos observados.

Para Nechar e Panosso (2010) os estudos de turismo indicam que os pesquisadores tomam como base a experiência de campo e o emprego dos sentidos na descrição dos fenômenos para produção de conceitos e teorias; e para Ramirez (2010) tal atitude revela a complexidade e a especificidade de cada caso em caráter extremamente dinâmico. Mas, mesmo considerando que, segundo Lopes (2004, p. 32), “a comparação entre fenômenos sociais localizados é uma marca dos estudos antropológicos” dos quais este estudo se aproxima, as minhas pesquisas desses casos não tinham a intenção de produzir análises aprofundadas, nem de comparar os casos com aquele que focalizo aqui, mas sim de ilustrar o estado da arte de um tipo de turismo marcado pelas potencialidades das localidade e dos encontros.

A orientação teórico-metodológica para tratamento dos dados encontrou aportes na fenomenologia, que procura “apreender a essência do fenômeno” por meio de uma descrição dos casos ocorridos no campo de pesquisa e, em um segundo momento, o pesquisador orienta-se por uma busca de significados que ele intui ou detecta. “As percepções que os sujeitos têm da sua experiência vivida passam a constituir os dados da pesquisa ou as “unidades de significado” que compõem os elementos estruturais do fenômeno” (MACHADO, 1994, p.45).

¹ Para cada uma das experiências foi publicado um artigo científico, o artigo sobre o caso da Prainha está sendo elaborado: http://www.uesc.br/revistas/culturaeturismo/ano5-edicao2/artigo_6.pdf (turismo comunitário indígena) <http://www.seer.furg.br/ojs/index.php/ambeduc/article/view/1332/1066> (turismo em favelas cariocas) <http://www.eventos.anptur.org.br/index.php/seminario/viiiianptur/paper/view/241> (O caso da Acolhida na Colônia)

A fenomenologia busca a essência do fenômeno por meio de uma dedução sistemática do fenômeno em unidades de análise. No entanto, a fenomenologia não pretende explicar o fenômeno, sua preocupação está em mostrar. Panosso (2005) indica que o caminho da fenomenologia pode contribuir com o avanço da atividade turística enquanto fenômeno humano que implica deslocamento espacial. Segundo o mesmo autor:

A fenomenologia permite analisar os aspectos fundamentais do turismo e, como já observamos, ela aprofunda a questão, a interrogação e a busca de respostas claras, e não pára apenas nos aspectos superficiais e imediatamente demonstrados pela realidade visível em primeira mão (2005, p. 138)

Para Husserl (2008), a fenomenologia encarrega-se da tarefa de manter a consciência reflexiva diante dos objetos. Nessa esteira interpretativa, Machado constata que “as percepções que os sujeitos têm da sua experiência vivida passam a constituir os dados da pesquisa ou as “unidades de significado” que compõem os elementos estruturais do fenômeno” (1994, p.45). A primeira oposição que a fenomenologia faz ao positivismo é que não há fatos com a objetividade pretendida, pois não se percebe o mundo como um dado bruto, desprovido de significados, mas a partir da percepção do sujeito que o percebe. Daí a importância dada à rede de significações que envolvem os objetos percebidos. A análise na perspectiva da fenomenologia revela-nos que o turismo solidário possui um significado o que nos leva a entender o seu processo constitutivo e, com base nisso, nos aproximar do campo da antropologia.

Desse modo, a pesquisa insere-se em uma perspectiva dos estudos em turismo na qual o foco da análise está nas fronteiras estabelecidas entre os receptores e os turistas como um espaço de negociações de identidades e trocas culturais, relacionando-a diretamente com o campo das pesquisas antropológicas em sociedades contemporâneas que se preocupam com questões microsociológicas e tentam, em alguns aspectos, estabelecer relações com os aspectos macro (Feldman-Bianco, 2010). Vale ressaltar que na, visão de Maffesoli (2006, p.240), “a antropologia está virando seu olhar em direção ao cotidiano das sociedades contemporâneas, até mesmo ao que se convencionou de cultura de empresa, ou outros domínios que pareciam próximo demais para serem passíveis de esforço analítico”.

Nesta mesma linha, a interpretação dos dados de pesquisa seguindo uma perspectiva antropológica pode revelar o quanto a formação pessoal e redescrição social dos indivíduos passa pelo convívio com o outro e o quanto a tolerância e o respeito à diversidade pode ser um caminho para se avaliar a si mesmo de maneira crítica e através de um movimento dialético, avançar na espiral do conhecimento.

Para analisar os dados obtidos com a pesquisa, a fim de fazer dialogar os pressupostos, trabalhei com unidades de análise pensadas por meio dos relatos dos informantes acerca da experiência do encontro, como: aumento da autoestima, geração de renda, troca de experiências; e estabeleci categorias de análises pensadas a priori com base em arcabouços conceituais. São elas: a questão da dádiva, do reconhecimento mútuo, da diferenciação e da redescrição da identidade, fortemente relacionadas com as “unidades de significados” que compõem os elementos estruturais do fenômeno considerando.

Para analisar os significados presentes nas estratégias de sobrevivência locais que sinalizam para a potencialidade da ideia de governança, também foram elencadas algumas unidades de significados que permitiram interpretar as traduções do “poder local”.

O processo de detecção de unidades de significado chegou a sua saturação na medida em que as “faces do fenômeno” identificadas começavam a se repetir. Acredito, portanto, que a pesquisa alcança seu ponto de equilíbrio quando não há mais grandes novidades em termos de novos significados atribuídos ao fenômeno estudado. Em um dos últimos estágios da pesquisa, por exemplo, ao traduzir e transcrever aproximadamente vinte minutos de discussão de um grupo focal com franceses turistas solidários, não se elencou nenhuma nova unidade.

A inserção deste trabalho na linha de pesquisa “Construção social do meio ambiente” do PPG-MA deve-se a sua estreita relação com a forma como as pessoas se relacionam em diferentes sociedades com a preservação do patrimônio natural responsável pela manutenção da vida. Neste entrelaçamento, vislumbro no caso focalizado uma potencialidade presente nas estratégias de sobrevivência locais em contraponto aos modelos de desenvolvimento “globalizantes” e com uma postura pragmática. Proponho que o turismo solidário seja um elemento importante para redescrição social de comunidades carentes, na medida em que novas informações passam a circular nas comunidades com linguagens e práticas referentes ao turismo.

A tese está dividida em cinco partes, que pretendem retratar o turismo em áreas carentes no Brasil, principalmente no Vale do Jequitinhonha, destacando suas formas de organização e de promoção influenciadas pelas diretrizes políticas do Estado, suas apropriações e as potencialidades presentes no encontro, tanto para a população local quanto para os visitantes.

No capítulo 1, relato as potencialidades e as características do classifiquei no campo do turismo comunitário no Brasil; com ênfase nas questões socioambientais e nos encontros no campo do turismo, são apresentados cinco casos brasileiros que trazem uma prévia de algumas questões encontradas no Vale do Jequitinhonha.

No segundo capítulo, o Vale do Jequitinhonha – e todas as suas peculiaridades, passando pela história e suas atividades econômicas, suas crenças e valores – é apresentado e ilustrado por meio de relatos dos próprios moradores. Estudo as percepções gerais da população sobre o fenômeno turístico na região e demonstro as propostas que sustentam o Programa de Turismo Solidário do Vale do Jequitinhonha.

No terceiro capítulo, relaciono a apresentação de um novo ideal comunitário no campo do turismo ao movimento socioambiental e suas perspectivas de descentralização governamental. Em seguida, discuto a apropriação do Programa de Turismo Solidário por parte de alguns segmentos das comunidades estudadas.

No quarto capítulo, o foco está nas relações entre educação, lazer, identidades, redescritção dos sujeitos, com base nos casos empíricos observados nas localidades estudadas durante a pesquisa. Realizo uma redução fenomenológica, indicando as traduções do turismo solidário na perspectiva dos envolvidos nos encontros.

Em seguida, concluo, apresentando uma proposta de instrumento de avaliação e promoção de turismo solidário que inclui o documentário “Retrato Brasil” por mim produzido e anexado no formato de DVD. Isso permitirá ao leitor realizar sua interpretação sobre os dados obtidos nas entrevistas pelas regiões do país que trabalham sob certa perspectiva de turismo. Procuro dar sustentação ao termo turismo solidário por acreditar na força do mesmo para sinalizar tipos de relações pautadas pelo reconhecimento recíproco nos termos apresentados por Honneth (2003). A título de resumo, a seguir, apresento um fluxograma que representa a linha argumentativa ou o mapa cognitivo percorridos para realização deste trabalho.

Linha argumentativa trabalhada na tese para responder às questões

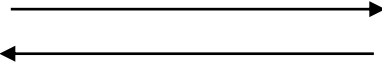
As propostas de descentralização por meio da ideia de governança apresentadas pelas políticas públicas que sustentam a ideologia do Programa de Turismo Solidário são ferramentas importantes para o desenvolvimento local?

O encontro entre pessoas com diferentes formas de vida, com reconhecimento recíproco entre si, suscita em ambos os lados um alargamento da percepção de mundo e uma possibilidade para redesignação dos sujeitos?

O enquadramento em que a interação ocorre e o nível de intimidade entre os participantes influenciam na possibilidade do indivíduo repensar valores e atitudes?

Duas grandes áreas de trabalho que estão interligadas em azul

Desenvolvimento local



Encontros no campo do turismo

Busca por informações sobre as potencialidades do turismo solidário

Investigação sobre as traduções locais das propostas do Programa de Turismo Solidário

Investigação sobre os significados e as potencialidades dos encontros no campo do turismo permeado pela solidariedade.

Enquadramento epistemológico das análises

- Movimento socioambiental (SANTILLI, BOAVENTURA, BUARQUE)
- Política de descentralização (BRASIL)
- Governança (SEDVAM, ACSELRAD)
- Sujeitos políticos (FREIRE, NEFFA)
- Indigenização (SAHLINS, PRADO, ZAOUAL)
- Redesignação social (RORTY)

- Movimento socioambiental (SANTILLI, BOAVENTURA, BUARQUE)
- Demandas no campo do turismo (SWARBROOKE)
- Reflexão sobre a ideia de verdade (RORTY)
- Lazer, encontros e identidades (MARCELINO, SEMPRINI; BAUMAN, GIDDENS)
- Enquadramentos/intimidade (FOGEL)
- Dádiva, solidariedade e Reconhecimento recíproco (MAUSS, HONNETH)
- Redesignação identitária (RORTY)

O turismo solidário e a redesignação social no Vale do Jequitinhonha

Reprodução da Tecnologia Social

Indicadores de avaliação

1 CASOS DE TURISMO COMUNITÁRIO NO BRASIL

Os casos de organização turística relacionados à gestão da atividade pela própria comunidade e a busca pelo encontro e convívio com as comunidades crescem no Brasil e ganham nomenclaturas diferenciadas. A partir desse cenário, proponho um olhar para o turismo comunitário objetivando contribuir para a formulação de um arcabouço conceitual sobre o tema. Começo apresentando o tema a partir das concepções presentes na prática do turismo em áreas carentes, e sigo descrevendo casos que se aproximam da ideia de turismo solidário.

1.1 Um panorama sobre o turismo em áreas carentes

O turismo em áreas carentes é uma modalidade pouco conhecida da maioria das pessoas, e, no meio acadêmico brasileiro, é Freire-Medeiros (2007, 2009) que vem produzindo sobre esse assunto. Não é difícil chegar a algum local, como bar ou universidade e as pessoas se espantarem ao ouvirem tal expressão.

Graburn (2001), ao comentar tal modalidade, relacionou o turismo solidário a viagens praticadas em áreas pobres e inclui os que viajam a Cuba para ajudar com as colheitas da cana-de-açúcar e com o desenvolvimento local e ecológico; e ressalta que há também europeus que trabalham na Bolívia ajudando mineiros muito pobres a extrair estanho. O livro de Butcher *The Moralization of Tourism* (2003), citado por Graburn (2001), realça o crescente sentido de responsabilidade moral da parte de muitos turistas, organizações não-governamentais e alguns setores da promoção do turismo, para promover o turismo “amigo do pobre”.

Por meio de sítios na rede mundial de computadores², pude constatar que o termo *turismo solidário* está bastante difundido, mas possui vieses diferentes. Em um deles, o

² <http://www.globalexchange.org/tours/faq.html> acessado no dia 02/02/2009.

<http://www.modevida.com/turismo.html> acessado no dia 02/02/2009.

<http://www.inatel.pt/Turismo/programas/solidario.pdf> acessado no dia 02/02/2009.

<http://www.turismosolidario.com.br/> acessado no dia 02/02/2009.

http://www.tourisme-solidaire.org/ressource/pdf/ts_reseau.pdf acessado no dia 04/04/2009.

<http://www.boomerangviajes.com.ar/espanol/turismosolidario.php> acessado no dia 05/04/2009

http://www.actionaid.org.br/Portals/0/Releases/Especial/turismo_solidario.pdf acessado no dia 02/02/2009

turismo solidário é apresentado como uma oportunidade para as pessoas com dificuldades financeiras usufruírem do turismo; é o caso, por exemplo, do programa português; vejamos:

Poderão participar do Programa cidadãos residentes em Portugal com idade superior a 18 anos, com um rendimento bruto mensal igual ou inferior a dois salários mínimos nacionais, poderão ser acompanhados pelos cônjuges, e/ou outros membros dependentes do agregado familiar, independente da idade e nacionalidade destes. O custo do Programa varia consoante o valor de rendimento bruto mensal por pessoa

Na França, o turismo solidário, que encontrei descrito em um dos sítios, se assemelha ao caso do Vale do Jequitinhonha, e tem como foco contribuir para habitantes dos países em desenvolvimento se fortalecerem economicamente. Organizações da sociedade civil fornecem apoio técnico às associações de moradores de países em desenvolvimento; elas, portanto, trabalham com projetos de desenvolvimento local e incentivam as pessoas a viajarem em direção aos locais carentes com o intuito de praticar o turismo solidário, tornando-se parte dos projetos de desenvolvimento locais. Visto o cenário francês e o encontro de turistas solidários franceses no Vale, o documentário “Retrato Brasil” (Anexo 4) foi traduzido para a língua francesa a fim de iniciar um intercâmbio em relação ao tema.

Na Itália, o turismo solidário é equacionado a um tipo de turismo chamado de “responsável” e possui uma rede de associações e entidades que promovem este tipo de atividade tanto para seu próprio território, como para os países considerados mais pobres. Durante minhas pesquisas de campo encontrei uma família italiana na Prainha do Canto Verde - CE (ver à frente) que estava visitando um projeto social em Coqueirinho - CE, um assentamento do Movimento dos Sem Terra (MST).

Tanto a proposta francesa como a italiana defendem um tipo de turismo organizado pelas populações locais, pois acreditam que desta forma o dinheiro possa circular na região, contribuindo, assim, com o desenvolvimento local sem que haja a concentração da renda gerada pela atividade turística nas mãos de grandes agências (Bellia & Battesti, 2004).

Uma agência de viagens na Argentina denominada de Boomerang oferece o que chama de turismo solidário como um dos seus produtos. Abaixo estão alguns trechos significativos retirados do site:

contemplan espacios de intercambio con comunidades locales. Participación de sus tareas cotidianas. Algunos programas contemplan alojamiento en casas particulares. Involucran a comunidades indígenas y rurales. Contamos con programas en Argentina, América, África y Asia... El viajero elige un destino a visitar. Por parte de Boomerang Viajes, se toma conocimiento sobre las motivaciones del viaje, los servicios requeridos por el viajero, el tiempo disponible, temporada y sus posibilidades económicas. El viajero es asesorado e informado acerca de los impactos que producirá su visita. El viajero identifica si las

necesidades básicas están cubiertas y realiza una propuesta en algunos casos las comunidades de base al contar ya con un proyecto se puede destinar un porcentaje para su desarrollo.

Já a Action, uma associação não governamental internacional, com atuação em 40 países, propõe

desafios aos doadores de todo o mundo, e já levou turistas solidários à China, Índia, Peru, Quênia, Tanzânia, Camboja, Malauí, Sri Lanka e Marrocos. Entre os objetivos do desafio estão: arrecadar recursos para um fundo de emergências da organização, encurtar as distâncias entre países do Norte e do Sul, e chamar a atenção para o quanto às pessoas pobres ainda precisam de ajuda. Para participar da aventura, cada interessado se compromete com a ActionAid a arrecadar um montante junto a amigos, empresas, associações, etc, e passa por um treinamento sobre como levantar fundos.

Na Espanha um programa de turismo solidário é organizado pela Fundação Bancaja e o seu principal objetivo é levar os turistas para conhecer associações e projetos solidários espalhados pelo mundo. O intercâmbio cultural é estimulado através da hospedagem em receptivos familiares. Em um vídeo da Associação, aparece uma “turista solidária” que caracteriza sua viagem dizendo: “um pouquinho de coração e sensibilidade é a melhor forma de viajar do mundo” e um turista, que parecia estar voltando a sua casa, salienta o enriquecimento obtido com a viagem ao dizer: “eu vou mais rico... As pessoas não precisam oferecer seus serviços para a viagem ser caracterizada como solidária.”

Outra modalidade de turismo em áreas pobres é o “reality tour” oferecido pela Global Exchange, para quem:

Tours are not designed to provide immediate solutions or remedy the world's most intractable problems, nor are they simply a brand of voyeurism” e ainda “A participant will have the chance to learn about unfamiliar cultures, meet with people from various walks of life, and establish meaningful relationships with people from other countries

E ainda aquela proposta pela cooperativa portuguesa Mó de Vida, uma agência emissiva, para a qual: “O confronto com a realidade, tomando conhecimento no local visitado das desigualdades, injustiças, etc; levará à adoção de atitudes mais solidárias nas suas vidas cotidianas” (dos envolvidos nas atividades).

Um dos casos mais significativos nessa abordagem de caráter internacional do turismo solidário refere-se à organização dos estudantes da Oxford University, onde três deles, depois de uma viagem a regiões carentes da Geórgia, fundaram a “Travelaid” com intuito de organizar uma instituição que pudesse levar outros estudantes a terem experiências parecidas. A instituição possui apoio da Universidade de Oxford; eles organizam viagens nas férias escolares para regiões carentes para que os alunos possam colocar suas habilidades a serviço

das populações locais. Além disso, fazem campanhas para arrecadar fundos para os projetos sociais que se propõem a ajudar.

1.1.1 Os casos das favelas cariocas

O turismo em favela vem sendo estudado por Bianca Freire-Medeiros (2006, 2009), cujos estudos fazem referência à favela e ao seu consumo como destino turístico. Atualmente, sua atenção está concentrada no turismo voluntário realizado pela Iko Poran (ver à frente).

O turismo nas favelas cariocas se consolida com a Conferência das Nações Unidas, a Rio-92 e a primeira favela a entrar no circuito turístico foi a Rocinha. Como vimos, no mundo experiências semelhantes são chamadas de turismo de realidade, de turismo solidário, nas quais os turistas visitam áreas consideradas “pobres” com o objetivo de vivenciar os problemas das localidades.

É importante colocar que existem, basicamente, dois tipos de turismo nesse campo do turismo em áreas pobres: um, relacionado à contribuição dos turistas para as localidades visitadas, como no caso do Vale do Jequitinhonha; e outro, caracterizado pelo olhar rápido e superficial, que pouco contribui para o desenvolvimento local e produz certa “espetacularização” da pobreza, o que é mais facilmente percebido em alguns casos nas favelas cariocas.

De acordo com Freire-Medeiros (2003), em 1996, quando o cantor americano Michael Jackson escolheu o morro Dona Marta em Botafogo, para gravar partes do seu clipe musical “*They Don’t Care About Us*” (Figura 1) o turismo em favelas ganhou uma forte divulgação. Naquela ocasião, o ídolo *pop* mundialmente famoso, levou a imagem da favela para o exterior. Na época da divulgação do clipe, as autoridades brasileiras criticaram a iniciativa dos organizadores da produção, por levar uma imagem ruim do Brasil para os potenciais turistas estrangeiros.



Figura 1- Figura 1: Michael Jackson gravando vídeo-clipe
 Fonte: <http://www.estadao.com.br/noticias>

Outro fato que contribui com o aumento significativo do turismo na favela está relacionado aos filmes de produção brasileira que tiveram repercussão no exterior abordando os problemas encontrados no cotidiano dos moradores carentes, focando principalmente a miséria e a violência, como em “Cidade de Deus”, de Fernando Meirelles lançado em 2002, “Tropa de Elite”, de José Padilha lançado em 2007, e “Tropa de Elite 2”, produzido pelo mesmo diretor em 2010; já em 2011 o filme “Rio” apresenta uma favela colorida, com visão privilegiada e a imagem de uma cidade supostamente “feliz” e “maravilhosa”, mas ao mesmo tempo violenta.

Percebe-se, nestes fatos, que as favelas estão entrando no circuito da “moda”, como mostra Feire-Medeiros (2009). Em Londres, por exemplo, existe um bar/restaurante chamado “Favela Chic”, que faz sucesso por lá. No Rio, pelo calçadão da praia de Ipanema, vêm-se artistas populares retratando as casas nos morros, suas formas peculiares de organização e a paisagem natural pela qual estão envolvidas; e, segundo o artesão que as vende, os objetos são comprados tanto por “gringos como por brasileiros”. Esta inserção da favela como “produto”, inclusive nos meios midiáticos, segundo Freire-Medeiros (2007, 2009), parece estar por trás do consumo da favela como destino turístico.

No dia 09/10/2009 o jornal “O Globo”, um dos principais do Rio de Janeiro, em seu caderno intitulado “Rio show” escreve: “O “asfalto” sobe a favela e “O morro tem vez” oferecendo ao leitor várias dicas de passeios nas favelas, confirmando, assim, a tendência de passeios/turismo pelas favelas cariocas.

Em setembro de 2006 foi sancionada pelo então prefeito César Maia, a lei nº 4405/06 de autoria da vereadora Lílian Sá, pela qual a favela da Rocinha se tornou oficialmente um

dos destinos turísticos do Rio de Janeiro. Esse é um dos importantes passos de uma comunidade que recebe cerca de 3.500 turistas por mês (Freire-Medeiros, 2003). A seguir apresentam-se alguns casos de turismo nas favelas cariocas: Vila Canoas, Rocinha, Morro da Coroa, Tavares Bastos e Babilônia. E um foco maior no Morro da Babilônia.

Vila Canoas

Vila Canoas localiza-se na Zona Sul do Rio de Janeiro, com cerca de 6.000 moradores e, segundo a representante da localidade, não existe tráfico de drogas nem facção armada no local. Em Vila Canoas ocorre o projeto denominado “Favela Receptiva”, no qual alguns



Figura 2- Frente de uma casa “receptivo em favela”
Fonte: Fortunato, 2008

moradores foram “capacitados” para receber turistas nas suas residências (Figura 2). Deste modo o turista passa a “conhecer um pouco do cotidiano de uma favela” e pode contribuir de alguma forma com a localidade.

A própria comunidade organiza os elementos para a vinda do turista à localidade; a gestora do projeto disse: “gera renda para a comunidade, sempre eles estão passando no bar e comendo alguma coisa”; e a moradora que recebe turistas nesta mesma localidade ressalta: “a comunidade gosta porque gera renda”. Percebe-se, neste ponto o turismo como instrumento para o desenvolvimento local e essa expectativa perpassa todos os casos apresentados neste capítulo. No entanto, no mesmo local, um dos donos do bar disse que o turismo ali não traz benefício nenhum, ressaltando que “eles só param lá em cima”, ao contrário do que sempre colocavam os que estão abrangidos nessas visitas.

Uma das responsáveis pelo Favela Receptiva afirma que: “a gente aprende muito com os turistas, assim como eles aprendem com a gente também”, e que através do contato com outras culturas, ela fica sabendo mais sobre o tema de interesse para ela, no caso, o movimento feminista, bem como sobre estratégias de desenvolvimento pessoal para os jovens. A moradora que hospeda turistas na favela destacou o aspecto cultural do ato de receber as pessoas como algo maravilhoso; e uma turista que se hospedava em sua casa ressaltou: “É uma experiência muito boa para aprender e conhecer as pessoas”. Vê-se que sempre, de alguma forma, aparece nesses casos a questão do intercâmbio cultural e das possibilidades de aprendizado no encontro entre identidades diferentes.

A anfitriã do Favela Receptiva destacou ainda que a atividade turística na localidade contribui com o aumento da auto-estima de alguns dos envolvidos na atividade, pois segundo a mesma “a favela é sempre desvalorizada” e muitas pessoas têm preconceito, mas os turistas não ligam para isso. É como se estivesse dizendo: se os turistas não ligam, por que vou ligar?

Rocinha

A favela da Rocinha localiza-se entre os bairros da Gávea e de São Conrado. É considerada a maior da América Latina e conta, segundo dados oficiais, com cerca de 60 mil moradores. Nesta favela oferece-se como principal produto um roteiro de cerca de quatro horas, incluindo uma escola social mantida com parte do lucro dos passeios realizados por uma agência que, aparentemente, não possui nenhuma outra ligação com o local.

O site da agência Favela Tour, escolhida por mim para fazer o roteiro em favela, disponibiliza depoimentos de algumas entidades e de alguns turistas que foram de grande interesse para a pesquisa. O site não é apresentado em língua portuguesa, apenas em espanhol, francês e inglês, apesar de a empresa ser gerida por um brasileiro.

Na Rocinha, o primeiro ponto de parada foi na Rua 1, onde muitos moradores apresentavam seus artesanatos (Figura 3); uma das artesãs disse: “a gente depende deles”, mostrando certa dependência econômica. Já no segundo ponto de parada, na laje de uma casa na qual havia uma vista panorâmica da favela, alguns meninos se aproximavam e, quando questionados sobre o que eles achavam da visita dos turistas, disseram: “acho até legal; uma vez ele (turista) me deu 10 reais”, e apontou para outra criança que estava na janela, dizendo: “aquele lá já ganhou 20”.



Figura 3-Artesã apresentando seus trabalhos para turistas estrangeiros.
Fonte: Fortunato, 2008

Tal fato justifica a aproximação deles ao grupo de turistas. Outro menino, aparentemente de uns 8 anos, disse apontando para baixo “o pessoal joga capoeira lá embaixo, eles (turistas) botam duzentos, trezentos conto”. Turistas na favela tornaram-se sinônimo de dinheiro para algumas crianças.

Em relação à percepção dos turistas, um brasileiro que acompanhava o passeio disse imaginar que fosse “um pouco mais circo, o trabalho é muito mais sério do que eu imaginava. Minha preocupação é se este dinheiro que a gente paga é realmente investido na escola que eles falam que está sendo”. Percebi certa preocupação social expressa nas falas dos turistas durante as pesquisas de campo.

A agência estudada – que organiza o passeio na favela da Rocinha – contribui para manutenção de uma escola social (esta escola a que o turista se referia) e oferece artesanatos aos visitantes durante o roteiro (Figura 4). A visita à escola Para Ti é um dos poucos momentos do passeio em que os turistas podem parar para descansar, ir ao banheiro e observar tranquilamente as crianças que jogam futebol em uma pequena quadra; podendo ter a sensação de maior proximidade com a população local.



Figura 4- Turistas visitam a exposição de artesanato em Vila Canoas.
Fonte: Fortunato, 2008

No roteiro em favela na Rocinha, apesar das trocas não ficarem aparentes, uma turista brasileira disse: “foi uma aprendizagem porque a televisão mostra uma coisa, mas na realidade é outra”. Percebi neste depoimento que sua linguagem para descrever a favela mudou no que passou a ver como uma nova realidade.

Morro da Coroa

No Morro da Coroa, na região central do Rio de Janeiro, existe uma horta comunitária na qual os turistas enviados por uma agência realizam trabalhos voluntários. O site da Iko Poran (agência que promove o que chama de “turismo voluntário”) apresenta a possibilidade de se fazer voluntariado em algumas organizações da sociedade civil, oferece explicações sobre suas propostas, relata as condições de hospedagem e posta depoimentos – exclusivamente de estrangeiros, para incentivar outras pessoas a praticar o voluntariado – e também se apresentou como de grande valia para a pesquisa.

No Morro da Coroa, na entrevista com a “turista voluntária” que trabalhava na horta comunitária, algumas de suas falas indicam o caráter solidário da viagem: “ser voluntário, ter uma missão de ajudar as pessoas”. Vale lembrar que, segundo uma agente do turismo voluntário ali, “parte do dinheiro que o voluntário paga para a agência é revertido para os projetos sociais nos quais os mesmos trabalham”. O que caracteriza uma boa ajuda financeira para a horta comunitária do Morro da Coroa.

No turismo voluntário no Morro da Coroa, que pode ser melhor entendido ao se assistir o vídeo no youtube <http://www.youtube.com/watch?v=LiPLA8q8IuY>, temos, através do site da agência, por parte dos turistas a indicação de um contato próximo dos turistas que se envolvem em projetos de associações comunitárias para trabalhar de forma voluntária com a população local; os seguintes depoimentos corroboram as colocações feitas acima: “Ter a oportunidade de trabalhar em uma favela foi uma experiência inacreditável de uma perspectiva cultural, sociológica e humana”; “foi um incrível aprendizado”; “Eu sinto que estou retornando para a Irlanda uma pessoa mais cabeça aberta e capaz”. “Eu estava lá para ensinar alguma coisa e eu acho que eles me ensinaram muito mais”. “Eu acredito que estou muito mais confiante em mim mesma do que jamais fui antes de ir ao Brasil”.

Um dos moradores do Morro da Coroa que trabalha na horta comunitária, onde a turista voluntária entrevistada realizava seu trabalho, ressaltou que: “eles aprendem algo com nós e a gente aprende algo com eles também”. A coordenadora do projeto lembrou que um turista da Irlanda ensinou-os a fazer um molho “pesto” à base de manjeriço, que hoje se tornou a principal fonte de renda para as pessoas que trabalham na horta.

A Figura 5 apresenta uma turista voluntária recebendo um combinado de plantas medicinais para tratar de uma tosse que a vinha incomodando e neste mesmo dia observa-se a turista, que já consegue se comunicar em português, falando com os trabalhadores do local sobre os tipos de queijos da França e o modo peculiar de comê-los “sempre depois de cada refeição”. Vale ressaltar que esta turista voluntária ensinou os trabalhadores da horta comunitária a realizar a contabilidade do seu empreendimento.



Figura 5- Francesa na Horta Comunitária do Morro da Coroa.
Fonte: Fortunato, 2009

Meu contato com essa turista possibilitou também um contato com suas amigas que faziam outros tipos de trabalhos em uma Associação de Moradores no centro do Rio de Janeiro. Em sua aula de francês (Figura 6) percebe-se uma intensa troca cultural, pois as alunas faziam questão de falar sobre algumas semelhanças e diferenças entre os dois países de acordo com algumas informações passadas pela professora. Vejamos alguns casos:

Enquanto a professora estava passando uma lição sobre fatos relacionados às horas e disse: “na França dizemos: *a minuit, tous les chats sont gris*” e a aluna respondeu: “no Brasil temos um ditado parecido: “de noite todos os gatos são pardos” e ambas refletiram um pouco sobre os significados desta frase. Já quase terminando sua aula a professora mostrou como os franceses fazem seus churrascos e os alunos brasileiros destacaram como geralmente procede-se no país.



Figura 6- Francesa dando aula de francês.
Fonte: Fortunato, 2009

Na aula de artes, as meninas que participavam se mostravam interessadas ao verem as professoras conversando em francês e em uma expressão de dádiva uma das alunas deu um colar de presente à professora (a questão da dádiva será analisada com maior profundidade nos casos de encontro no Programa de Turismo Solidário do Vale do Jequitinhonha).

Observou-se ainda que uma das alunas havia retratado a professora em seu artesanato produzido na aula e também chamou atenção o fato de que os trabalhos ensinados eram diferentes dos produzidos no Brasil (Figura 7)



Figura 7-Francesa em aula de artes.
Fonte: Fortunato, 2009

Tavares Bastos

Na favela Tavares Bastos, localizada no bairro do Catete, um morador do local, um inglês de aproximadamente 60 anos, mantém um hotel denominado “The Mazze”. A favela é conhecida como o local onde foram gravadas cenas do filme “Tropa de Elite” e é considerada pelos moradores como um lugar “tranquilo”.

No hotel da favela Tavares Bastos, o empreendedor, ao ser questionado sobre as motivações dos turistas para realizarem passeios à favela, disse que: “é uma aventura, é mais pessoal...as pessoas estão procurando o passado perdido...a vida metropolitana é do individual, isolado...as pessoas se perdem e se acham aqui dentro...tem gente que vem aqui e não sai...um veio para ficar 10 dias e ficou 10 meses”. Em sua fala, o morador reflete sobre as relações sociais na favela como mais próximas do que as relações com as quais seus visitantes estão acostumados, e revela características do ideal comunitário, retratado com mais detalhes no capítulo três.

Entre os tipos de turismo apresentados, o roteiro na Rocinha é o que mais recebe turista. No entanto, boa parte do recurso financeiro gerado neste tipo de turismo fica concentrado nos hotéis e nas agências. Já o turismo voluntário distribui o dinheiro, visto que paga uma quantia aos projetos sociais que recebem o voluntário, mas ainda existe uma agência como intermediadora das ações.

Já nos demais tipos de turismo que acontecem em Vila Canoas (receptivo em favela) e na Tavares Bastos (o hotel), o dinheiro passa diretamente para as mãos da população local, que por sua vez faz parte de uma rede de relacionamentos local por onde a maior parte do dinheiro passa a circular.

Babilônia

O morro da Babilônia localiza-se na zona sul do Rio de Janeiro e sua área se estende por Botafogo e Urca (Figura 8), com vista para a Praia Vermelha. Os meios de transporte utilizados para acesso a essa região são ônibus, táxi, moto táxi, van e Kombi.

No morro existem moradores que hospedam turistas em suas casas, principalmente na época de alta temporada (carnaval, ano novo, etc.) e existe, também, o albergue Chill Hostel Rio cujo dono é o austríaco Matthias Lemprecht. A presença de tais equipamentos contribui para o aumento do fluxo turístico internacional no local. Sem contar também, a vasta rede de

hotéis que são encontradas pelo bairro do Leme e de Copacabana que hospedam turistas do mundo todo e que podem aumentar a viabilização do local como um atrativo turístico.



Figura 8- Localização do Morro da Babilônia, Leme, Rio de Janeiro.

Fonte: <http://ofca.com.br/>

César Zerbinato, coordenador do projeto de ecoturismo do morro da Babilônia, explicou que foi criada uma cooperativa pelos próprios moradores da Babilônia para reflorestamento do topo do Morro e da área sem vegetação. O que antes era somente capim (Figura 9) se transformou em uma extensa área verde de 50 hectares com mais de 20 mil espécies de plantas (Figura 10).

A partir das trilhas utilizadas pelos trabalhadores, surgiu a ideia de elaborar uma trilha turística. Zerbinato nos disse que contrataram um profissional de engenharia florestal para o planejamento de um caminho com esforço físico leve para conduzir o visitante ao cume do morro, onde há uma vista privilegiada do Rio de Janeiro. Desse modo, os turistas podem desfrutar da beleza cênica da região

O projeto “Andando na Trilha” capacita os moradores da comunidade da Babilônia e a comunidade vizinha do Chapéu Mangueira para atuarem com o ecoturismo na região, em parceria com a SETUR (Secretaria Especial de Turismo do Rio de Janeiro) e o Ministério do Turismo.

Percebe-se, neste sentido, a importância da atuação do poder público para qualificação de profissionais, assim como para melhoria da qualidade de infraestrutura e gestão das atividades, assim como se apresenta no Programa de Turismo Solidário do Vale do Jequitinhonha.

Existem ações para o contínuo desenvolvimento do turismo na comunidade e na APA da Babilônia, voltadas para sinalização com placas definitivas na trilha, centro de atendimento ao visitante, *folders* e cursos de guia de turismo pela EMBRATUR com a Escola Técnica de

Figura 9- Vista do Morro antes do reflorestamento.
Fonte: <http://coopbabilonia.blogspot.com>

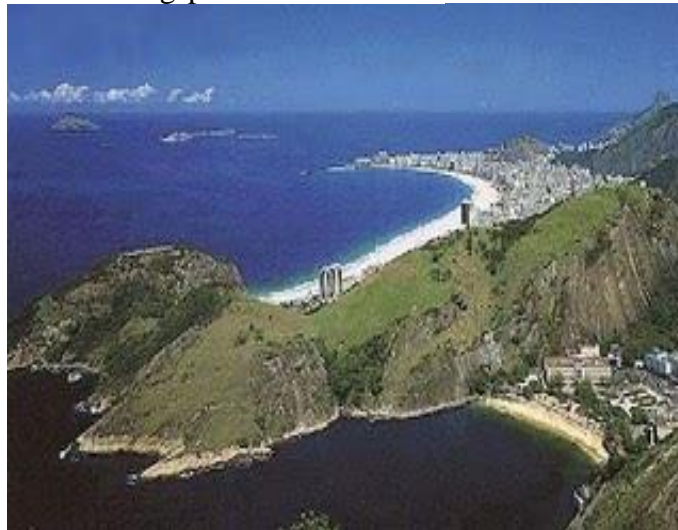


Figura 10- Vista do Morro depois do reflorestamento.
Fonte: <http://coopbabilonia.blogspot.com>



Turismo PROTUR, marcando ainda a presença do poder público.

A população envolvida no turismo tem como meta o desenvolvimento do “turismo responsável e sustentável”. Os trabalhadores envolvidos em todas as etapas desse projeto são

moradores da região. O Vice-presidente da Associação de Moradores revela um processo de inovação e diferenciação para promoção da cadeia turística da localidade ao explicitar os próximos passos da comunidade. “A gente quer fazer... Porque aqui tem uma diversidade enorme gente do nordeste de Minas e de toda e qualquer região e cada um tem o seu costume; a gente quer fazer um roteiro cultural porque desenvolve o próprio comércio para cada um vender uma coisa diferente”

No entanto, o Vice-presidente ressalta que ainda não tem essa estrutura montada para receber o turista e continua:

A gente está sinalizando isso para a prefeitura; olha nós queremos uma formalização, nós queremos o apoio de vocês para qualificar este pessoal e cumprir este roteiro... o pessoal chega aqui nove horas começa a conversar com um, conversa com o outro; daqui a pouco é hora do almoço; se ela tiver um restaurante mineiro, uma comida nordestina ela fica por aqui mesmo.

Percebe-se que já existem alguns atrativos na localidade que impulsionam a cadeia produtiva do turismo. O coordenador de ecoturismo do projeto, por exemplo, que “nós levamos 125 alunos do Colégio Britânico de toda a América do Sul, nós levamos eles para conhecer (trilha), alguns almoçaram aqui, botamos para almoçar no comércio daqui, nas padarias, bares daqui, na minha própria casa, quer dizer é uma renda extra que entra”

Ao longo da trilha são encontrados alguns elementos que enriquecem a experiência da caminhada:

- ⇒ Mirantes com visuais da cidade do Rio alcançados com paradas estratégicas para fotos.
- ⇒ Ruínas da época do Brasil colônia
- ⇒ Casamatas da época da 2ª Guerra Mundial
- ⇒ Viveiro com espécies nativas da Mata Atlântica
- ⇒ Pau-Brasil, Jequitibá, Aroeira e outras espécies nativas.

Na fala do coordenador de ecoturismo da região percebe-se um pouco mais da organização da atividade no Morro:

Vocês podem entrar aqui da forma que vocês quiserem, mas no caso aqui a gente cobrar uma visita guiada, uma pessoa que não está preparada, você vai passar e vai ver a vista, nós não vendemos a vista, nós vendemos o nosso conhecimento. Nós estamos fazendo contato com agências e estamos conseguindo colocar bastante gente para trabalhar.

Os trabalhos sociais da comunidade são coordenados pela Associação de Moradores e recebem o auxílio da cooperativa local, além de ONGs e proprietários de comércios locais. Percebe-se o envolvimento dos atores sociais locais.

Neste sentido, percebe-se além da cadeia produtiva impulsionada pelo turismo construída na localidade, uma preocupação com a melhoria das condições socioeconômicas dos moradores sinalizando para questões referentes ao desenvolvimento local.

O projeto de ecoturismo do Morro da Babilônia é uma ilustração de como ideias empreendedoras, tecnologias sociais oriundas da base cultural local, podem envolver grande parte da comunidade e gerar benefícios socioeconômicos. E assim acredito que os aspectos da organização apresentados pela comunidade do Morro da Babilônia mostram-se relevantes para localidades que queiram pensar em estratégias para o desenvolvimento da atividade turística.

Percebe-se que a ação das agências nas favelas, nem sempre está relacionada a benefícios para população local. O turismo movimentando a economia de qualquer região e pode trazer tanto benefícios, quanto prejuízos; e no caso do turismo realizado em algumas favelas, como na Rocinha, a renda arrecadada pelas agências se concentra em um grupo pequeno e a maior parte da população local não usufrui dos benefícios gerados com igualdade (FORTUNATO; NEFFA, 2010).

Nos casos apresentados, as organizações comunitárias podem ainda operacionalizar ações para que o turista permaneça mais tempo na localidade movimentando a economia local de modo mais significativo.

Pode-se notar que a atividade turística em favelas divide opiniões. Por um lado, alguns acreditam que mostrar essa realidade, é mostrar um país fragilizado nas questões sociais e é uma maneira de tornar a pobreza trivial; por outro lado, existem aqueles que acreditam que essa prática incentiva o desenvolvimento econômico das regiões “carentes” e sensibiliza o turista para que adquira uma maior consciência social/humanista.

Quando o turismo passa a ter a “pobreza” como um produto, sendo promovido principalmente por ONG`s, como vimos acima, apresenta-se um dilema: visitar a localidade para observar as condições de vida precária dos cidadãos ou visitar as regiões para contribuir com a superação de tais problemas.

Esta questão perpassa pelo campo da ética, envolvendo a capacidade do sujeito pensar no bem comum ao invés de pensar apenas no seu “prazer” ou “aventura” ao visitar uma região com sérias dificuldades.

No entanto, vale ressaltar que algumas localidades oferecem atrativos naturais/culturais, escapando assim do “atrativo pobreza”. Neste caso, essa questão concentra-se no seguinte: a atividade está contribuindo com a superação dos problemas

socioambientais? Nesta perspectiva analisam-se outros casos de turismo comunitário/solidário pelo Brasil.

1.2 O Turismo Comunitário na Prainha do Canto Verde – CE

O Turismo da Prainha do Canto Verde é tido como uma das experiências pioneiras no Brasil daquilo que vem se convencendo chamar de *turismo de base comunitária*. A Prainha localiza-se no litoral cearense cerca de 200 km ao norte de Fortaleza e faz parte da “Rede Tucum.” que se anuncia na chegada dos visitantes como explicitado na Figura 11.



Figura 11-Placa informativa na entrada da Prainha do Canto Verde.
Fonte: Fortunato, 2010

A função da Rede Tucum segundo seu fundador é reunir as experiências de diversas localidades para capacitar pessoas e fazer a promoção do turismo, pois segundo ele “o mesmo esforço para promover um atrativo promove dez”. Uma das principais estratégias para sua manutenção são os financiadores nacionais e estrangeiros; e a rede conta com o apoio do Ministério do Turismo e da troca de experiências entre os membros para seu fortalecimento.

As comunidades que dela fazem parte têm um histórico de luta pela terra ou pela proteção ambiental; e seu fundador diz que quando os membros sentem-se “atacados” por grandes empreendimentos hoteleiros, “os outros vão lá para apoiar”. Além dessas ações a Rede Tucum promove a capacitação de comunidades que queiram trabalhar com turismo comunitário. Contribui com cursos voltados para a gestão da atividade, a culinária, a hospedaria, entre outros, o que revela a questão da normatização discutida mais à frente.

Percebe-se que a formação de redes é cada vez mais utilizada na contemporaneidade. Tais esquemas são popularizados pelos avanços nos meios de comunicação, que permitem uma maior disseminação do conhecimento e a expressão de diversos olhares para um mesmo fenômeno.

Para o coordenador de turismo da Prainha, o turismo no local começou a se organizar por meio de conselhos. Conselhos de pesca, de saúde, de educação, conselho do turismo e da terra. Segundo ele, “a gente foi arrumando a casa por prioridades”; e assim explica o início do processo turístico no local:

A ideia do turismo foi consolidada em 1994 para saber que tipo de turismo a gente queria para a comunidade, na época me lembro que a gente começou a chamar as pessoas para discutir o turismo, desse encontro saímos com uma proposta de levar a ideia do turismo comunitário a um seminário, chamar ONGs, representantes da prefeitura, criamos o primeiro seminário de ecoturismo de base comunitária de lá saíram várias propostas, decidimos trabalhar com o turismo de base comunitária para gerar renda para comunidade complementando a pesca...o turismo já é considerado hoje como aumento na qualidade de vida.

Outro ator envolvido ali na questão do turismo ressaltou que as pessoas do local fizeram pesquisas de campo nas localidades vizinhas da Prainha que já trabalhavam com o turismo há mais tempo. O resultado desse diagnóstico apontava para o trabalho com o turismo comunitário. Seria um turismo desenvolvido pela própria comunidade. Em 1998 foi lançado o atual projeto de turismo comunitário.

Segundo os atores sociais locais, eles decidiram trabalhar com o turismo e logo se fizeram o seguinte questionamento: que tipo de turismo queremos? “A resposta a esta questão foi o turismo do tipo comunitário” explica o morador.

No local existem pousadas domiciliares geridas por famílias da comunidade e de acordo com um morador local “as pessoas se juntam no conselho de turismo para trabalhar junto com uma economia mista parcialmente; é propriedade individual, mas parcialmente é uma gestão comunitária”.

Para alguns moradores que trabalham com o turismo a atividade é considerada de alta qualidade, pois é possível ouvir que “nós não temos turista sexual, turista que vem para praia, para diversão e etc”. Existem pessoas que buscam a Prainha para questões relacionadas a estudos, como vi em visita ao local, um grupo de pesquisadores espanhóis interessados no modo de organização social da Prainha e outros representando uma instituição de ensino que colhiam dados para registrar o aumento dos ganhos econômicos em um determinado período de tempo. Já os turistas parece que buscam o convívio com a comunidade e “o clima de paz”. Para um dos moradores, “os turistas basicamente, estão fugindo daquele caos de cidade

grande, praias badaladas”. Vemos indicada nesta fala certa tendência ao movimento que busca o “refúgio” na natureza e também a comunidade direcionada para o bem comum.

O coordenador do turismo, ao ser questionado sobre o perfil do turista que frequenta o local, colocou que: “É muito de convívio, elas querem saber muito como é a comunidade, como é a pesca, como as pessoas desenvolvem este turismo dentro da comunidade, como é um dia de pesca no mar, o que os pescadores pescam”

Em muitos casos os turistas voltam para ficar no mesmo lugar e enviam cartões postais da Suíça e presentes para as pessoas da comunidade. O fundador da Rede Tucum se refere a uma relação não só de turista com donos de pousada, mas uma relação humana acima de tudo.

Ainda segundo o coordenador do turismo,

interagir com o turista, foi um obstáculo que apareceu...os turista vão vir a aqui e a gente vai ter que ficar perguntando o que eles querem o que não querem, isso foi um obstáculo porque todo mundo já estava acostumado com a pesca mesmo, mas isso está mudando. Procuram curso de capacitação, recepção, atendimento, hoje todos os jovens da comunidade são abertos, perguntam, falam, sai para fazer uma triha, topo seu próprio desafio de conhecer outras culturas

Todos os entrevistados foram unânimes em suas respostas sobre a principal característica do turismo por ora apresentado: “é um turismo organizado pelas pessoas do local”. No entanto, alguns moradores acostumados com a pesca começaram a perceber que uma parte das pessoas do local estava ganhando mais dinheiro usufruindo da atividade turística; deste modo, passa pelas suas cabeças que podem retirar uma fatia deste mercado. No caso da Prainha a criação da RESEX restringe a especulação imobiliária (Figura 12).

Segundo um entrevistado envolvido com o turismo na localidade, “hoje a gente tem 45 pessoas que vivem diretamente do turismo, mas indiretamente o turismo abrange mais de 100 pessoas”.



Figura 12- Reserva Extrativista da Prainha do Canto Verde.
Fonte: Fortunato, 2010

O coordenador do conselho de turismo da Prainha mostra-se disposto a tentar envolver um maior número de pessoas na atividade. A seguir ele explica como funciona o processo de planejamento do turismo na localidade.

A gente tem uma preocupação, desde quando montamos uma cooperativa informal: como é que a gente ia abranger todas as pessoas das comunidades com relação a fatia da economia do turismo, assim. A gente está sempre destinando as sobras da cooperativa... criamos um fundo social destinado ao ex-presidente para definir onde ele será gasto. 20% da renda é destinada à educação, à pesca, às festas, o que gera de recursos com o turismo beneficia de uma certa forma a todas as pessoas da comunidade. Ficamos nove anos como cooperativa informal de turismo, mas agora voltamos a ser conselho; a gente começou a perceber que a cooperativa estava afastando as pessoas por que ela é formada... no conselho cada um paga uma taxa por empreendimento ou por serviços prestados cada equipamento tem um certo valor, eles funcionam como se fosse uma cooperativa, eles pagam cotas. O conselho faz a promoção da atividade

No entanto, para uma parcela da população a pesca é ainda a atividade principal da Prainha, sendo o turismo, para alguns deles seu complemento e, apesar dos contratemplos, é neste sentido que caminha o turismo na Prainha, apesar de alguns pescadores ainda morarem em casa de palha de coqueiro e sonhar com uma casa de tijolos.

A RESEX tão almejada pela maior parte da população da Prainha, agora apresenta uma força ambivalente, pois por um lado protege o ambiente natural e regulariza os imóveis dos moradores atuais, por outro lado, provoca uma retração no fluxo de turistas que dificulta a inserção de outros atores sociais, já “impregnados” pela ideia do “dinheiro fácil” pelo menos segundo os pescadores “mais fácil e garantido que no mar”. Devido a tal impasse criou-se uma segunda associação de moradores que defende interesses opostos em relação à criação da RESEX e que pode ter financiamento de agentes externos, inclusive do exterior, com interesse na “belíssima” praia da localidade.

O coordenador do conselho de turismo da Prainha disse que estão trabalhando com um fundo para poder beneficiar a comunidade não inserida na atividade turística e segundo um dos expoentes do turismo na comunidade a atividade ainda não atingiu todo seu potencial.

Os atores sociais na Prainha faziam referência à vizinha praia de “Canoa Quebrada” como um local que não gostariam de ser, mas por outro lado, ouve-se de outros, partidários da nova associação de moradores, que a Prainha deveria ser igual à Canoa argumentando que “pelo menos lá tem emprego e aqui?”

Diante deste cenário, visitei Canoa Quebrada, e em conversas com os pescadores percebe-se que eles preferem trabalhar com o turismo referindo-se à “pesca do turista” como sendo mais fácil e garantida em relação às incertezas da pesca artesanal; mas relatam que na baixa temporada, ou quando não tem turista, ainda vão para o mar onde chegam a ficar cinco noites dormindo nas pequenas jangadas.

Nessa visita ficaram nítidas as diferenças entre o turismo comunitário da Prainha e o turismo de Canoa Quebrada, onde o pescador estava satisfeito trabalhando com o passeio de jangada e no entanto, era “explorado” pelo restante da cadeia do turismo (operadores, hotéis e agências de viagem) que organizavam o passeio e repassavam uma pequena quantia ao pescador, agora condutor de passeios na jangada, o que revela uma possibilidade de construção de novas identidades.

Na Prainha do Canto Verde e no Vale do Jequitinhonha, isso se dá de outra forma, sendo todo o montante do dinheiro passado para as mãos dos pescadores; no entanto, com um fluxo reduzido de turistas, ainda sonham com uma casa de tijolos. A fala de uma moradora local que trabalha com o turismo define bem esta situação: “turismo comunitário para mim é essa distribuição na comunidade que ajuda não todo mundo, por que nem todo mundo é envolvido no turismo, mas a maioria das pessoas”. Reforçando essa ideia um outro morador disse:

Quem não teve a ideia de construir algo que pudesse se beneficiar através do turismo hoje se sente fora como se não fizesse parte deste mundo e nosso intuito não é este, nosso intuito é trazer para que ele possa assumir algumas parte, para que ele possa ser beneficiado com seu próprio trabalho...eu sinto que fica constrangedor porque quem ganha dinheiro é fulano, porque tem uma pousada [é o caso dele], uma mercearia e nós, principalmente pescadores, o mar não está bom para peixe e então depende de outra atividade, nos momentos que eles não estão no mar que possam ter outros benefícios através do turismo para essas famílias

A principal motivação dos turistas que visitam a Prainha está ligada a tranqüilidade do local, às belezas naturais e às histórias de lutas dos moradores, na maioria das vezes este turista promete voltar, devido à relação de proximidade estabelecida com a população local. Para uma dessas turistas “é uma experiência realmente humana”. Outra disse: “eu quero que a

civilização jamais chegue aqui. Eu sou cearense e já vi praias que perderam sua beleza” deixando clara a influência romântica e do ideário comunitário perpassando o campo do turismo, como apresento no capítulo três.

De qualquer modo, o turismo na Prainha -realizado assim em proximidade com um modo de vida local- mostra-se capaz de contribuir emocionalmente com os indivíduos, pois conforme indicam os depoimentos de uma moradora que recebe turista: “teve um rapaz que me abraçou e disse coisas tão lindas para mim que eu cresci naquele momento, eu me fortalecia, aquele cansaço que eu estava aquilo acabou, aí eu disse para ele: meu filho, eu estava precisando ouvir isso de você”. Vejamos o caso do turismo nas Encostas da Serra Geral em Santa Catarina

1.3 O Turismo comunitário promovido pela Associação Acolhida na Colônia - SC

O turismo promovido pela Associação Acolhida na Colônia, nas encostas da Serra Geral em Santa Catarina, começou com a Associação de Agricultores Ecológicos (AGRECO) (Figura 13), que levava visitantes até a região para conhecer como são realizados seus trabalhos com agricultura orgânica bem como com suas agroindústrias. Esses visitantes passaram a ficar hospedados nas casas dos agricultores. Desse modo, a proposta da Acolhida na Colônia passou a combinar turismo com agricultura familiar orgânica visando promover melhorias na vida dos produtores.



Figura 13- Caminhão da AGRECO.
Fonte: Fortunato, 2010

A Acolhida na Colônia, responsável pelo projeto de turismo comunitário rural, é uma organização não-governamental de Santa Catarina fundada em 1999 que recebeu, em 2005, o prêmio do Programa das Nações Unidas para o desenvolvimento, por promover o agroturismo como alternativa econômica para agricultores familiares empobrecidos.

A proposta da Acolhida na Colônia inspira-se na Tecnologia Social desenvolvida por uma organização estrangeira *Accueil Paysan*, que defende uma experiência turística comprometida com a ética, a solidariedade, o meio ambiente e a produção rural. Nesse segmento, os ganhos são contabilizados não por lucros e dividendos, mas por indicadores como geração de renda, inclusão social e manutenção de tradições e costumes. Atualmente, são 172 propriedades em diferentes estágios de preparação para acolher os visitantes.

Anitápolis, Rancho Queimado, Santa Rosa de Lima e Urubici, são os municípios que participam do projeto Acolhida na Colônia que foi escolhido pelo Ministério do Turismo como referência em turismo rural e está em fase de expansão para o Vale do Itajaí, sendo atualmente trinta municípios que aderiram ao projeto. A prefeitura de cada município paga cerca de quinhentos reais para manter os técnicos da Acolhida, que são responsáveis pela disseminação da metodologia de trabalho, resultando no que eu vejo como *normatização da tradição* para confecção de um produto turístico com base em atendimento de expectativas do cliente.

Apostam no diferencial entre as propriedades que acabam diversificando a oferta e contribuindo para promoção do território como indutor do desenvolvimento da atividade turística.

São oferecidos a jovens universitários cursos de permacultura com foco na agricultura orgânica. Os cursos são organizados com os proprietários dos sítios que participam do projeto.

As propriedades têm um limite estabelecido pela Acolhida para recepção de hóspedes, pois, segundo uma colaboradora do projeto, caso o número de hóspedes aumente significativamente, pode-se perder as características dos encontros familiares, pois não haverá mais o convívio entre o hóspede e o proprietário do empreendimento, que se apresenta como uma das marcas do projeto.

A questão do convívio aparece frequentemente nos discursos dos envolvidos no projeto. Em conversas com uma das proprietárias de um sítio, ela revelou que uma adolescente de 16 anos pediu aos pais para passar alguns dias na propriedade como presente

de aniversário. Ela viveu o cotidiano do campo acompanhado os trabalhos com os animais e com a terra.

Certos turistas, segundo os proprietários, visitam o local para observar pássaros e costumam voltar, como no caso de um casal de franceses, que, além de voltar, também enviam fotos e cartões postais do seu país de origem, como apresentado no caso da Prainha do Canto Verde. Este fato, do mesmo modo será recorrente no turismo solidário, sendo, portanto, uma característica dos formatos do turismo estudado nesta tese.

Um dos proprietários de um sítio relata que os turistas buscam o sossego do campo em contraposição à vida corrida dos grandes centros urbanos e continua dizendo que os turistas acabam virando amigos das famílias, em suas palavras “os turistas acabam voltando como amigos e não mais como turista”

Assim, como algumas características das famílias estão sendo alteradas pela participação em um novo contexto, a infra-estrutura da região passa pelo mesmo processo; esse mesmo proprietário destaca que hoje o município já possui cobertura de celular e conta com acesso a internet, o que possibilita uma expansão e melhorias para o projeto da Acolhida na Colônia na sua perspectiva.

Como na Prainha do Canto Verde, notam-se alguns conflitos no Programa decorrentes dos supostos descumprimentos das normas da Acolhida por parte de alguns proprietários que fazem parte do Projeto, como a não utilização de alimentos orgânicos na alimentação dos turistas e a falta de acesso aos sítios, que dificulta o escoamento da produção e o fluxo turístico.

Acolhida na Colônia apresenta uma questão empreendedora trabalhando com base em concepções ecológicas; nesse sentido, um dos sítiantes relata que ele quer fazer uma oca para alguns turistas se hospedarem, disse que é uma demanda deles e ressalta que será uma unidade habitacional muito mais rústica do que os atuais chalés.

Um dos turistas disse ter conhecido o projeto no programa “Brasileiros” da rede Globo e, quando questionado sobre suas principais motivações para procurar esse modelo de turismo disse que queria trazer o filho dele para ter esse convívio com o campo. Este mesmo tipo de situação é indicado conversando-se com turistas na Prainha do Canto Verde e no Vale do Jequitinhonha, como se a humanidade estivesse perdendo algo que alguns pais tentam resgatar ao mostrar para seus filhos as “riquezas” da vida no campo.

Uma das técnicas do Programa oferece atividades relacionadas ao cotidiano da localidade ao dizer: “na Marilda, por exemplo, se você quiser pode tirar leite de manhã”. A cultura e a natureza tornam-se produtos no campo do turismo, fato que marca certa

perspectiva de turismo comunitário e solidário acionada em contraponto a outros tipos de turismo.

O mesmo turista referido acima coloca que pretende fugir do turismo mais comercial e ir para um lugar que tem menos pessoas, onde ele possa ter um contato mais próximo com a natureza, e diz que o convívio mais próximo com as pessoas do local permite um maior conhecimento das histórias da região.

Um dos proprietários ressalta a importância do turismo para geração de renda no local, mas diz que não deixará ninguém rico, pois os investimentos são pequenos e que o proprietário deve receber poucas pessoas. Vê-se aí o caráter ideológico que o projeto Acolhida na Colônia apresenta sobre o modo de trabalhar no campo do turismo.

O projeto é visto como uma oportunidade para geração de renda secundária e os proprietários são incentivados a participar dos fóruns de discussão com a intenção de aperfeiçoarem as atividades turísticas. Os depoimentos de proprietários referem-se a itens e exemplos como: fazer uma lista dos atrativos das propriedades como uma estratégia para atrair turistas para região; visando um convívio no qual o turista encontrará a “realidade do campo”; essa realidade pode incluir até a “experiência vivida e interessante” de uma criança conhecer uma galinha e a postura dos ovos; o turista que vem pelo projeto tem uma preocupação com alimentação e busca comer alimentos saudáveis, “um respeito que as pessoas acabam tendo pela natureza”.

Um desses proprietários diz ter viajado durante um longo período pelo Brasil e que ficava hospedado na casa de pessoas da comunidade por onde passava; para ele esses encontros ajudaram a entender que existem várias formas de se viver, o que fez com que ele deixasse sua vida em São Paulo e mudasse para o campo em busca de outro estilo de vida. O seu relato reforça a ideia das potencialidades de formação pessoal/construção de novas identidades no campo do turismo marcado pela promoção de encontros e convivências.

Um dos participantes do projeto relata que já foi à Europa realizar palestras e cursos de permacultura por intermédio do projeto Acolhida na Colônia e da AGRECO, e coloca que essas suas experiências como um grande benefício dessa parceria. As associações oferecem, também, curso de permacultura, culinária, hospitalidade por meio dos seus técnicos em uma perspectiva de “normatização da tradição”.

Alguns novos produtos estão previstos, como o turismo pedagógico e o cicloturismo, que “obrigam” o turista a movimentar a cadeia produtiva do turismo e reforçam o ideário comunitário.

As mensagens dos livros de visitantes revelam o olhar romântico dos turistas ao se referirem a sua experiência com frases do tipo: “viver aqui é como estar mais perto de Deus” “the sublime nature”, “oasis distante da violência”, “pedacinho do Paraíso”. A referência a terem feitos novos amigos e o retorno ao local também são mensagens recorrentes. Tem-se, portanto, um modo de turismo estritamente relacionado com o encontro e a convivência, um pouco diferente do turismo que ocorre na Reserva de Desenvolvimento do Tupé – AM, que veremos a seguir

1.4 Turismo comunitário indígena na Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Tupé (AM)

A Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Tupé está localizada na margem esquerda do Rio Negro, a cerca de 50 minutos de barco do centro de Manaus. A Unidade de Conservação foi criada pelo Decreto nº8044/2005 instituído pela Secretaria Municipal do Meio Ambiente do município de Manaus.

Neste local funcionam dois centros culturais indígenas criados com a intenção de preservar e resgatar o patrimônio dessa população. Avaliei como ocorria o turismo em um destes centros, que é composto por cinco famílias, sendo elas das seguintes etnias: Dessana, Tukana, Tuyuca, Wanana e Tatuia. A comunidade do Tupé é composta por cerca de 40 famílias, sendo que na comunidade indígena pesquisada cinco famílias se beneficiam diretamente da atividade turística contabilizando 23 pessoas.

A escola da localidade oferece ensino fundamental, mas com poucos professores que, em sua maioria, querem permanecer na comunidade, o que torna o ensino sazonal. Para cursar o ensino médio, os adolescentes têm que se deslocar para Manaus, o que muitas vezes torna a continuidade do estudo inviável. Apesar dos avanços do programa do governo denominado “Luz para Todos”, a localidade ainda não tem energia elétrica e os moradores precisam utilizar geradores movidos a gasolina para obter eletricidade. A comunidade conta com um posto de saúde, no entanto, seu funcionamento, segundo os indígenas, é precário e existem médicos apenas uma vez ao mês. A comunidade não conta com rede de esgoto nem com água encanada. Os “lagos” (igarapés) que circundam a localidade oferecem a água necessária para as necessidades cotidianas, cozinhar, lavar roupa, entre outras.

Alguns moradores trabalham com pequenos roçados e cultivam principalmente

macaxeira. O peixe e os recursos da floresta são capazes de garantir a sobrevivência da população, mas com muita precariedade, pois os hábitos de caça e pesca e roçado já não são mais atraentes quando a prioridade é, por exemplo, procurar curso de informática para seus filhos. Tendo em vista algumas dificuldades encontradas para o trabalho com a terra impostas pelo decreto de criação da RDS visando à conservação ambiental, eles decidiram trabalhar com a atividade turística, pois a mesma pode contribuir com a conservação e estimular a sustentabilidade do patrimônio cultural indígena, na visão dos mesmos.

Vale lembrar que a preservação do patrimônio indígena apresenta-se como de extrema relevância, pois os índios brasileiros sofreram grandes pressões por parte de uma cultura alheia à sua e ainda hoje vêm passando por grandes dificuldades para manter minimamente seu padrão de vida.

De acordo com as Nações Unidas (2002), os povos indígenas contribuem de forma significativa para a diversidade biológica e cultural do planeta, pois representam conhecimentos e tecnologias sociais que sinalizam para a questão da sustentabilidade.

Maldonado (2009, p.29) enfatiza que,

Os povos indígenas possuem um caráter específico na medida em que são portadores de valores, de significado e de identidade histórica. A proteção e valorização de seus patrimônios revestem um interesse excepcional à humanidade por ser parte de um legado universal: a riqueza cultural e a biodiversidade de seus territórios representam uma preciosidade em nosso planeta.

No alto do rio Negro, onde a comunidade está localizada, encontram-se vinte e duas etnias que se deslocam pela região à procura de uma melhor qualidade de vida visando educação, saúde, comunicação e transporte e possibilidade de fixação do indígena na floresta e procura nos centros culturais a promoção da cultura, respeito, integração com o ambiente natural e geração de renda. O Centro Cultural Comunitário da RDS do Tupé trabalha atualmente com três parceiros (Amazon Jungle Palace Hotel, WL sistema amazonense de turismo, e Fontur - Fonte de amor e turismo) e recebe cerca de 5.000 turistas por ano.

O turismo na comunidade está em expansão e sofre influência da visitação que ocorre na Praia do Tupé, ao lado do centro cultural. Desse modo, transformou-se um bem imaterial (a cultura) em um bem material tornando-se fonte de renda para a comunidade.

A propósito, remeto a Silva (2009), quando destaca que a valorização do patrimônio é importante para a comunidade manter uma identidade centrada, unida e coerente e que apesar disso grande parte dos projetos que promovem o patrimônio “estão fundamentalmente associadas a estratégias de rentabilização econômica, através do turismo, visando o desenvolvimento local” (2009, p.41).

Hoje, o centro cultural oferece um resumo do histórico do mundo tradicional (cosmológico) indígena por meio de algumas danças. Começa-se as apresentações com um ritual de recepção utilizando um instrumento chamado de Tarussu ou Carisso. Num segundo momento apresenta-se a dança do Deus do Som, a dança de Japurutu, que utiliza dois instrumentos representando macho e fêmea. A terceira dança é denominada de Capyuaia, que significa o aparecimento de várias línguas e vários povos indígenas. Num quarto momento, apresenta-se a dança de Maracá representando a lembrança do primeiro mundo para o mundo atual, e a última dança de confraternização convida a comunidade visitante para participar do ritual de despedida.

Nestes casos o turismo pode fortalecer do patrimônio cultural indígena. Grunevald (2001, p. 133) ressalta que:

em vez de o turismo agir de modo degradante sobre a cultura indígena, age de modo contrário, fazendo os pataxós emergir de forma diferenciada na região, e proporcionando, mesmo que indiretamente, uma produção cultural indígena recente e instrumental, que visa à construção de traços culturais constituinte da identidade étnica e que os mostra não como índios aculturados, mas como sujeitos criativos e inventivos que geram sua própria cultura com base em elementos seletivamente acionados e articulados a partir de origens diversas.

No caso dos encontros com os indígenas, observa-se que alguns turistas construíram ao longo do tempo um imaginário do que é ser um sujeito indígena, com um estilo de vida “simples” e desconectado das modernidades contemporâneas. Este imaginário é percebido pelos índios e em alguns momentos os mesmos procuram confirmar tal expectativa.

Um dos guias que conduzia um grupo de turistas menciona que a refeição dos indígenas está intimamente relacionada ao extrativismo; no entanto, na comunidade consomem-se muitos produtos industrializados. Os índios não moram em suas casas tradicionais e têm geladeiras e fogões com botijão de gás.

Os guias de turismo parecem mais tendenciosos a mostrar o índio construído no imaginário externo e ainda “afastado da civilização”. Há casos em que os guias pedem para o grupo apresentar o ritual com a língua mais utilizada pelos povos do alto Rio negro, o Tucano; um deles utiliza o termo “performance” para apresentar o ritual a um grupo de estudantes americanos.

Percebe-se que alguns turistas sentem-se atraídos em conhecer o ambiente por trás da maloca e comentavam comigo, se os sujeitos que se apresentavam “eram índios mesmo”, não em relação a sua etnia, mas ao seu modo de viver.

Usa-se ali, portanto, um bem imaterial, o patrimônio cultural dos povos indígenas, para “vender” uma experiência que pretende mostrar o índio construído no imaginário dos

turistas. Desta forma, podem arrecadar recursos para investir nos bens de consumo que têm desejo de adquirir.

Nesse sentido, assim como Grunewald (2001) citado acima acredito que o turismo pode proporcionar a valorização da cultura tradicional, reconhecendo que a mesma continua presente, mas ressignificada pelas interações sucessivas com os turistas, que quando buscam o índio “verdadeiro” de qualquer modo o encontram.

Os índios chegavam a fazer cinco rituais por dia de cerca de 30 minutos cada um e por mais aproximadamente 20 minutos vendiam artesanatos aos visitantes; se contarmos o tempo de preparação da pintura e das suas roupas pode-se pensar em cerca de 1h30 para atender cada grupo de visitantes. Com a constante visita de grupos para assistir às danças e rituais ocupa-se todo tempo dos mesmos, o que se torna uma barreira para que se dediquem às poucas atividades tradicionais passíveis de realização.

Além de índios, eles possuem identidades relacionadas ao mundo do capital; são, como eles mesmos se intitulam, dançarinos e no “camarim” trocam a tinta preta tradicional do genipapo – que demora muito tempo para sair - por tinta artificial, cada apresentação custa 10 reais por pessoa, mas acabam tendo que negociar o preço.

Em alguns casos os indígenas foram surpreendidos quando estavam realizando uma atividade cotidiana. Com a chegada de um grupo sem hora marcada, alguns deles rapidamente se caracterizaram para apresentação das danças; e sabe-se que muitos tiveram que aprender para “comercializá-la” por meio de uma “escola da tradição indígena” influenciada e motivada pelo turismo. Estamos, assim, diante de um “ritual no ritmo do capital”.

O turismo na comunidade caminha na perspectiva do desenvolvimento endógeno (ver adiante), visto que utiliza as potencialidades naturais e culturais como um bem econômico e promove melhorias das condições de vida para as populações envolvidas. Além das danças com a intenção de utilizar a cultura como bem econômico, os indígenas oferecem caminhadas guiadas pela mata, explicação sobre as plantas medicinais e demonstração de algumas práticas tradicionais.

De um lado, os indígenas já possuem um contato com o vocabulário utilizado para legitimar algumas práticas de geração de renda, pois salientam que o turismo pode promover o desenvolvimento sustentável das famílias, além de o considerarem uma boa forma de se trabalhar ao auxiliar na obtenção de itens alimentícios. De outro lado, porém, apontam que existe a necessidade de melhorar o turismo e atrair um fluxo maior de turistas, visto que consideram a atividade capaz de promover desenvolvimento para os povos indígenas através de suas manifestações culturais.

Entre os visitantes existem diferenciações, pois podem ser classificados como aqueles que somente assistem os rituais e aqueles que também procuram os passeios em que são demonstradas as técnicas indígenas de sobrevivência na floresta e nesse sentido, são valorizados os turistas que permanecem mais tempo na comunidade, como colocado por um entrevistado ao falar que existe troca de conhecimento, pautada por uma relação proporcional entre o tempo de permanência e o aumento das trocas de experiências. Isso é um importante tema no campo do turismo solidário, que será tratado adiante trabalhando com a ideia de níveis de intimidade no encontro. Alguns indígenas atribuem ao encontro o valor de um espaço de aprendizagem e se sentem, segundo os mesmos, “gratificados” quando a visita proporciona um maior convívio com o turista, passando a imagem de “bem-estar”, que foi interpretado como auto-estima nas análises sobre o turismo no Vale.

Claramente para a comunidade o turismo em seu território é considerado uma maneira de melhorar as condições de vida e não de “destruí-la”. Os índios não abrem mão da sua cultura e nem das facilidades contemporâneas e globalizantes. Neste e em muito outros aspectos, se aproximam os casos de turismo aqui referidos.

Acredito que os estudos sobre o turismo em áreas indígenas são importantes para se conhecer o estado da arte sobre o tema e contribuir com futuras abordagens e intervenções. Acredito também que entender os significados dessas atividades para os atores sociais envolvidos é imprescindível nos estudos em questão. Cabe ainda reconhecer, como será visto melhor a seguir, que nos casos apresentados um elemento está presente regularmente: em todos eles, o turismo que ali ocorre – solidário, “do bem”, comunitário – é referido em contraposição a outro – degradante, impessoal, injusto.

1.5 Uma questão estruturante: turismo *versus* turismo em áreas pobres

O turismo em áreas economicamente carentes – reconhecido nas designações e variações de voluntário, solidário, comunitário – parece não causar problemas às localidades, mas sim trazer soluções para a população local. É o que indicam entrevistados e organizações investigadas, para os quais o turismo comunitário/solidário caminha na contramão do turismo “tradicional”.

Segundo vasta pesquisa bibliográfica realizada por Barreto (2006), em alguns casos, a cultura da solidariedade, do intercâmbio e da hospitalidade dá lugar a relações estritamente

comerciais. No caso do turismo na favela, por exemplo, uma moradora pessoa que me recebeu enfatizou: “não é bem comercial”, fazendo um contraposição com o roteiro em outra favela, a Rocinha “eles (os turistas) não sentem a essência da comunidade”. Essa moradora de Vila Canoas que recebe os turistas disse: “eles (os turistas) dizem que é melhor aqui porque é mais aconchegante”.

Para ilustrar o quanto um novo tipo de turismo passa a ser colocado na moldura da solidariedade, contrapondo-se a um turismo massificado, faço um apanhado dos casos referidos e sinalizo para semelhanças com os estudos no campo do turismo solidário do Vale do Jequitinhonha – MG, que é o foco desta tese.

No site da agência Favela Tour, que promove roteiros em favela, aparecem alguns comentários dos turistas em relação a esses roteiros: “seguro, distinto y muy interesante”, “extremamente recomendable para cualquier persona que quieira conocer más que las playas de Brasil” e nas falas dos turistas que fizeram o roteiro pude perceber que estavam decididos a conhecer “um outro lado do Rio de Janeiro”.

No Turismo Voluntário, da Iko Poran, também encontrei os turistas acionando certos diferenciais tendo como referência um “outro modo” de se praticar turismo: “Eu queria visitar lugares e conhecer pessoas não como um turista”; “Esta é uma grande oportunidade de se fazer alguma coisa importante e ao mesmo tempo poder experimentar o Rio e o Brasil de uma forma diferente”; “As Crianças foram muito amáveis e carinhosas conosco desde o começo. Realmente tivemos a sensação de estar na comunidade”; “Eu queria ter uma experiência diferente da de um turista” (citações tiradas dos depoimentos no site)

As “turistas voluntárias” entrevistadas também se colocam em contraposição a “outro tipo de turismo” ao ressaltar que: “não é o mesmo que ser turista aqui” E quando comentei, por exemplo, sobre o roteiro em favelas, uma delas disse: “eu não gosto vir aqui e dizer oh, oh e não fazer nada” remetendo-me à questão da ética nas visitas. Para a turista que se hospedava na favela receptiva: “é muito diferente de vir como uma turista e ficar em um hotel”.

Graça Joaquim (1997, p. 74) também ressalta tal contraposição ao dizer que:

A problemática dos novos produtos turísticos (rural, ecológico, sustentável, cultural e etc) é comumente explicada pelas alterações das motivações que, no contexto do turismo rural e ofertas similares, são designados por visitantes ou hóspedes. Pretende-se classificar por oposição ao turismo massificado, marcando claramente a distinção

O Turismo Solidário que será analisado em sua ocorrência no Vale do Jequitinhonha, por sua vez, foi várias vezes colocado em contraposição a “outro tipo de turismo”, apesar de também estar permeado por relações comerciais: o que aparece em frases do tipo: “você passa

a ser um membro da família da comunidade, não simplesmente um turista que vai e fica em uma pousada e um hotel”.

Também percebo que os componentes dos grupos gestores de implantação do Programa de Turismo Solidário, depois de participar de vários cursos para receber os turistas e organizar a atividade, estão certos do tipo de turista que eles desejam receber e também fazem a sua escolha em contraponto a “outro tipo de turista”, mesmo que não estejam tão claras as estratégias que serão utilizadas para que este fato se concretize; vejamos um depoimento que ilustra tal fato:

O turismo solidário é diferente daquele turismo que vem para bagunçar, as pessoas que procuram o turismo solidário são mais organizadas, é um turismo mais respeitoso, mais consciente com a natureza, isso é muito importante; acho que quando ele vem e quer ser solidário é diferente daquele que vem para beber, ligar som alto, ficar com o carro para lá e para cá. (mas você chegou a receber este outro tipo de turista?) Não, muito pouco, a gente já sabe o tipo de turista que a gente quer...as pessoas que chegam fazendo bagunça a gente chega com toda educação, a gente vai explicar para eles, o turista que a gente quer...aqui é humilde, mas é tudo tranqüilo

Nesta fala fica nítido que o turismo solidário no próprio contexto em que ocorre é visto como uma modalidade de turismo diferenciada. Talvez este possa evitar que ditos “paraísos ecológicos” – a região do Vale é muito bela em seus atrativos naturais – se tornem como a Vila de Abraão na Ilha Grande-RJ, que, segundo um dos moradores citado por Prado (2006, p 272) “perdeu o encanto”; ou ainda: “estou muito preocupado com esse turismo, vai destruir a Ilha – gente demais, acúmulo de lixo...”.

Segundo um integrante do grupo gestor de um dos vilarejos, o “turista solidário” “é diferente do turista *standard* que vê a placa do restaurante e já vai até lá; ele não quer se envolver com a comunidade... eles (sobre os turistas solidários) sempre têm uma troca, eles trazem informações.”

Em relação às organizações, a cooperativa portuguesa “Mó de Vida”, também se utiliza desta contraposição para revelar as características daquilo que eles chamam de turismo ético e solidário. Vejamos: “A Mó de Vida pretende que o turista não seja mero consumidor passivo de um produto, como nas viagens convencionais, mas que participe activamente de uma experiência colectiva única, que permita um intercâmbio”.

Já na França e na Itália, os turismos solidários e “responsável” surgiram em contraposição ao turismo de massa. Ambos buscando limitar os malefícios por estes causados, dentre os quais podemos enfatizar a concentração dos recursos nas mãos de grandes operadoras de turismo (Bellia & Battessi, 2004).

Na Travelaid do Reino Unido também aparece a mesma estrutura de significados quando destaca que “como um voluntário da Travelaid você tem uma oportunidade de ser mais que um turista” e assim implicando que você pode fazer amizade de uma forma jamais imaginada por um “turista normal”.

Na compreensão de tais fatos, podemos recorrer a Bruner (2005) que destaca que alguns turistas buscam experiências diferenciadas para que possam organizar uma narrativa sobre viagens que pareça inusitada e única. E a Freire-Medeiros (2007) que sugere que existe um público ávido por experiências que o coloquem em um grau acima na hierarquia de status dos “*world travelers*”.

Os casos relatados acima são muito importantes para pensar em uma característica marcante de certos contextos na sociedade contemporânea, em que as pessoas dão sentido ao que fazem se diferenciado do outro no intuito de se auto-afirmar em sua decisão, em sua postura e sua forma de perceber a realidade. Nesse campo pensar a questão da identidade torna-se relevante para entender os significados atribuídos à atividade turística.

Neste sentido, o turismo promovido em áreas economicamente carentes parece exaltar as localidades onde ele acontece, apostando em uma sensibilização por parte dos turistas para que os mesmos decidam de “maneira solidária” contribuir de alguma forma com as localidades.

Na Prainha do Canto Verde, encontrei um turista italiano com a sua família, que fala de certo “turismo responsável”, dizendo: “fomos em um lugar chamado Coqueirinho, tem umas sessenta famílias que moram lá em um assentamento e ficamos lá dois, três dias trabalhando com eles”. Este turista comprou uma casa na região e traz a família para passear pelo Brasil; no lugar, dizem que eles almoçam cada dia na casa de uma família.

Neste capítulo, foi possível perceber o quanto é expressiva essa nova demanda “por outro tipo de turismo” e que sinaliza para contatos mais próximos com as populações dos locais visitados. Essa característica potencializa a gestão local e o modo de ser das comunidades visitadas, e pode proporcionar melhorias na qualidade de vida dos cidadãos envolvidos com o turismo, ao mesmo tempo que o surgimento de novos olhares para a realidade.

No próximo capítulo apresento o Vale do Jequitinhonha e suas principais características na visão dos seus próprios moradores. Faço um retrato amplo desse lugar que é foco de estudo a fim de abranger um grande leque de questões que me aproximam com o tema

do turismo solidário. Mostro também a aposta do Governo de Minas Gerais no Programa de Turismo Solidário, entre outros aspectos, para minimizar alguns problemas socioambientais.

2 O VALE DO JEQUITINHONHA, MG E O TURISMO

O Vale do Jequitinhonha é formado por 51 municípios, divide-se em parte alta, média e baixa, estando localizado entre o norte e nordeste de Minas Gerais (Figura 14). Trata-se de antiga região de exploração de ouro e diamantes e segundo alguns dos seus moradores “ainda existe muito ouro nestas encostas”. A região era isolada, mas diretamente ligada aos interesses do velho continente devido à grande quantidade de minérios encontrados na região.



Figura 14- Localização da região do Vale do Jequitinhonha.

Fonte: <http://www.idene.mg.gov.br>

Entretanto, essa atividade entrou em declínio devido à escassez do minério e à degradação ambiental decorrente da sua exploração (Figura 15).

Hoje ainda existem garimpeiros na região. No entanto, vivem na ilegalidade e fazem uso de ferramentas que não permitem uma exploração em larga escala (Figura 16). Esta situação trouxe dificuldades financeiras para a região.

Para o historiador Martins (2008, p.69) “na região de Diamantina, estimava-se que, no ano de 2001, atuavam 30 mil pessoas nas catas de diamante, trabalhando intensamente no período da estiagem, de 5 a 6 meses por ano. Os garimpeiros de Diamantina receberiam, conforme estimativas da época, renda média mensal de 2,5 salários mínimos”.



Figura 15-Problemas ambientais (erosão) em São João da Chapada.
Fonte: Fortunato, 2009



Figura 16- Mineração ilegal no Rio Araçuaí.
Fonte: Fortunato, 2009

Era 3 de agosto de 1989, o IBAMA interditou as atividades minerais no Alto Jequitinhonha, baseado na Lei Federal 6.938/81 e no Decreto 88.351/83. As razões alegadas foram: a) o rio Jequitinhonha encontrava-se em estado crítico de poluição; b) a necessidade de garantir o abastecimento de água dos municípios a jusante do rio. Apanhados de surpresa, os garimpeiros de Diamantina tentaram sensibilizar as autoridades e o povo do município, concentrando-se no centro da cidade e montando rancho na Praça Correia Rabelo, diante da Prefeitura. Ficaram acampados ali de agosto a dezembro de 1989. Do acampamento partiam grupos de garimpeiros, diariamente, para fechar o comércio, as escolas e as repartições públicas. De acordo com Martins (2008) os mais exaltados quiseram colocar explosivos na ponte de Mendanha, para interromper a estrada que dá acesso ao Vale do Jequitinhonha.

Por esse cenário, não é difícil perceber como essa atividade foi significativa para região. É possível avaliar as relações entre a exploração do ouro e do diamante no passado e o fim da exploração no presente pela fala dos moradores do lugar: “isso aqui vivia cheio de gente, agora virou isso aqui”, “é uma comunidade bem fraquinha porque aqui era garimpo”, “aqui não tem recurso de vida nenhum para nós”, “para ver se surge uma nova alternativa aqui, o garimpo acabou”.

No entanto, apesar de algumas pessoas falarem com certo saudosismo dessa época, outras procuram evitar o assunto, pois a exploração dos minérios não as beneficiou diretamente. Alguns moradores lembram-se destes momentos anteriores como “uma época de sofrimento”; um dos ex-trabalhadores disse “só sofria para fazer a retirada dos diamantes, depois não ganhava dinheiro nenhum” e termina “comeram do meu suor”. Outro relata que:

O Vale do Jequitinhonha é famoso pela pobreza, é uma região das mais pobres do estado de Minas, é uma contradição porque foi uma região rica em ouro e diamante, mas como sempre nosso ouro e nosso diamante foi para o exterior e a gente ficou com os buracos, estragou tudo e a gente ficou com os problemas

Ainda segundo Martins (2008, p.71) “a sina da Colônia: os garimpeiros faziam os grandes ‘descobertos’ e, então, eram expulsos pelos grandes mineradores e diamantários (negociantes de ouro e diamantes), os proprietários legais dos ‘terrenos minerais’”. Hoje a região do Vale é considerada uma das maiores produtoras de eucalipto do mundo. Em caminhadas pelas localidades de Coqueiro Campo e Campo Alegre pode-se perceber este tipo de plantação (Figura 17).



Figura 17-Exploração do Eucalipto no Vale do Jequitinhonha.
Fonte: Fortunato, 2009

2.1 Ambivalências em relação aos aspectos econômicos

Dois homens estavam conversando na porta do ônibus quando me encaminhava para São Gonçalo do Rio Preto e um deles disse: “a mineração está chegando, a firma já está terraplando, vai ficar bom demais”. Percebi que o homem estava passando por dificuldades por falta de emprego na região e depositava sua esperança na tal mineradora, que, como vim, a saber, depois, será construída próxima ao município de Serro.

Nesta cena, pode-se perceber a ambivalência dos fenômenos socioeconômicos que ali ocorrem: por um lado, a extração de minérios vista como um problema ambiental, como podemos perceber na fala de outro morador que afirma que novas mineradoras vão causar um imenso estrago; por outro, vista como uma solução para um desempregado, que vive em uma localidade na qual o IDH é um dos mais baixos do Brasil e comparado com outros países pobres do mundo, conforme mostra a figura 18 retirada do site do IDENE.

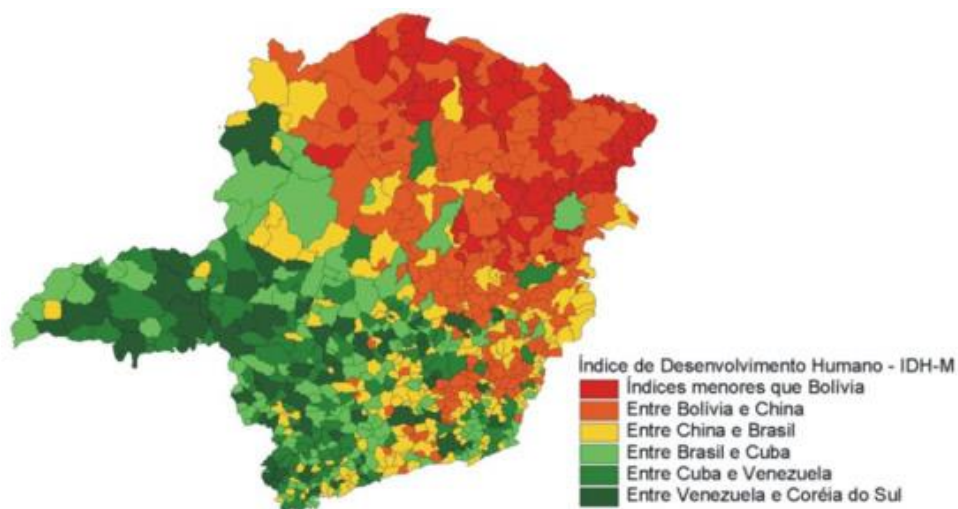


Figura 18 - Comparação do IDH do Vale do Jequitinhonha com outros países do mundo.

Fonte: <http://www.idene.mg.gov.br/>

Para Martin³, a fim de minimizar esses problemas e melhorar o IDH da região a solução para Minas não é a mineração, mas sim o turismo porque o turismo não acaba com a paisagem desde que se aprenda com outros lugares do mundo. O turismo frequentemente é uma aposta frente ao declínio de alguma atividade econômica e pode ser o responsável por manter a população rural no campo, visto que o crescimento geométrico populacional da região entre 1970 – 2000 foi negativo⁴ e as grandes cidades brasileiras passam por dificuldades devido à “explosão” demográfica.

Tendo em vista esse cenário as agências públicas, além do estímulo ao turismo, oferecem linhas de crédito para estimular a permanência da população na zona rural e desenvolver a região. A produção é baseada na agricultura realizada pelas famílias. Tal modo de produção bem como outros aspectos da cultura local são redescritos como atrativo turístico.

2.2 A religiosidade: uma marca dos vilarejos do Vale

As associações de moradores criadas em prol da melhoria da qualidade de vida local têm forte relação com a religiosidade, sobretudo a católica, nos vilarejos. Uma expressão dessa religiosidade é que é comum as pessoas andarem pelas ruas pedindo a benção para determinadas outras pessoas; e as igrejas ocupam lugares altos marcando pontos de referência para a população local (Figura 19).

³ Martin é um líder comunitário que mora em São Gonçalo do Rio das Pedras-MG.

⁴ Disponível em <http://www.ufmg.br/polojequitinhonha/conhecimento.php> acesso em 09/11/11



Figura 19- Igreja no alto como ponto de referência.
Fonte: Fortunato, 2009

Em Santa Rita do Araçuaí um senhor dizia ser o organizador da Folia de Reis, relatando sobre a cantoria pelas ruas e as visitas as casas das pessoas cantando coisas do tipo: “senhor desta casa abra a porta e acenda a luz vem receber santos reis e o retrato de Jesus”. Ao entrar nas casas cantam-se versos para os moradores do tipo “se esta casa fosse minha eu mandava ladrilhar para receber visita na hora que ela chegar” e fazem-se refeições.

Em Diamantina, o principal município do Vale acompanhei uma “Folia de Reis” e um dos participantes dizia “a gente se alegra e alegra o pessoal da casa”, remetendo à ideia da dádiva a ser trabalhada no próximo capítulo a propósito do turismo. A folia de Reis acontece do dia 1 de janeiro até o dia 6 e simboliza a visita dos reis magos ao recém nascido Jesus. Os moradores de Diamantina se referem à festa como tendo mais de 2.000 anos recheando a mesma de significado transcendental. Pandeiros, violas e vozes empolgadas animam a cantoria, que termina com um lanche e um café na casa do anfitrião; a bandeira é guardada na última casa visitada no dia e a cantoria continua pelas casas no dia seguinte com frases como: “abre a porta meu devoto morador”.

Já em São Gonçalo do Rio Preto presenciei-se uma apresentação das pastorinhas e em São Gonçalo do Rio das Pedras a festa do Padroeiro da cidade, sempre acompanhada por muitas pessoas de toda a região, com procissão, forró e muita devoção.

Nas casas de diversos vilarejos estavam presentes os símbolos da Igreja Católica. Em Milho Verde, festeja-se São Sebastião e os moradores em procissão tocam tambores, matracas e soltavam fogos (Figura 20).



Figura 20 - Procissão da festa de São Sebastião.
Fonte: Fortunato, 2009

Algumas pessoas não puderam dar atenção ao pesquisador em determinados momentos, porque estavam se preparando ou indo para a igreja. Embora a religiosidade predominante seja a católica, há no Vale também os evangélicos, “pessoal da outra religião ajuda também. Ela é boa também”. Não consegui perceber indícios de outros credos, apesar da região ser fortemente influenciada pela cultura africana.

Além de uma função de integração social, ou de distinção - quando as pessoas pertencem a outras denominações - em algumas localidades, as igrejas católicas são apresentadas como atrativos turísticos ou simplesmente como um lugar importante que se pode relacionar com a memória local. Sobre tais aspectos relacionados à religiosidade algumas falas chamam atenção e merecem destaque: “Nunca tinha visto é muito lindo” (turista sobre a folia de Reis), “agente se alegra e alegra o pessoal” (cantador), “eu quero ver se no último dia eu estou com eles” (morador local), “a esmola para o Senhor é uma esmola valiosa” (cantador - o dinheiro arrecadado era revertido para uma casa que cuida de idosos), “Quando Deus dá o dom é para ajudar” (cantador).

2.3 O artesanato do Vale

O artesanato no Vale do Jequitinhonha aparece como um dos seus principais produtos, e não é raro encontrar pessoas que enaltecem a riqueza da arte local. No Museu Popular da Casa do Pontal no Rio de Janeiro algumas peças aparecem em destaque. No Museu do Folclore o artesanato do Vale ganhou espaço em uma exposição temporária em 2010 e o livro da exposição dizia “Em seus vinte e sete anos de atuação, o programa Sala do Artista Popular já voltou seu olhar para o Vale do Jequitinhonha por diversas vezes”.

O barro é a principal matéria prima do artesanato local e as representações variam entre aspectos do cotidiano e cenas antropomórficas que misturam formas humanas com a de animais. Durante minhas visitas às associações de moradores, pude perceber a produção de bonecas e utensílios de barro (Figura 21), bordados, tapetes, petecas, objetos de capim, entre outras peças. É importante ressaltar que o artesanato é pensado ali como uma estratégia de sobrevivência diante das dificuldades econômicas.



Figura 21- Artesanato do Vale do Jequitinhonha-MG (Coqueiro Campo).
Fonte: Fortunato, 2009

Na cidade do Rio de Janeiro, vi que em duas localidades “famosas”, peças do Vale eram vendidas por um preço muito alto em relação aos produtos comprados em Coqueiro Campo e Campo Alegre durante uma visita no campo. Algumas peças chegavam a custar mais de 3.000 reais. Diante desse contexto, as perspectivas relacionadas à economia solidária e a formação de redes de “comércio justo” apresentam-se com um enorme potencial.

Nas cidades citadas acima aconteceram algumas experiências no campo do turismo solidário que exploraram os modos de produção dos artesanatos e, como atrativos, foram oferecidas algumas oficinas nas quais os turistas produziam suas próprias peças.

2.4 A pobreza e a riqueza do Vale

As representações do Vale do Jequitinhonha remetem-nos, por um lado, à ideia de pobreza, e por outro lado, à “riqueza nesta pobreza”, como diz um morador do Vale. Tal riqueza é expressa por um turista que visita a região com frequência e diz “há um hábito cultural de serem solidários, isso desde os tempos da pobreza mais intensa, quem tinha alguma coisa dividia com os outros, pois sabia que o outro ia fazê-lo em outro momento. Isto seria uma estratégia de sobrevivência com ajuda mútua”. Os moradores do Vale acabam sendo caracterizados como simpáticos e hospitaleiros e recebem elogios do mesmo turista “eles querem saber de você, quem você é o que você está fazendo aqui”. “Em outros locais exploram os turistas e não o turismo.”

Em uma comunidade do Orkut fica nítido que existe no imaginário dos frequentadores certa visão em relação ao Vale. O título da comunidade é “sou do Jequi e não passo fome”; participam 1066 pessoas e em sua descrição coloca-se: “chega do estereótipo do sertanejo faminto, chega de perguntas do tipo quer um pão? Chega da cara de dó das pessoas quando elas perguntam do lugar da onde você é, chega dessa história de Vale da Pobreza”. Percebe-se, neste trecho, um desejo de libertação dos vários estigmas e uma tentativa de redescrever o Vale em termos de um local rico nos campos dos saberes locais e da solidariedade.

Em uma visita a Santa Rita do Araçuaí, uma das moradoras do local ressaltou que ela fica feliz com a presença de turistas no local, pois desse modo eles (os turistas) poderão ver que não é só pobreza. Em Mendanha, outra moradora enfatiza novamente a questão da “marca” que a região insiste em carregar ao dizer: “aqui dizem que é o Vale da Miséria, mas é o Vale dos encantos por aqui a água é pura, tem um cheiro diferente”, e reafirma que é o Vale da singeleza, não da pobreza.

Com a proibição da extração, tida como boa ou ruim por diferentes atores sociais, resta então, à primeira vista, o cultivo da terra. Contudo, escuta-se que “uns arrisca São Paulo, outros Belo Horizonte, não adianta plantar porque não dá nada”. Em algumas localidades

percebi espécies cultivadas, e segundo um morador, a UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais) vem testando novas tecnologias para o plantio em larga escala na região de Capivari.

Os tropeiros são bastante referidos pela região e as tropas, compostas por burros que levavam as cargas de mantimentos e os metais que escoavam rumo ao Rio de Janeiro e a Paraty, ainda são encontradas em alguns ranchos pelas cidades do Vale. Diante dessa espécie de “cultura de viagem”, talvez se possa supor uma continuidade na atual disposição em receber pessoas e na tendência a hospitalidade, traduzidas no turismo que ali passou a ocorrer.

No entanto, de modo geral, a questão do êxodo rural – problema enfrentado pelo Brasil há muito tempo – continua a assombrar a região. Pelos vilarejos visitados pôde-se perceber que muitas pessoas saem para trabalhar no corte de cana no interior de São Paulo. Em conversas com os moradores ouvi as seguintes falas: “começa sofrer quando sai de casa” “deixa a mulher, quando chega o filho já está grande”; segundo esta mesma mulher “outros voltam para a família no caixão” (ela havia perdido o marido nas plantações de cana), e um homem completa “aqui existe muita mulher viúva de homem vivo”.

2.5 A Funivale

A Funivale é uma Associação Pró-fundação Universitária do Vale do Jequitinhonha, criada por Martin e estudantes em 1989. Suas preocupações estavam relacionadas ao desenvolvimento regional com base na agricultura e, segundo a coordenadora do projeto, na “época uma palavra que está muito na moda hoje que é desenvolvimento sustentável, eles falavam de outras formas, a Funivale foi baseado nisso... só que não tinha essa denominação... cada hora a gente tem uma que tá usando, na moda”.

O objetivo era fundar uma universidade fora dos padrões normais e produzir conhecimento junto aos cidadãos das localidades do Vale por meio da valorização da cultura local e uma reflexão crítica sobre o fazer cotidiano. A coordenadora ressalta que uma das missões da Funivale é “promover a emancipação do homem”.

A associação trabalha atualmente em três frentes (1) educação popular, educação de base, (2) educação ambiental, (3) desenvolvimento sustentável. Desenvolvem-se projetos como “Paulo Freire Educador” e “Terra Mãe”, que incentiva a agroecologia e preocupa-se com a questão da nutrição e “salas verdes” para trabalhos de educação ambiental.

A Funivale produz todo ano o Festival de Férias de São Gonçalo do Rio das Pedras para o qual são convidados alguns profissionais voluntários para ministrar oficinas culturais de teatro, dança, fabricação de instrumentos musicais, entre outras.

Tais festivais sinalizam para ideia de turismo solidário e alguns desses voluntários/turistas foram informantes na coleta de dados desta pesquisa, apesar dos mesmos não estarem sendo intermediados pelo Programa de Turismo Solidário, o que revela a ideia de redes para além do turismo solidário, a ser discutido no próximo capítulo.

2.6 Percepções locais da população sobre o turismo na região

Aqui, apresento as percepções de indivíduos envolvidos com a atividade turística na região estudada considerando o fluxo existente de turistas; a partir da aplicação de questionários junto a dezoito moradores das localidades (membros dos grupos gestores, que são cerca de vinte, cinco em cada localidade): Mendanha, Capivari, Alecrim e São Gonçalo do Rio das Pedras.

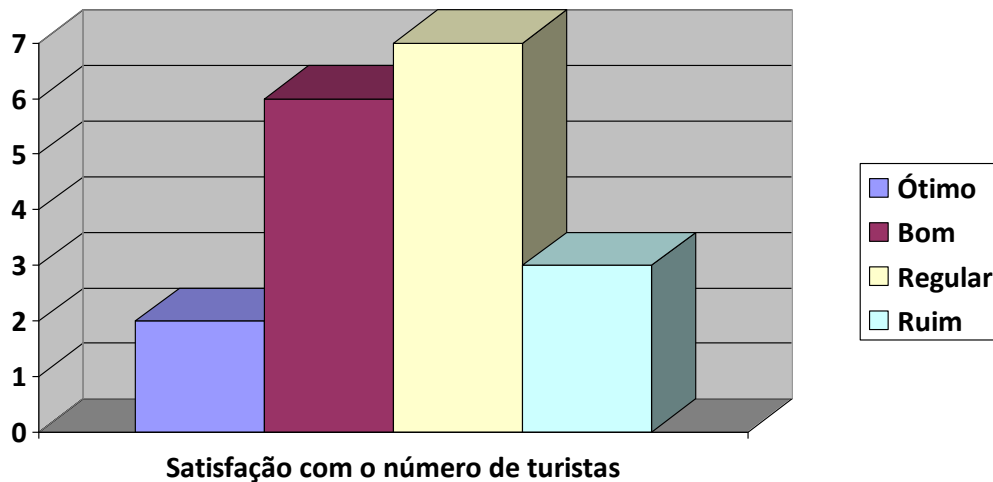
Tal abordagem permite entender como o turismo se expressa no senso comum das localidades estudadas. Vale lembrar que se trata de um método quali-quantitativo, visto que mesmo as questões ditas como fechadas eram completadas com questões adicionais de acordo com a fluência com que as pessoas se referiam a sua realidade.

Nos estudos de Silva, (2009) é explicitado o quanto o turismo afeta as populações residentes no espaço rural e se traduz tanto por seus aspectos positivos, como geração de emprego e renda, quanto por seus aspectos negativos, como poluição e “descaracterização cultural”. Também, segundo Butler (1980) as visões dos indivíduos mudam de acordo com a fase do desenvolvimento da atividade turística na região: na fase inicial existe uma grande perspectiva de melhorias e a mesma decresce com o aumento do fluxo, o que reflete a ideia dos ciclos do turismo tratados à frente. Nas análises que seguem é nítida a esperança que os informantes depositam na atividade, apesar de alguns mostrarem-se preocupados ao prever possíveis dificuldades com o aumento do fluxo, que, segundo os mesmos, deverá ocorrer com a implantação do asfalto.

A frequência de turistas na região

O Primeiro aspecto considerado refere-se à frequência de turistas na região utilizando uma escala de ótimo até ruim. Têm-se os seguintes resultados no gráfico 1:

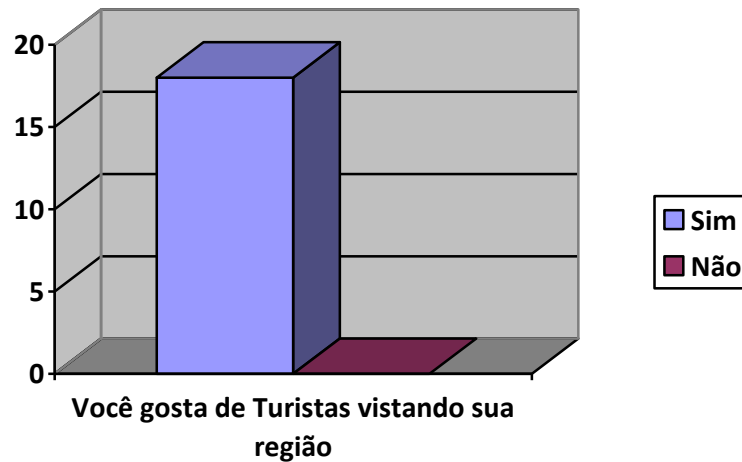
Gráfico 1- Nível de satisfação com a demanda de turistas.



O quesito que apresentou um resultado mais significativo foi o *regular*, que acompanhado dos comentários a esta questão, permite perceber a esperança das pessoas no aumento do fluxo turístico; comentários como: “está muito devagar ainda”. Tem-se o turismo como uma possibilidade para geração de emprego e renda por meio das hospedagens domiciliares, dos artesanatos e do comércio local.

O apreço pelo turista

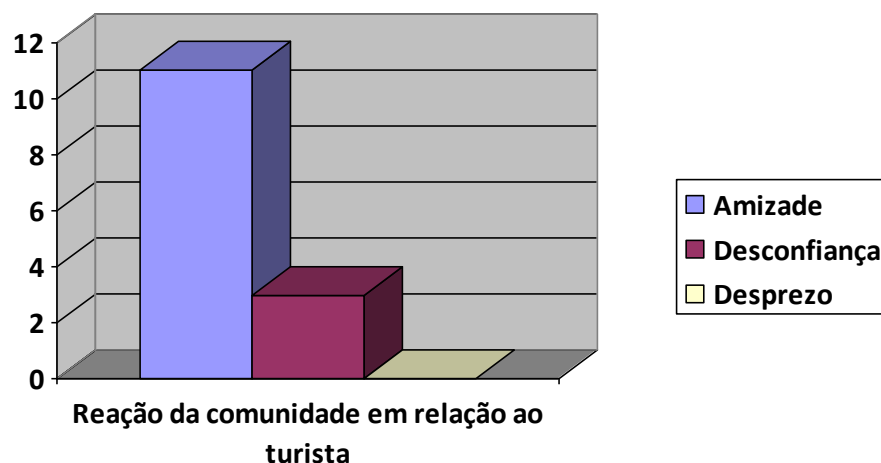
O turista procura bem-estar nos seus momentos de lazer, o que está diretamente relacionado à qualidade da hospitalidade dos moradores de determinada localidade quando os recebe. Desse modo, analisar como eles são percebidos pela população pode ser um bom indicativo da referida hospitalidade. Neste sentido foi colocada a seguinte questão: você gosta de turista visitando sua região?

Gráfico 2- Nível de satisfação em receber o turista

Todos os indivíduos questionados disseram gostar de receber os visitantes e, quando questionados sobre os motivos disso, discorriam em torno dos seguintes aspectos: dificuldade financeira, valorização da cultura local, troca de experiências, contatos e novidades. Neste ponto, dialoga-se com Silva (2009) que, em sua pesquisa com o turismo em espaço rural, percebeu que este contribui de diversas formas para o desenvolvimento local das áreas em que é implantado. Assim, como o diagnosticado no turismo solidário do Vale do Jequitinhonha (MG).

Percebe-se que existe uma disposição positiva das comunidades para trabalhar com o turismo, pressupondo que se os visitantes forem bem tratados, poderão, desta forma alcançar a fidelização do cliente.

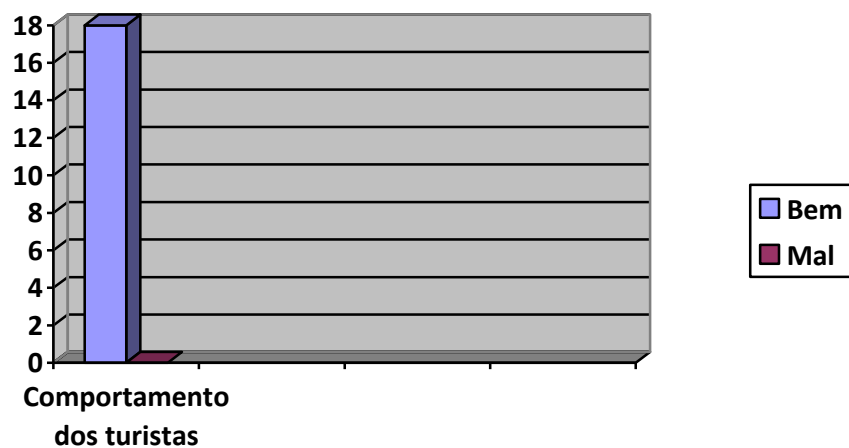
Outra questão referia-se à reação da comunidade em relação aos turistas; de modo geral, trabalhou-se com três categorias *a priori*: amizade, desconfiança e desprezo, obtendo-se os seguintes resultados.

Gráfico 3- Sentimentos em relação ao turista

Os casos reportados como de desconfiança relacionam-se, principalmente, ao início das atividades turísticas nas regiões visitadas e às diferenças culturais, marcados pelo modo “não-tradicional” de se vestir e de se comportar: “Brinquinho” (nos homens) – como disse uma moradora.

Tais aspectos sinalizam algo que possa vir a ocorrer com maior frequência dependendo dos caminhos que o turismo tomar na região. Quando questionados sobre o comportamento dos turistas todos os entrevistados disseram que os turistas se comportam bem.

Gráfico 4- O comportamento dos turistas



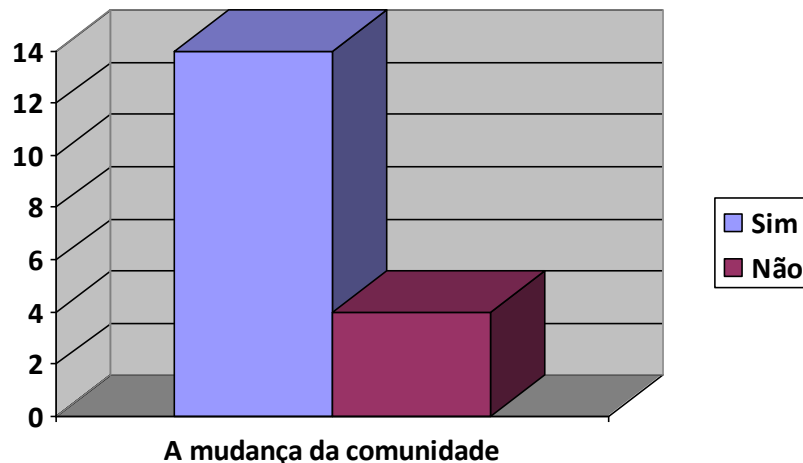
Apesar de todos os entrevistados demonstrarem satisfação com relação ao comportamento dos visitantes, fazem algumas ressalvas e sinalizam para alguns problemas relacionados ao som alto dos carros e à velocidade de alguns visitantes com seus carros e motos. É possível observar certo incômodo por parte de algumas pessoas com o uso de roupas de banho pela região central de São Gonçalo do Rio das Pedras, por exemplo.

2.7 Alterações nas localidades e o ciclo do turismo

No campo de estudos do turismo, este é tido como um fenômeno social que pode criar forte relação com os modos de vida de determinadas populações por sua repercussão nos locais e ao inserir novas informações que serão processadas pelos envolvidos.

No próximo gráfico pode-se observar que a maior parte dos informantes pensa que houve mudanças com a chegada do turismo.

Gráfico 5- Mudanças na comunidade



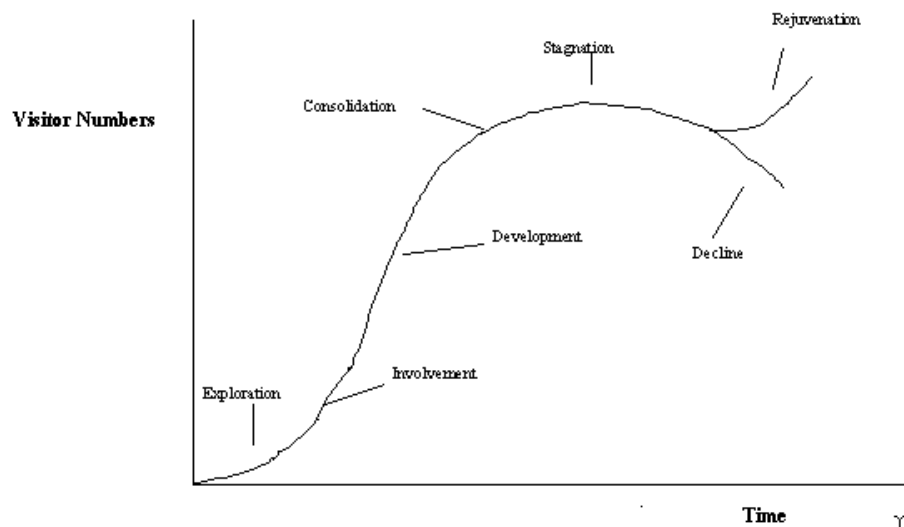
Os principais motivos para as mudanças percebidas estavam relacionados, à melhoria das casas, da qualidade de vida e da cadeia produtiva oriunda do turismo. Vale lembrar que os entrevistados dizem que esperam mais melhorias com o advento do turismo, facilitado pelas estradas asfaltadas que chegaram à região, apesar de haver posições divergentes, principalmente daqueles que vieram de outras regiões procurando a “calma” e a “simplicidade” da região.

Aqueles que pensam que sua localidade não mudou também possuem esperança de que possa mudar por meio do turismo, mas sinalizam a importância das regras a serem cumpridas para que não ocorra algo parecido com Milho Verde, localidade dos arredores, que, segundo alguns entrevistados, possui uma série de dificuldades com o turismo “desordenado”.

Desse modo, percebo que a qualidade do turismo nas localidades está relacionada à qualidade da sua gestão, com base na qual podem estar sempre em processo de

rejuvenescimento, para evitar o ciclo de *ascensão, estagnação e declínio* que, na visão de Butler (1980 Apud COOPER, 2001), marca parte da atividade turística.

Gráfico 6-Ciclo do turismo



FONTE: Butler, 1980

Outros autores, como Doxey (1975 apud COOPER, 2001), também destacam diferentes estágios das localidades alvo de turismo que merecem atenção:

1. Euphoria — delight in contact
2. Apathy — increasing indifference with larger numbers
3. Irritation — concern and annoyance over price rises, crime, rudeness, and cultural rules being broken
4. Antagonism — covert and overt aggression to visitors

Neste sentido, a proposta feita pelo Programa de Turismo Solidário, discutida no próximo capítulo, almeja a criação de grupos gestores locais, influenciados por um movimento histórico e que se apresenta como uma estratégia importante para sinalizar os caminhos que a atividade turística precisa trilhar para manter-se em seu estado de euforia. Em seguida, apresento o Programa de Turismo Solidário e sua apropriação pela população local, trabalhando com as traduções do processo de descentralização administrativa por meio do sistema SEDVAN-IDENE.

3 O IDEAL COMUNITÁRIO E O PROGRAMA DE TURISMO SOLIDÁRIO

O campo dos estudos turísticos abrange uma variedade de perspectivas, incluindo que se preocupam em entender a atividade, exclusivamente, como uma atividade econômica capaz de promover o desenvolvimento de um destino, passando por aquelas que o veem como um “destruidor” do local, até a abordagem que estuda o turismo como um fenômeno social complexo. Dentre as diferentes perspectivas, este trabalho se enquadra nesta última englobando questões de cunho econômico e socioambientais considerados como parte do fenômeno social observado e, que afetam os sujeitos envolvidos neste campo.

Para Castro (2001, p.117), “no estudo do turismo, a busca pelo estabelecimento de fronteiras entre diferentes abordagens disciplinares leva ao empobrecimento da análise” e Beni (2006) coloca que os estudos de turismo ainda não atingiram elevado índice de desenvolvimento por falta de uma visão holística. Neste sentido, proponho-me olhar para o turismo de uma perspectiva multidisciplinar, distanciando-me de visões estritamente econômicas, ecológicas, ou antropológicas, apesar de ter no conjunto das mesmas inspiração para as análises.

Seguindo nessa linha, começo a tratar da literatura do campo do turismo pela referência ao chamado turismo alternativo, tido como antagônico ao turismo de massa. Para Lanfant e Graburn (1992,92),

O turismo alternativo diz respeito à escala humana, ao local de pequena ou média dimensão, a empresas familiares ou comunitárias, bem integrado na área. Qualquer outra coisa que não estabelecimentos turísticos de costume pode ser considerado alternativo. Conota-se com o artesanato local, madeira, materiais de boa qualidade e arquitetura local típica.

O chamado turismo de massa teve seu advento em torno da revolução industrial que, entre outros aspectos, proporcionou o desenvolvimento de locomotivas que permitiam o deslocamento de grande número de pessoas. Outro aspecto importante referente a esse período foi o direito a férias e a diminuição na carga horária de trabalho, aumentando desse modo, o tempo livre dos trabalhadores para o lazer e o turismo, fato que insere o turismo como fenômeno social para além das elites.

Até então, as férias não existiam para os trabalhadores, e o turista ou o viajante, alocado nas classes altas, estava em busca do conhecimento do outro. No século XVII surge o chamado *Grand Tour* que para Costa (2009, p.25) “transformou as viagens em empreendimentos filosóficos e científicos, que permitia viajantes fazer comparações e formular, a partir delas, valores mais universais que aqueles engendrados em contato apenas

com os costumes do seu local de origem”. Outras viagens tinham fins terapêuticos e de peregrinações.

Já o interesse pelos ambientes naturais, que marca a ruptura para o que convencionou-se recentemente chamar de turismo alternativo, sempre esteve presente na história do ocidente; tal interesse passava pelos mistérios e pelo desconhecido, pois em no contato com a natureza estaríamos sob efeito de “forças maiores”, sujeitos a certa imprevisibilidade dos acontecimentos.

Rousseau (1712 – 1778) e Spinoza (1632 – 1677), conhecidos também como filósofos da natureza, sinalizam para uma abordagem transcendental quando refletem sobre a natureza e contribuem para certo ideário romântico do turismo. O primeiro diz: “não encontro homenagem mais digna à divindade do que a contemplação muda que suas obras excita”; já o segundo tece comentários em relação à perspectiva da eternidade e tem na natureza sua inspiração. *Walden ou A vida nos Bosques*, de Henry Thoreau (1817-1862), inspira um olhar de comunhão e exaltação à natureza, seguindo uma linha próxima do movimento literário chamado de bucolismo, conhecido pela valorização do campo, da vida simples e do contato com a natureza.

O romantismo de Goethe (1749-1832) com inspiração na natureza pode ser observado em alguns de seus escritos, como, por exemplo, quando diz que “uma serenidade maravilhosa inundou toda a minha alma, semelhante às doces manhãs primaveris com as quais me delicio de todo coração” (1998, p.09).

Para Diegues (2000), que trabalha o que chama de “mito moderno da natureza intocada”, algo relacionado ao interesse pelo selvagem, a natureza em seu estado primitivo, permeia o imaginário social de certa parcela da população mundial. Segundo o autor, escritores românticos influenciaram a criação de áreas de proteção ambiental como Yellowstone em 1872, pois, assim como Rousseau, viam em tais ambientes “o lugar da descoberta da alma humana, do imaginário do paraíso perdido, da inocência infantil, do refugio e da intimidade, da beleza e do sublime” (DIEGUES, 2000, p. 24)

E é em parte com este mesmo viés romântico que nascem os movimentos do ecoturismo e da educação ambiental⁵. A busca pelo turismo alternativo surge com força no Brasil em consonância com o movimento organizado pela sociedade civil, nas décadas de 1970, 80 e 90 para proteção de ambientes naturais e discussões sobre questões socioambientais.

⁵ Um exemplo desse reducionismo pode ser observado em Fortunato (2009).

Essa preocupação incita um número cada vez maior de pessoas a se sensibilizar com as causas defendidas pelo movimento, passando assim a adotar posturas contemplativas em relação aos ambientes preservados. Isto faz aumentar a busca por tais ambientes, o que impulsiona a atividade denominada de ecoturismo, que assim é definido no Brasil pelo que pode ser entendido como aquele que promove a conciliação entre melhoria da qualidade de vida na perspectiva da população beneficiada e proteção do ambiente natural regulamentadas por leis ou práticas responsáveis, ou seja, que utilizam os recursos naturais de forma moderada.

A procura por esta atividade é impulsionada também pelo fato de que a vida nas grandes cidades, de onde parte a maioria dos turistas, tem sido percebida como insalubre, cansativa, opressora, afastando o ser humano do contato com o ambiente natural. Daí, certa nostalgia estaria povoando muitas mentes urbanas, como salienta Coimbra (2002, p.32): “as sociedades chamadas primitivas exercem ainda certo fascínio para o homem urbano porque no íntimo de cada um de nós, há aspirações legítimas e profundas de harmonia com o cosmo e de paz consigo mesmo”. Ressaltando isto, vejamos o pensamento de Sheldrake (apud Coimbra, 2002, p. 132):

Para milhões de habitantes das cidades modernas, a vida se torna mais tolerável ante a perspectiva de saírem para o campo, de se retirarem para ambientes rurais, em fins de semana, ou de lá permanecerem durante todo o período de férias.

É neste contexto, que se instaura a tendência ao aumento da demanda pelo ecoturismo ou pelo turismo alternativo.

3.1 Uma nova demanda no campo do turismo

Considerado que, para estudos no campo do turismo, importa, de um lado, o reconhecimento de processos pelos quais passa a sociedade contemporânea e que repercutem nas ocorrências do turismo em diferentes contextos; e de outro lado, importa o reconhecimento das peculiaridades dessas ocorrências em função desses diversos contextos. Assim é que começo aqui pelas perspectivas mais globais sobre o fenômeno do turismo para chegar à situação específica do turismo solidário no Vale do Jequitinhonha.

Swarbrooke e Horner (2002) ao discutir questões referentes ao que eles chamam de “comportamento do turista do futuro” sinalizam para as múltiplas influências relacionadas à

escolha dos destinos e das atividades a serem exercidas no tempo de lazer das pessoas. As influências listadas são: fatores políticos, fatores econômicos, fatores sociais, fatores da indústria do *marketing*, fatores tecnológicos, a influência da mídia, experiência em viagens.

Tais influências combinadas com um desejo de diferenciação por meio do consumo fazem do campo do turismo um espaço dinâmico em estreita relação com valores sociais. Surgem, desse modo, no plano da comercialização de produtos, estratégias de segmentação de mercado, que, na perspectiva de Kotler (2000, p. 278) se traduz “em um grande grupo que é identificado a partir de suas preferências, poder de compra, localização geográfica, atitudes de compras e hábitos de compras similares”

Já para Urry (1996, p.16) “levar em consideração como os grupos sociais constroem seu olhar turístico é uma boa maneira de perceber o que está acontecendo na ‘sociedade normal’” e complementa

não existe um único turista enquanto tal. Ele varia de acordo com a sociedade, o grupo social e o período histórico. Tais olhares são construídos por meio da diferença. (...) O olhar do turista, em qualquer período histórico, é construído em relacionamento com seu oposto, com formas não-turísticas de experiências e de consciência social (URRY, 2001, p.16).

Assim, para se pensar em turismo hoje, há que se reconhecer, no período recente, a partir da segunda metade do século XX, os fatores sociais como: o aumento das preocupações com o meio ambiente em seu sentido amplo, bem como os novos discursos sobre responsabilidade social, em que a legislação ambiental e seus instrumentos para preservação/conservação ambiental ganham destaque. Existem evidências de que parte da população mundial reconhece os limites dos usos dos recursos naturais e que a justiça social, entendida aqui como condições dignas para todo cidadão, pode ser uma premissa plausível para sustentar a ideia de desenvolvimento.

Comportamentos nessa direção passam a ser adotados por aqueles que pretendem legitimizar suas ações como boas e condizentes com a de um cidadão responsável. A adoção, por exemplo, do termo “eco” ou “sustentável” torna-se também uma questão mercadológica de diferenciação. Desse modo, criam-se certos códigos de conduta que passa a induzir certas posturas, das quais algumas pessoas, como disse um dos turistas solidários, “não dão conta”, pois têm dificuldades pra se adequar a tais novas propostas nesse campo.

Surgem assim interesses diversos que apontam para a questão da diferenciação e da conseqüente segmentação de mercado. O Ministério do Turismo (programas e ações do Ministério do Turismo) considera que “a segmentação da oferta e da demanda constitui uma forma de organizar o turismo. É uma estratégia para estruturação de produtos e consolidação

de roteiros e destinos, a partir de elementos de identidade de cada região, em função da demanda”.

E parece estar aí o espaço para a proposta deste segmento turístico considerado “do bem” que vejo mesmo mais como uma proposta do que uma realização. E ações sociais são patrocinadas por empresas privadas para se atualizarem em relação ao discurso do que se convencionou chamar de responsabilidade socioambiental que, por sua vez, também pode influenciar a escolha dos turistas em busca de “produtos exclusivos” para tornar sua viagem, mais do que especial, “responsável”.

O Instituto Brasil Solidário, por exemplo, realizou uma ação no Vale do Jequitinhonha com apoio da Vale do Rio Doce e, segundo uma das técnicas do Programa, um dos seus objetivos uma das suas intenções era dar visibilidade ao Programa de Turismo Solidário.

Pode-se ver que, em conjunto com a questão socioambiental, o tema da solidariedade é cada vez mais acionado pelas empresas a fim de vincular seu nome à questão da “responsabilidade”. A Rede Globo de televisão, por exemplo, utiliza em suas transmissões como um de seus *slogans*: “solidariedade, a gente vê por aqui”

Neste mesmo caminho aponto para questão da vivência diferenciada para os turistas. O jornal O Globo de 2/05/10 destaca na matéria “Passeador de Gringo”, propõe ao turista uma companhia “agradável” para conhecer os atrativos do Rio de Janeiro. Segundo Sobral, jornalista que escreveu a matéria,

É uma alternativa divertida, informal e mais flexível como um amigo mesmo – explica a criadora do site. Não é para quem procura um roteiro quadradinho. A ideia é fugir do lugar comum. Quando alguém diz que quer ir ao Cristo Redentor, recomendamos que procure um guia Profissional.

A ideia de autenticidade, emoção e amizades foi referida na matéria, elementos que serão tratados à frente com maior profundidade. Também a revista Veja de 2 de dezembro de 2009, na matéria “O turismo da Bondade”, destacava que “jovens adeptos do intercâmbio voluntário viajam pelo mundo para trabalhar em instituições filantrópicas e, segundo eles, buscam o crescimento pessoal”, veem o aprendizado como uma recompensa. Vale ressaltar que o trabalho voluntário é exigido no currículo da instituição de ensino da qual fazem parte. O artigo revela, ainda, que as principais expectativas do intercâmbio voluntário são: contribuir para o sucesso do projeto com o qual vão trabalhar e buscar o desenvolvimento pessoal. Desse modo, encontro subsídios para pensar que o mundo vem tornando-se uma imensa “aldeia global” no qual existem inúmeras possibilidades comunicativas e o indivíduo tem acesso a todo tipo de informação pela rede mundial de computadores. Assim, os indivíduos possuem

certa facilidade para “escapar” de uma cultura regional e encontrar material para construção identitária nas mais diferentes culturas.

Com foco nas novas tendências no campo do turismo, a OMT (Organização Mundial de Turismo), baseada nos casos do Brasil, diz em seus estudos estratégicos para 2020 que os “novos” turistas irão “viajar para destinos onde, mais do que visitar, contemplar, fosse possível também sentir, viver, emocionar-se e ser personagem de sua própria viagem”, o que sinaliza para a já referida segmentação do mercado.

Nesse contexto, sob um ponto de vista mercadológico, Rodrigues (2010, p.217) coloca que

todos os anos, é necessário criar novas experiências para seduzir os turistas e despertar neles o interesse pelo local. Trabalhar o turismo, nesse caso, requer trabalhar o imaginário local para criar novas proposta de marketing, ferramenta que constitui um recurso fundamental na era pós-moderna. Os agentes envolvidos no desenvolvimento do turismo devem sempre procurar despertar a sensibilidade do turista, estimulando a criatividade das comunidades para descobrir novas possibilidades de oferta turística

Em outro caso, a rede Globo de televisão exibiu durante algumas quintas feiras um programa intitulado “Brasileiros” que faz referência ao convívio de brasileiros permeado pela reciprocidade e pelo reconhecimento mútuo. Um dos episódios apresentou o Programa Acolhida na Colônia, aqui mostrado anteriormente.

Acredito, que tais cenários podem levar a formação de pessoas com tendências a acionar a ideia de solidariedade, no campo do turismo, pessoas que poderão ser vistas como comprometidas com as questões socioambientais, podendo inclusive dar novo significado às suas vidas ao serem reconhecidos como “éticos” pelos seus pares. No entanto, o simples fato de se enquadrar como um “sujeito solidário”, um “sujeito ecológico”, não significa que o mesmo possua uma visão crítica sobre as relações sociais que dão origem a situações que merecem sua ação solidária.

Esse movimento que marca o contexto brasileiro aponta fortemente para as implicações da questão da solidariedade e dos encontros entre subjetividades no campo do turismo e do lazer. O ideário romântico que alimentou o movimento ambientalista estaria sendo redescritos nos termos de uma questão social tornando-se um ideal comunitário no qual as concepções românticas dão lugar aos apelos participativos e movimentos políticos em prol do desenvolvimento local.

No capítulo um, ao apresentar os casos empíricos, mostro como esse movimento se expressa, dentro de uma concepção de desenvolvimento alternativo e pautado pela base cultural local que se torna uma premissa requerida para a gestão da atividade turística – tudo em conformidade com esta nova demanda nascente que aqui acabamos de expor.

3.2 Discussões em torno de um ideal comunitário no campo do turismo

Como vimos, o ecoturismo, ou o turismo alternativo passa a ganhar relevância no cenário nacional, apresentando-se ao mesmo tempo como uma nova forma de gerar divisas, e como meio de manter os ambientes naturais preservados, estabelecendo-se uma combinação entre desenvolvimento local e proteção ambiental.

No entanto, aponta Brandon (2001, p.231) que “...há, no mundo todo, centenas de áreas que recebem o turismo de natureza, mas raros são os exemplos de comunidades que foram bem sucedidas na realização da dupla metade desenvolvimento da comunidade e proteção ambiental”. De qualquer modo, o ecoturismo é visto como uma oportunidade para se manter o ambiente em equilíbrio perseguindo valores éticos em busca da construção de sociedades sustentáveis.

Nesse contexto, ampliam-se as discussões em torno de um ideal comunitário para que possa haver bem-estar para as populações envolvidas. Propõe, assim o “turismo de base comunitária” que visa maximizar os benefícios às pessoas das localidades, nas quais ele ocorre. Segundo A WWF Internacional - organização não governamental dedicada à conservação do meio ambiente (2001).

Turismo comunitário, ou de base comunitária, pode ser definido como aqueles onde as sociedades locais possuem controle efetivo sobre seu desenvolvimento e gestão. E por meio do envolvimento participativo desde o início, projetos de turismo proporcionam a maior parte de seus benefícios à comunidade local.

Nesta mesma perspectiva, alguns projetos buscam a melhoria da qualidade de vida de algumas regiões consideradas como “pobres” ou com carências materiais. No entanto, nestes projetos não aparece o termo turismo de base comunitária, apesar deles se assemelharem em relação aos seus objetivos, como por exemplo, pudemos ver no caso do projeto de ecoturismo do Morro da Babilônia, da Reserva do Tupé, da Acolhida na Colônia e veremos no caso do turismo solidário do Vale do Jequitinhonha, adiante. Percebe-se, portanto, que existem “muitos filhos” de uma mesma raiz, que é a proposta do convívio e do encontro entre turistas e populações visitadas.

Para Coriolano (2003 p. 41) o turismo de base comunitária é “[...] desenvolvido pelos próprios moradores de um lugar que passaram a ser os articuladores e os construtores da cadeia produtiva, onde a renda e o lucro ficam na comunidade e contribuem para melhorar a qualidade de vida”

A ideia do chamado turismo de base comunitária se aproxima de autores que trabalham com a questão da comunidade na perspectiva da teoria dos sítios simbólicos de pertencimento desenvolvidos por Zaoual (2006) que sinaliza que o desenvolvimento deve ocorrer a partir das condições e valores locais.

Nesta perspectiva, o turismo revela-se como uma fonte de recursos financeiros que – por meio de uma organização social produtiva alternativa, como no caso da economia solidária, arranjos produtivos locais, ajuda mútua (reciprocidade) – indicam possibilidades para além da lógica capitalista de competição. O verbo que passa a ser conjugado é cooperar que por sua vez chama a atenção dos turistas/cidadãos preocupados com os problemas socioambientais.

No site www.ivt-rj.net, 2010 encontra-se uma consideração sobre turismo não apenas como um instrumento de geração de emprego e renda, mas como elemento de integração dos indivíduos à vida social, onde o espaço e o conjunto de práticas socioculturais são elementos de um processo sensível e importante de desenvolvimento.

A atividade turística nesse formato provoca novas formas de apropriação e uso do espaço pelos grupos sociais. No turismo de base comunitária, tal apropriação está relacionada à condução por meio da gestão da atividade turística pelos moradores dos destinos, formando uma cadeia produtiva com base no local.

Vários pesquisadores estão estudando este fenômeno que se revela como capaz de contribuir com a construção de sociedades sustentáveis por meio de um “desenvolvimento endógeno”. Este se sustenta em propostas de desenvolvimento referidas aos valores culturais presentes em determinados territórios, tornando-se o patrimônio imaterial bem material. Trata-se de dar margem a uma oportunidade de trabalho a nível global, fortalecendo o local e criando uma identidade territorial que dê suporte para o surgimento de um diferencial competitivo.

A coletânea livro *Turismo de base comunitária: diversidades de olhares e experiências brasileiras* (BARTHOLO, BURSZTYN, SAN SOLO, 2009) é uma valiosa fonte para se avaliar o estado da arte do tema.

A partir da minha aproximação e leituras sobre esse tema, alguns indicadores se mostram essenciais quando se discutem-se as questões teórico-metodológicas relacionadas ao turismo de base comunitária.

1. O turismo é gerido pela própria comunidade por meio de associação de moradores e conselhos de turismo

2. A localidade oferece como um dos seus produtos atividades voltadas para o conhecimento da cultura da comunidade que recebe o turista.

3. Existe uma cadeia produtiva local ou um arranjo produtivo local (BENI, 2006) que se beneficia da atividade turística

As características do modo de trabalhar da comunidade são um elemento a ser considerado pelos projetos turísticos, sendo o desenvolvimento local fortemente associado a este fator. Tais características podem ser vistas a luz da ideia das tecnologias sociais, a partir de inovações/tecnologias locais que podem constituir os modos de produção tradicionais.

Segundo Buarque (2002), o desenvolvimento local se dá por uma reflexão crítica sobre os processos externos que permita a inovação, colocando a localidade em um ambiente de aprendizado contínuo. Nesse caso o turismo de base comunitária pode ser um elemento importante para que tal aprendizado ocorra, proporcionando aos envolvidos um grau de informação maior para decidir quais serão os melhores caminhos para a atividade.

Buarque (2002, p. 32) afirma que,

o processo de aprendizado tende a ser crescente com a diversidade sociocultural do local, confrontando múltiplas e diferenciadas visões de mundo e percepções da realidade, de cuja troca e interação se forma o ambiente de inovação e conhecimento

Tal perspectiva dialoga com as ideias de Zooual (2006) presentes em sua teoria dos sítios, na qual ressalta que os sujeitos constroem modos específicos de se relacionar com o ambiente e que todo novo conhecimento ancora-se em imaginários específicos promovendo uma reinterpretação das propostas externas. Sahlins (2006) vê isso como o que chama de um processo parecido de indigenização; e Rosane Prado (2003) faz uso dessa mesma teoria para analisar como a população da Ilha Grande se apropria de propostas trazidas por instituições externas conforme seus próprios valores e interesses as ações dos moradores. Conhecer este processo de reinterpretação e reapropriação em cada caso é importante para avaliar as diferentes perspectivas presentes, a serem igualmente reconhecidas nas políticas públicas. Com isso podem também revelar-se as potencialidades do local e das conseqüentes cadeias produtivas que a atividade turística pode gerar. O turismo comunitário representa uma descentralização do poder de decisão sobre os caminhos a serem tomados no processo de desenvolvimento local.

3.3 O caminho da descentralização e do desenvolvimento local

Se o turismo de base comunitária vem sendo vinculado à organização social comunitária ele também se relaciona à ideia de *descentralização* e com o movimento socioambiental que aposta nos saberes e valores locais para promover a preservação dos recursos naturais. Discutirei aqui como esse movimento é importante para pensar as questões do turismo.

Em 1986 é fundada a SOS Mata Atlântica, tida com uma das organizações não-governamentais mais atuantes do País. Uma nova configuração dos movimentos civis começa a surgir nesse momento, passando a agregar a “luta” de caráter ecológico (ambiental) aliada aos movimentos sociais. Juntos, formam o que viria a ser chamado de socioambientalismo. Tal movimento se fortalece junto com a redemocratização do Brasil, no fim do regime militar (1985), que deu origem à constituição de 1988, considerada um marco para descentralização dos poderes no país e conhecida como “a lei cidadã”.

Neste cenário, Santilli (2005) destaca que a “Aliança dos Povos da Floresta” oficializada em 1989, que defendia o modo de vida (cultura) das populações tradicionais amazônicas, foi um marco para o socioambientalismo brasileiro, que segundo a autora, nasceu,

baseado no pressuposto de que as políticas públicas ambientais só teriam eficácia social e sustentabilidade política se incluíssem as comunidades locais e promovessem uma repartição justa e equitativa dos benefícios derivados da exploração dos recursos naturais. Trata-se de entender as traduções locais para a ideia de proteção dos recursos naturais” (Santilli, 2005, p. 35).

Ainda de acordo com Santilli (2005), de alguma forma as hierarquias entre os diferentes “saberes ambientais” até então considerados na percepção de apenas uma determinada classe social, se esfacela, buscando a importância de outras percepções para revelar usos sustentáveis dos recursos naturais presentes no ambiente. Percebe-se, neste sentido, uma aproximação do Estado, da ciência, do poder com o saber local.

Em 1992 com a realização da Rio-92, a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, que é considerada um marco do ambientalismo internacional e nacional, reforçaram-se fortemente os valores de participação e descentralização. Igualmente se valorizavam saberes e direitos locais, com ênfase nas idéias de desenvolvimento sustentável e justiça social.

Na esteira do socioambientalismo, floresceram as idéias correlatas àquelas aqui referidas, de descentralização e desenvolvimento local num sentido prático e político. Assim é que cabe considerar Buarque (2002), ao destacar a questão da endogenia como sustentação para a qualidade de vida de populações fixadas em uma localidade específica, e ressalta que a multiplicidade e as sinergias existentes em determinados ambientes são potencialidades que podem contribuir com a formação de sujeito político. E assim é que cabe considerar o que coloca Boaventura de Sousa Santos (2007) ao sugerir uma ecologia de saberes na qual propõe horizontalidades nos modos de tratar diferentes tipos de conhecimento. Desse modo, o fazer local, deve ser considerado em qualquer tipo de estratégia voltada para o desenvolvimento endógeno; este que na perspectiva de Amaral (s/d p.02), é visto como o que auxilia o crescimento econômico de determinada região, agregando valor à produção local que movimenta sua economia, sendo que esta produção depende de aspectos políticos, socioculturais e tecnológicos.

...desenvolvimento local depende da capacidade de os atores e as sociedades locais se estruturarem e se mobilizarem, com base nas suas potencialidades e na sua matriz cultural, para definir e explorar suas prioridades e especificidades” (BUARQUE, 2002, p.30).

O processo de desenvolvimento local expresso pelo sociambientalismo encontra por meio da descentralização possibilidades de contribuir para construção de sociedades sustentáveis, criando espaços para decisões autônomas. E os processos de descentralização revelam sua capacidade de transferir o poder de escolha e decisão para comunidades, municípios, o que, segundo Buarque (2002), contribui para a educação política dos cidadãos. Nessa mesma linha Acselrad e Leroy (1999) colocam que precisa-se de novas possibilidades para além de uma ideologia do desenvolvimento a qualquer preço, e ressaltam a importância de se submeter à razão economicista aos sujeitos sociais, aos seus valores e suas aspirações.

Tais questões se relacionam com o tema das políticas públicas, que também cabe aqui considerar, pois são elas que decidem como os recursos públicos serão aplicados nos locais para o desenvolvimento do turismo⁶.

O processo de descentralização governamental expresso pela criação do sistema SEDVAM/IDENE implica políticas públicas e culmina com a proposta do Programa de Turismo Solidário, como apresentado adiante.

⁶ Bernardo (2001) discute as diferenças entre políticas públicas e políticas de governo, e expõe características importantes para o pensamento sobre progresso e desenvolvimento em longo prazo. As políticas públicas atuam em contexto mais amplo, e são pensadas em longo prazo independente das políticas de governo que podem mudar com o tempo.

3.4 Sobre as diretrizes do governo federal para o desenvolvimento do campo do turismo no Brasil

No Brasil a atividade turística vem se consolidando no campo das políticas públicas visto sua grande relevância para o desenvolvimento do País. Neste sentido, o Ministério do Turismo segue diretrizes que convergem com a política proposta pela Secretaria Extraordinária para o Desenvolvimento dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri e do Norte de Minas em conjunto com Instituto de Desenvolvimento do Norte e Nordeste de Minas Gerais (SEDVAN-IDENE) que trabalha com descentralização via governança no âmbito do Programa de Turismo Solidário.

Em 1994, inicia-se um programa denominado de PNMT (Programa Nacional de Municipalização de Turismo), que visava à formação de multiplicadores das propostas políticas de descentralização via Conselhos Municipais de Turismo. O equivalente aos tais conselhos seriam os chamados *grupos gestores* na atualidade no Vale do Jequitinhonha.

Em 2008 tem-se início a Política Nacional de Turismo que segundo art. 5 tem por objetivos:

II - reduzir as disparidades sociais e econômicas de ordem regional, promovendo a inclusão social pelo crescimento da oferta de trabalho e melhor distribuição de renda;

VI - promover, descentralizar e regionalizar o turismo, estimulando Estados, Distrito Federal e Municípios a planejar, em seus territórios, as atividades turísticas de forma sustentável e segura, inclusive entre si, com o envolvimento e a efetiva participação das comunidades receptoras nos benefícios advindos da atividade econômica

VIII - propiciar a prática de turismo sustentável nas áreas naturais, promovendo a atividade como veículo de educação e interpretação ambiental e incentivando a adoção de condutas e práticas de mínimo impacto compatíveis com a conservação do meio ambiente natural;

IX - preservar a identidade cultural das comunidades e populações tradicionais eventualmente afetadas pela atividade turística;

Considero que estes objetivos estabelecem relações intrínsecas com o que se convencionou chamar de *turismo de base comunitária*, conforme tratado no capítulo 1. Estas diretrizes reforçam o ideal comunitário que se fez presente no campo do turismo. Desse modo, esta modalidade de turismo apresenta-se como estratégica para que os objetivos propostos pela Política Nacional de turismo sejam alcançados.

Como se pode ver, nesta mesma lei a ideia de descentralização está presente na forma como se pretende organizar a atividade turística no Brasil. O seu art. 8º, que institui o Sistema

Nacional de Turismo, por exemplo, reza que o mesmo será composto pelos seguintes órgãos e entidades:

- I - Ministério do Turismo;
- II - EMBRATUR - Instituto Brasileiro de Turismo;
- III - Conselho Nacional de Turismo; e
- IV - Fórum Nacional de Secretários e Dirigentes Estaduais de Turismo.

§ 1o Poderão ainda integrar o Sistema:

- I - os fóruns e conselhos estaduais de turismo;
- II - os órgãos estaduais de turismo; e
- III - as instâncias de governança macrorregionais, regionais e municipais.

O Art. 9 coloca que o Sistema Nacional de Turismo tem por um dos seus objetivos promover a regionalização do turismo, mediante o incentivo à criação de organismos autônomos e de leis facilitadoras do desenvolvimento do setor, descentralizando a sua gestão; remetendo diretamente à ideia de descentralização.

Também no site do Ministério do Turismo fica explícita a forma como as políticas públicas no campo do turismo estão sendo pensadas nessa mesma direção.

O PNT concebeu e o MTur implementou, como base da sua atuação, um modelo de gestão pública descentralizada e participativa, integrando as diversas instâncias da gestão pública e da iniciativa privada, por meio da criação de ambientes de reflexão, discussão e definição das diretrizes gerais para o desenvolvimento da atividade turística do País.

A preocupação com a melhoria das condições socioambientais dos territórios permeia todo o discurso dos promotores da atividade, uma das propostas sendo a de que, por meio da descentralização, se possam promover regiões do interior do país.

Neste contexto, foram propostos nove macro programas para gestão dos produtos turísticos e da cadeia produtiva a eles relacionada, dois deles diretamente baseados na descentralização ao sugerir a transferências dos processos de decisão para as próprias pessoas que trabalham com a atividade turística de forma direta ou indireta. Este é o caso do Programa de Regionalização, que tem como uma de suas missões potencializar os benefícios da atividade para as comunidades locais, e integrar e dinamizar os arranjos produtivos do turismo.

A criação do Ministério do Turismo, em janeiro de 2003, Trazendo em seu bojo o PNT, configura um marco para o desenvolvimento do setor no Brasil, o que tendo o propósito de enfrentar, na área do turismo, o desafio de conceber um novo modelo de gestão pública, descentralizada e participativa (Figura 21), de modo a gerar divisas para o País, criar

empregos, contribuir para a redução das desigualdades regionais e possibilitar a inclusão dos mais variados agentes sociais.

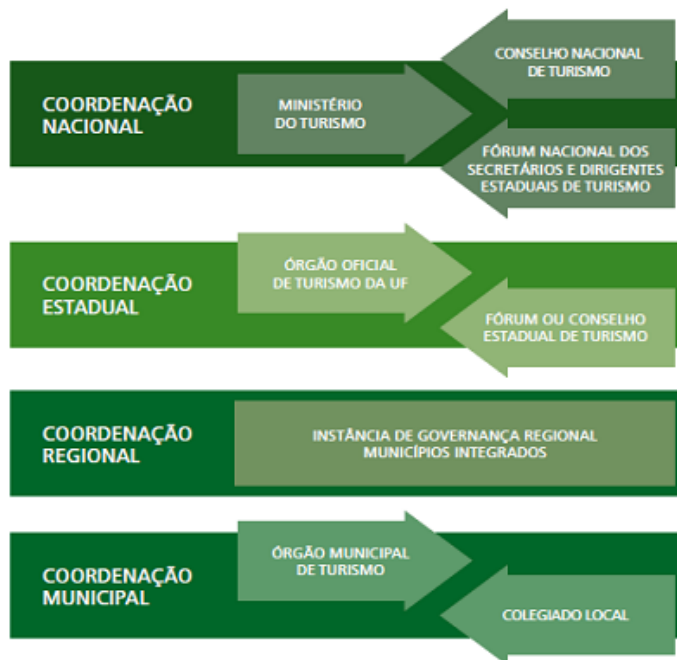


Figura 22- Gestão descentralizada do turismo

Fonte: http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio/plano_nacional/downloads_plano_nacional/PNT_2007_2010.pdf

Para potencializar tais atividades, foram lançados, além dos Macro Programas, o PRODETUR (Programa de Desenvolvimento do Turismo), que promove o financiamento de atividades relacionadas ao turismo. Neste contexto, o Ministério do Turismo abriu um edital em 2008 que beneficiou vários projetos de turismo de base comunitária, marcando este setor como uma das áreas estratégicas do Ministério do Turismo para o desenvolvimento da atividade turística no Brasil.

3.5 Normatização da tradição: a invenção dos produtos turísticos

Reconhecendo a tendência da demanda no campo do turismo que valoriza a forma de gestão a partir da necessidade de geração de emprego e renda para comunidades, o mercado

turístico passou a produzir normatizações nesse sentido, por meio de indicadores de qualidade dos serviços oferecidos aos clientes.

Para isso, instituições que propõem o trabalho neste mercado tratam logo de propor a realização de um curso e produzem um material técnico, um receituário. Adotam um nome e um slogan diferenciado para posicionar-se no mercado como um produto competitivo e ter, com isso, seu objetivo de geração de renda alcançado.

No entanto, observa-se que as lógicas, e os modos de operar de determinados grupos e/ou gestores acabam ancorados em uma lógica local, passando por uma indigenização, como referido antes quanto aos trabalhos de Sahlins (1998) e Prado (2003), que mostram como populações locais transformam elementos culturais trazidos de fora em outros conforme sua própria cultura.

O que considero como uma “normatização da tradição” é algo a ser traduzido pelos atores sociais atuantes na cadeia produtiva do turismo e que modifica-se – indigenizando-se – ao ancorar-se nos valores locais.

A seguir, analiso como a SEDVAM-IDENE pensou o turismo solidário como um produto do Vale do Jequitinhonha; logo após, trabalho com as apropriações dos indivíduos envolvidos direta e indiretamente nas atividades.

3.6 A articulação SEDVAN/IDENE, a região administrativa e o funcionamento do (Programa de) Turismo Solidário

Em consonância com as propostas de desenvolvimento e do turismo por meio das ideias de descentralização⁷ e governança⁸, em 2002 foi criado o Instituto de Desenvolvimento do Norte e Nordeste de Minas Gerais. Tal instituto é uma autarquia⁹, e possui certa autonomia em relação ao poder do Estado, apesar de respeitar toda a legislação do ente que o criou.

A Secretaria Extraordinária para o Desenvolvimento dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri e do Norte de Minas, à qual o IDENE está vinculado foi criada pela lei Delegada nº 49, de 02 de janeiro de 2003. Segundo colocação oficial dessa entidade, ela fez com que Minas Gerais se tornasse uma referência nacional e internacional na geração, adequação e utilização de um modelo de governança social com tecnologias sociais e metodologias emancipatórias com base na construção sustentabilidade em comunidades de baixa renda. A constituição de uma política de governança social, de diálogo social, são os princípios norteadores expressos pelo sistema SEDVAN-IDENE, que é considerado essencial para o formato de administração das políticas públicas pelas pessoas das localidades. Sua ação é fruto de uma integração coordenada dos diversos órgãos e entidades administrativas (BRANDÃO, 2009).

O Sistema abrange 188 municípios (Figura 23) e tem como um dos seus objetivos “dar poder aos ‘sem voz’ de forma a combater a desigualdade, eliminando a pobreza em todas as suas manifestações.

⁷ “Diminuir a distância entre o governo e a população, por meio de um aumento significativo dos investimentos nas áreas sociais. Diminuir a distância entre as diversas regiões de Minas estimulando o desenvolvimento de um estado mais solidário. Diminuir as diferenças entre as pessoas, criando e democratizando oportunidades. Foram essas as premissas para a criação da SEDVAN” (SEDVAN, 2008).

⁸ “Buscando cumprir as prioridades definidas pelo governo estadual, elegemos a governança social, conceito em construção, definido como processo que promove um ambiente social de diálogo e cooperação, com alto nível de democracia e conectividade estimulando a constituição de parcerias entre muitos setores da sociedade, por meio do protagonismo do cidadão” (SEDVAN, 2008).

⁹ Autarquia-entidade que tem autonomia administrativa (dicionário LUFT, 2000).

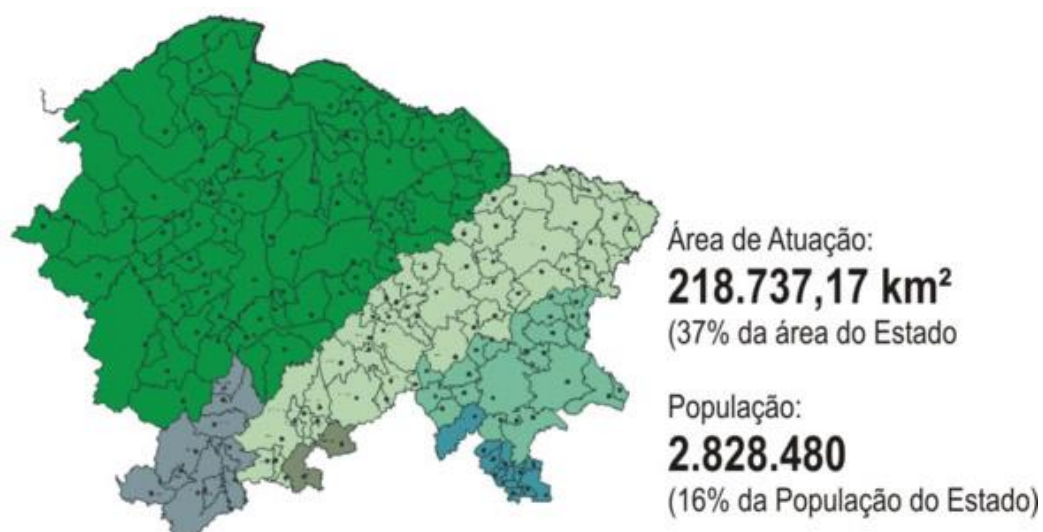


Figura 23- Área de atuação e população atingida.

Fonte: <http://www.idene.mg.gov.br/>

Juntas, estas instituições promovem diversos programas e projetos, dentre eles o Programa Cidadão Nota 10 – indicado como representante do Brasil no prêmio da UNESCO – que promove a “inclusão social”, “a gestão participativa” e o “protagonismo social” por meio da alfabetização de jovens e adultos.

Entre tais programas e projetos contam-se: Programa Artesanato em Movimento, os Programas Leite pela Vida, Pró Jovem Trabalhador, Sorriso no Campo, Ovinos Gerais, Cozinhas Comunitárias Sertanejas, Cidadão.Net, Apicultura e Desenvolvimento, Cisternas no Semi-árido Mineiro, Projeto de Combate à Pobreza Rural e o Programa de Turismo Solidário, que, segundo o encarte explicativo desses programas e projetos:

ajuda a promover a inclusão social da população carente e a melhoria da economia dos municípios através do desenvolvimento do turismo e do uso sustentável das riquezas ambientais e patrimoniais das cidades onde foi implantado.

Na apresentação do Programa, no site do IDENE, lê-se que: “os grupos gestores passaram por quatro capacitações fortalecendo assim, a gestão participativa do Programa”. E o Programa de Turismo Solidário aposta em um futuro melhor para manter a permanência da população em seus vilarejos de origem com qualidade de vida, sem necessidade de buscar meios de vida em outros locais. Isso já tem repercussões junto aos moradores, que dizem: “o turismo é melhor que o garimpo, o turismo ajuda a população no geral”, “aqui só se virar um pólo turístico, não tem emprego aqui”. Em um dos receptivos a anfitriã da casa comenta que

sonha em ter um negócio próprio, talvez uma pousada, e que o turismo solidário poderia ser um meio para ela alcançar o seu objetivo.

Um exemplo da oportunidade de uma possível “fixação” das pessoas nos vilarejos proporcionada pelo turismo solidário ocorreu em Mendanha: a Associação de Bordadeiras conseguiu através de sua atividade uma “vitrine” para os seus artesanatos, recebendo encomendas das mais diversas regiões do Brasil e do exterior. De modo semelhante, em outras localidades, as pessoas estão realizando cursos de artesanato para complementar sua renda.

O Programa de Turismo Solidário do Vale teve início em 2005 quando começaram alguns cursos para sensibilizar e capacitar as pessoas para o trabalho com o turismo solidário. Todos os interessados puderam se inscrever no curso, o primeiro curso foi chamado de “Curso de Capacitação do Receptivo Familiar/2005” (40 horas), que pode ser avaliado no anexo 3. Ainda em 2005 foram realizados os seguintes cursos “Resgate do Potencial Criativo” (16 horas); Pousadas Domiciliares (16 horas) e “Turismo: um grande negócio” (16 horas). Em seguida foi promovido em 2006 o Seminário do Programa Turismo Solidário, em 2008 o Programa promoveu o encontro intitulado “Ambiente gastronômico no Vale” e em 2009 foi oferecido um curso para capacitação de guias de ecoturismo. Conheci três dos guias que fizeram o curso, sendo que dois deles já acompanham grupos pelas trilhas do Vale, enquanto outro espera pela demanda.

Segundo uma das responsáveis pela comunicação social do Programa, os próximos passos serão em torno de capacitar as pessoas das localidades para que possam fazer as reservas em contato direto com os turistas, pois até o momento esse contato está sendo intermediado pelo site e pelas técnicas (os) do Programa. A ideia, segundo a mesma, é que o site passe a ser apenas informativo.

Na colocação dessa técnica, ficou claro que para o Programa aquele turista que não fica hospedado em um receptivo familiar, mas faz ações voluntárias é considerado um turista solidário; e do mesmo modo aqueles que ficam nos receptivos familiares, mas não fazem nenhum tipo de atividade também são considerados turistas solidários. Para ela o turista solidário “seria aquele que tem a sensibilidade de trocar o turismo de massa por um turismo diferente ou fazer uma atividade de massa, mas escolher um receptivo familiar”.

Segundo um dos seus idealizadores,

(1) O programa deve ser uma alternativa de atividade econômica face à carência da localidade.

(2) O turista deverá interferir o mínimo possível no modo de ser das pessoas da localidade.

(3) As pessoas poderão conhecer principalmente a riqueza humana.

Este último propósito soa muito subjetivo, no entanto entre as falas de turistas e moradores locais não é difícil perceber esta tal “riqueza humana” sendo lembrada como uma das principais características do Vale do Jequitinhonha, como vimos no capítulo dois. Para uma das técnicas do Programa a

maioria escolhe porque sabe que é uma região carente, mas muitas pessoas se surpreendem quando veem aquela riqueza natural cultural, humana. Infelizmente está é a única motivação, agora a gente está mudando o conceito, em todos os eventos que a gente vai, muita gente fica admirado em ver tanta coisa bonita

Observei que os outros projetos pelo País semelhantes ao do Vale, são amparados por Ongs, exceto o de turismo comunitário indígena. O turismo solidário no caso do Vale foi iniciativa do Estado. Segundo representante do Programa este é seu maior diferencial em relação aos outros, mas, ainda segundo esse mesmo representante, o Programa pode permanecer com uma “cara” institucional e atrapalhar seu desenvolvimento. Vê-se aí a preocupação no sentido de garantir a “localidade”, a base comunitária, do Programa.

Veja-se ainda o que esclarece a fala da já citada responsável pela comunicação social do Programa de Turismo Solidário.

O Programa cativa todo mundo. Os turistas ficam emocionados eles trocam correspondência, é muito diferente é muito impressionante, a não ser quem tem o coração de gelo para não ficar cativado pelo que o Programa é. A gente tem muito cuidado em fazer esta divulgação de modo responsável... a pretensão do Programa não é massificar o Vale, a pretensão é levar os turistas certos aos lugares certos, principalmente com práticas solidárias, pois as comunidades querem sim um fluxo de turistas para aquecer o turismo como atividade econômica, mas principalmente elas precisam que as carências sociais delas sejam atendidas. A maior dificuldade que a gente teve como o Programa de modo geral foi em fazê-los compreender que é um processo gradativo e lento. Eles têm muitas expectativas.

Diante dessa colocação questiona-se: Como está acontecendo a organização comunitária?

A princípio foram feitas algumas capacitações que os formassem como gestores e aí eles próprios na comunidade construíram um grupo gestor, hoje tem de 10 a 15 participantes cada um. Foi difícil eles perceberem que o Programa é deles, foi feito para eles e que deve ser gerido por eles. Hoje temos reuniões bimensais onde as técnicas de campo vão e discutem com eles sobre as dificuldades reais, explicam o processo de precificação. O Vale é uma escola de solidariedade mesmo...tira leite de vaca, fazer o bolo com os ingredientes locais, isso para eles é a coisa mais incrível do mundo. Buscar parceiros através da responsabilidade social.

Quando perguntada sobre os significados do turismo solidário ela revela que,

uma nova modalidade de turismo que visa levar o desenvolvimento territorial para as regiões onde o Programa atende, que estão localizadas no Vale no Norte de Minas e inclui a atividade turística como uma atividade econômica sempre respeitando as características do pessoal do Vale, características humanas, culturais, naturais. Mas o ponto chave é este: uma nova modalidade de turismo...diversificar a oferta oferecendo mais de 100 produtos espalhados pelas 20 localidades que fazem parte do Programa

Como se pode avaliar, toda essa visão corrobora o ideário comunitário aqui referido. E as ações realizadas pelo Sistema SEDVAN-IDENE seguem os parâmetros da Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, que propõe a implementação do modelo de gestão descentralizada nas dimensões gerencial, territorial e promocional, por meio de organizações locais. A ideia das hospedagens domiciliares, que vemos a seguir, se assenta nas mesmas bases.

3.6.1 Receptivo familiar e o voluntariado: o diferencial do turismo no Vale

O que fascina é a abertura das pessoas para receber outro, um coração aberto, o carinho das pessoas isso é o que mais me fascina
Martin

Como mostrei no capítulo um, existem várias modalidades de turismo pelo mundo, assim como existem vários tipos de pessoas e de desejos. Entre estes tipos, estão aqueles que procuram um contato mais intenso com a realidade local. No Brasil, existem, como vimos, a Favela Receptiva em Vila Canoas com a proposta de convívio, em alguns casos, como na Prainha e nas Encostas da Serra Geral, as hospedagens eram próximas às casas das famílias. Porém o “receptivo familiar” como ocorre no Turismo Solidário do Vale do Jequitinhonha-MG (Figura 24) se destaca em suas características. A acolhida familiar juntamente com o trabalho voluntário aparecem como um dos principais diferenciais do turismo do Vale do Jequitinhonha e são uma das motivações deste estudo.



Figura 24- Receptivo familiar em Mendanha (Dona Ciba).
Fonte: Fortunato, 2009

Embora eu esteja me referindo aqui ao projeto Turismo Solidário, deve ser ressaltado que o “turismo solidário” que observei ocorrendo no Vale não se deve necessariamente a esse Programa. Nesse sentido deve ser reconhecido que, de um lado O Programa do Turismo Solidário é promovido por meio de uma página na Internet¹⁰ que possui uma importância estratégica para o seu funcionamento, pois ela apresenta a proposta do mesmo, divulga a atividade e mostra aos turistas as condições dos receptivos familiares nos quais eles poderão se hospedar, apresentando cada família e sua moradia. Mas de outro lado, há outras fontes de incentivo ao turismo ali, como é o caso de uma agência de turismo em Belo Horizonte que utiliza os serviços dos moradores¹¹. Deve também se conhecido o apelo que o lugar já tinha para um certo tipo de turistas que o procuravam.

De acordo com um turista que visita a região, o Programa de Turismo Solidário resgata um coisa que já existia, e que agora se consolida de forma institucional.

porque quando você vinha em comunidades como São Gonçalo, Milho Verde, Capivari, para citar as comunidades daqui de perto a gente ficava nas casas das pessoas, não tinha pousadas, se chegava começa a conversar as vezes no boteco arrumava um lugar para ficar ou montava nossa própria casa (barraca de camping).

Esse tipo de relação hospitaleira assemelha-se com um dos tipos de turismo rural estudado por Silva (2009, p.79) em Portugal quando o mesmo diz que:

¹⁰ www.turismosolidario.com.br

¹¹ Alguns turistas que chegam à região são provenientes de uma agência de turismo, que segundo moradores de Capivari começou “antes do turismo solidário” a levar turistas para caminhar nas trilhas da região.

O ambiente familiar e o atendimento personalizado surgem, assim, como os principais traços distintivos das unidades de turismo em espaço rural face aos meios de alojamento convencionais, desempenhando um papel crucial na construção de uma ideologia que procura assentar a singularidade do sector no carácter personalizado das relações que se desenvolvem entre hóspedes e hospedeiros.

Entretanto, no caso do Vale percebe-se que existe certa dificuldade da população em receber as pessoas em sua própria casa, para conviver com seus familiares e participar da sua rotina, como indicam as seguintes falas: “a gente não tem uma estrutura para receber”, “a casa da gente é pobre”, “tem uns que ficam marcando, escolhendo, o que foi passado para gente era que a gente não precisaria fazer mudança nenhuma”, “a gente tenta deixar à vontade, mas eu estou meio assustada porque a gente precisa fazer alguns melhoramentos, alguns passam a exigir um banheiro no quarto”, “a casa mais pobre do receptivo é a minha”, “a minha casa é a mais simples da região”, “a casa está muito avacalhada... fico com vergonha”.

Neste ponto caberia também uma discussão em relação ao perfil dos turistas que frequentam tais ambientes familiares; e tais questões já vêm sendo discutidas e em parte superadas através da troca de experiências nos grupos gestores do turismo, presentes em todos os vilarejos visitados e que são encarregados de conduzir o turismo na região de acordo com os anseios da população local. Uma das discussões de grupo gestor presenciadas referia-se à necessidade de traçar um perfil das pessoas que estão aptas a ficar hospedadas em um receptivo familiar para evitar alguns problemas que aconteceram. Em um dos casos relatados alguns turistas que não estavam viajando pelo programa, no qual os turistas fazem as reservas nos receptivos pelo site, constrangeram as famílias receptoras reclamando das acomodações e/ou dos serviços prestados.

Já em outra localidade (Alecrim) próxima ao Parque Estadual do Rio Preto, uma moradora disse que não recebe pessoas sem elas terem algum tipo de indicação, seja pelo programa ou por outra agência chamada “Andarilhos da Luz”, que também utiliza seus serviços de receptivo familiar.

Outra característica importante do receptivo familiar é a promoção da geração de renda gerada para os moradores locais. Dessa maneira, apresenta impacto ambiental reduzido se comparado com outros tipos de turismo que investem na construção de grandes hotéis e pousadas com uma capacidade de recepção maior. Martin, líder local e fundador da Funivale (), apresentado anteriormente, ressalta que o nome “receptivo” não o agrada, pois passa uma ideia de recipiente, que segundo ele não condiz com a acolhida proporcionada pelos visitantes do vale. Alguns receptivos estão localizados no entorno de Unidades de Conservação. O que faz deste tipo de turismo condizente com a preocupação de conservação da região.

3.6.2 Associações comunitárias e sua relação com o turismo no Vale

Devido à grande dificuldade econômica vivenciada pelos moradores do Vale do Jequitinhonha, resolveu-se que a melhor forma de gerir os recursos, apostando em um futuro promissor, seria através do fortalecimento comunitário, através do “empoderamento” dos moradores, levando-os a se unir em prol de um objetivo comum – melhoria da qualidade de vida local – e propor atividades econômicas que tenham estreita ligação com os aspectos naturais e culturais da região. Segundo Segrera (2003, p. 234), “cada região, cada nação, deve buscar, conforme seus próprios valores, seu próprio caminho”.

Muito próximo dessa visão está a noção de “tecnologia social”, muito usada no universo de programas de desenvolvimento local, que se refere ao despertar da comunidade para pensar o desenvolvimento endógeno, munidos dos saberes locais, com baixo custo e muita criatividade (Fundação Banco do Brasil). Segundo a Fundação Banco do Brasil, tecnologia social “é o conjunto de técnicas e procedimentos, associados às formas de organização coletiva que representem soluções para inclusão social e melhoria da qualidade de vida”.

Não é difícil passar pelo Vale e encontrar uma grande quantidade de pessoas que se une em prol de uma causa. O próprio IDENE incentiva as organizações comunitárias como meio para superação das dificuldades econômicas e aposta nos grupos gestores das localidades para planejar, monitorar e organizar o turismo nos vilarejos; a proposta estabelece relações intrínsecas com as perspectivas trabalhadas no campo do socioambientalismo e do turismo base comunitária, já referido antes e, que para Irving (2009, p. 111):

tende a ser aquele tipo de turismo que, em tese, favorece a coesão e o laço social e o sentido coletivo de vida em sociedade, e que por esta via, promove qualidade de vida, o sentido de inclusão, a valorização da cultura local e o sentimento de pertencimento. Este tipo de turismo representa, portanto, a interpretação “local” do turismo, frente às projeções de demandas e de cenários do grupo social do destino, tendo como pano de fundo a dinâmica do mundo globalizado, mas não as imposições da globalização

Em Mendanha, um dos vilarejos visitados, existe uma Associação de Moradores que segue os princípios da economia solidária que, segundo Singer (2002), é uma proposta de associação entre pessoas em que o lucro é dividido em partes iguais para todos os associados.

Entre os projetos ligados ao associativismo, encontra-se o projeto das Bordadeiras de Mendanha que incentiva a arte entre as crianças e adolescentes locais, além de ensinar

matemática e português, e trabalhar com espiritualidade. Uma das integrantes da Associação de Moradores AMA-ME (Associação de Moradores e Amigos de Mendanha) apresentou todos que eram diretamente envolvidas com o turismo solidário e relatou o processo de organização da comunidade em associações do seguinte modo: “A associação de Moradores e Amigos de Mendanha que resume neste grito que tem aqui na minha blusa tão pequeninha “AMA-ME”, é um grito de amor, amor à natureza, amor aos seres humanos, amor a tudo que temos e amor a tudo que somos”. Sobre as primeiras reuniões, comentou:

Muito timidamente as pessoas demoraram um 15 minutos para começar a falar, houve um grande silêncio, e eu acredito que naquele silêncio Deus operava para trazer os nossos sonhos a tona e hoje nós temos o sonho que é ver a associação construída... ela também é um receptivo familiar e faz parte do turismo solidário, lá eles recebem turistas, promovem festas da comunidade, lá tem também a casa de doce, temos também uma área em baixo com grupo de música para nossa comunidade que ensaia

Encontram-se tais associações em várias localidades que trabalham com o turismo solidário. Embora não sejam especificamente voltadas para o turismo ao ponto de proporcionar ganhos efetivos a partir dele, cumprem um papel de fundamental importância no desenvolvimento de diversas atividades locais e construindo elas próprias, enquanto associação, um atrativo para os turistas que e querem solidário e interessados nas “coisas do lugar”. Assim é que tais associações estão entre os principais atrativos das localidades, pois um dos objetos de interesse dos turistas solidários é conhecer como as pessoas se organizam seu ambiente, o que significa também conhecer com maior profundidade a cultura local:

Em São Gonçalo do Rio das Pedras, observei pessoas trabalhando na confecção de tecido com tear (Figura 26), e em todos os outros vilarejos encontrei algo semelhante. Em Mendanha, alguns turistas solidários franceses estavam visitando a Associação de Bordadeiras (Figura 25), e em todas essas localidades do Vale as associações foram citadas como referência pelos seus moradores como um lugar que deveria ser conhecido.



Figura 26-Tear em São Gonçalo do Rio das Pedras.
Fonte: Fortunato, 2009



Figura 25- Grupo de Franceses visitando a associação.
Fonte: Fortunato, 2009

Em Campo Coqueiro e Campo Alegre, o principal atrativo da localidade é a fabricação do artesanato em barro (Figura 27), que em parte ocorrem nas associações.



Figura 27- “Turista solidária” visitando a associação artesãos de Coqueiro Campo.
Fonte: Fortunato, 2009

Os estudos de Silva (2009, p.20) ilustram as potencialidades das organizações comunitárias no campo do turismo como um fator preponderante para que a atividade ganhe certa expressão nas locais, um dos seus informantes, presidente de uma associação que pensa o turismo comenta

[...] criei a associação em conjugação com alguns proprietários locais, isto porque o objectivo era criar uma forma de lançar um produto turístico, criar uma imagem de marca, criar uma atração em termos de produto e não propriamente sermos todos desgarrados, cada um trabalhar por si e cada um fazer... no fundo ter regras e ter algumas formas de procedimento que fossem comuns.

É semelhante ao que ocorre no Vale, onde, como se vê, as associações comunitárias são em grande parte as responsáveis pela desenvoltura do turismo solidário no lugar, devido à sua pautada em posturas “solidárias” envolvendo a da população local, conforme requer a proposta do turismo solidário: trabalhos nos moldes da economia solidária, da tecnologia social, das redes sociais e virtuais, sinalizando para um modo alternativo de desenvolvimento.

3.7 A ação solidária como um produto no Vale do Jequitinhonha

Em fevereiro e maio de 2011, alguns vilarejos do Vale do Jequitinhonha, como Alecrim, foram alvo de ações do Instituto Brasil Solidário que recebe apoio da Companhia Vale do Rio Doce para concretizar seus projetos. E a Vale, por sua vez também patrocina o Programa de Turismo Solidário.

Durante a execução do projeto Sorriso Solidário, referente a tratamento odontológico, o instituto disponibilizou informações “em tempo real” pelo *twitter* e por meio de boletins informativos via email. Em um dos emails constava que: “nosso projeto caminhará em parceria com o Programa de Turismo Solidário, já existente na região. Nossos profissionais serão instalados junto às famílias locais, promovendo uma grande interação cultural” (Ana Elisa Salvatore - diretora do IBS). Indicam que suas ações voltam-se para regiões com problemas sociais. “O Instituto Brasil Solidário dá mais um passo em prol de mais comunidades carentes”. E apresentam as atividades realizadas como “de cunho sustentável. Referem-se ao encontro entre a população local e os seus técnicos, que ora são chamados de profissionais (eles estavam recebendo dinheiro para ir até as regiões) e ora são chamados de turistas solidários (a proposta do Programa é que as pessoas sejam voluntárias, independentes da sua remuneração).

A coordenadora do projeto ressaltou que: “estamos totalmente integrados à população, que nos recebeu e acolheu como se estivéssemos em nossas próprias casas. Com certeza a troca de informações é muito intensa”. Aí se vê que uma das propostas do Programa de Turismo Solidário ganha ênfase; como também se nota nas demais colocações a referência àquele ideal comunitário que vimos anteriormente, aqui pretendido através das ações tidas como solidárias.

Como se pode ver, tal solidariedade é colocada quase que como um selo de legitimidade, ao mesmo tempo em que se pode igualmente perceber a assimetria entre os envolvidos, quando o Instituto aparece como redentor ao promover, em suas palavras “bem-estar à população carente local”, estigma do qual o povo do Vale do Jequitinhonha luta para se livrar.

Muitas ações foram realizadas, como plantação de árvores, construção do viveiro de mudas e da caixa de reutilização de água, e que, para o Instituto vai gerar economia e consciência ambiental”: “Queremos dar meios para que a própria comunidade possa

economizar e ser consciente de seu papel para a melhora da qualidade de vida e transformação local”.

Se essa situação assimétrica descaracteriza a proposta de turismo solidário, os projetos do IBS não deixam de contribuir para divulgação do Programa. E tudo isso indica, ao mesmo tempo, que o turismo solidário pode significar várias coisas dependendo de quem olha; e também que a chancela da “solidariedade” deve recair sobre outras atividades que se pretende desenvolver no Vale, e é propagandeada, como um produto.

3.8 A comercialização de produtos turísticos

Para as técnicas do Programa de Turismo Solidário entrevistadas um dos principais problemas do Programa era a necessidade de pensar produtos turísticos para localidades. Segundo uma delas achava-se que este processo aconteceria espontaneamente, mas, depois de um tempo da implantação do Programa, tal cenário ainda não se concretizou.

Na minha última ida ao campo em julho de 2011, recebi informações de que estavam sendo preparados roteiros que seriam divulgados para agências e instituições de ensino. Segundo uma das técnicas os moradores dos receptivos têm dificuldade para dar preço aos produtos relacionados ao campo do turismo e para negociar diretamente com o turista, o que é indicado por um turista ao comentar que o proprietário do receptivo, produtor da rapadura, nem lhe ofereceu o produto.

Um outro turista solidário, ao comentar que os moradores preocupavam com o que ele iria fazer no seu destino, ou seja, quais eram os atrativos disponíveis, sugere que seja investido nas “histórias da região”. E aponta também para questão dos transportes, que, no caso de São Gonçalo, onde ele estava ocorre uma vez ao dia. Deve ser lembrado que mais horários de ônibus poderiam acarretar um fluxo de turistas indesejado por uma parcela da população. Essa é uma preocupação constante dos que moram na localidade diante da chegada do asfalto que está em fase de implantação.

Produtos como oficina de artesanato para turistas em Coqueiro Campo e Campo Alegre já foram comercializados e mostram uma tendência e o caminho para pensar em uma nova segmentação do mercado em turismo ali.

Assim, chamo a atenção para o fato de que o turismo solidário, apesar da diferenciação da sua proposta passa a ser percebido, por alguns turistas como um produto, e como tal,

precisa satisfazer algumas expectativas construídas relacionadas a hospedagens (a questão da falta de privacidade foi comentada pelos turistas em algumas ocasiões), “programas” e alimentação. Estamos diante de um limite mercadológico à solidariedade.

3.9 O apelo do interior em contraposição à metrópole

Devido ao aumento da criminalidade, ao clima de insegurança, e à desconfiança mútua entre os habitantes das metrópoles brasileiras, percebe-se certa valorização de “uma vida mais tranquilo” (de acordo com uma moradora do Vale “a gente fica bem escondinho aqui no meio do mato”) na qual as pessoas possam experimentar uma forma de contato com a natureza.

Sendo assim, o turismo solidário no Vale do Jequitinhonha vem se apoiando nesse diferencial, explorando talvez o que Prado (1995) constata em relação à representação da cidade pequena/interior, onde a tranqüilidade, a pessoalidade e o reconhecimento são referidos à cidade grande. No site onde o Programa é apresentado e comercializado, não é difícil encontrar expressões do tipo “é uma cidade tranquila”, “usufruir da tranqüilidade da localidade”.

Para uma moradora local os turistas buscam “a diferença do que vive, né, por que vivem em cidades grandes, tumultuadas, muito barulhenta, aí, chegam aqui com esta tranqüilidade, águas limpas, cachoeiras, igual nós temos aqui, uma cachoeira maravilhosa”. Um visitante deixa este contraponto da metrópole com o interior mais claro e, de certo modo, justifica a abordagem dada no site sobre as características das localidades a serem visitadas.

o pessoal é bem receptivo... não sei o que é. O interior é bem receptivo mesmo... o pessoal do interior é muito inteligente... Eu convivo em meio a prédio, quando você chega, conversa com as pessoas com tranqüilidade, me enriquece muito, talvez por as pessoas estarem tranqüilas te passa tranqüilidade também

Outro turista solidário comenta:

Uma coisa bacana, nós estamos com a casa aqui aberta, a casa não é trancada...isso traz uma segurança se você vai para pousada você tranca a porta..tranca...vai se trancando ali dentro, aqui não, está aberto qualquer momento, você sai entra...isso é uma coisa bacana para nós...a cidade cada vez mais tensa, a insegurança, você perde a confiança. O fato dela ceder a casa dela demonstra, para o ponto de vista de quem vem de fora, uma confiança muito grande. (olhando para ela, disse: e eu espero que a gente não a decepcione,..)

Diante destes discursos, constata-se que existe um turista cujo perfil sinaliza para a vida longe dos grandes centros, como um espaço privilegiado para viver, pelo menos por um período, outra realidade, o que se enquadra na demanda pelo ecoturismo como mostrado anteriormente.

Vale lembrar que Silva (2009, p.121) destaca os mesmos elementos em sua pesquisa sobre o turismo rural em Portugal quando comenta sobre a atração pelo campo e para corroborar suas impressões utiliza a fala de uma de suas informantes: “viemos para escapar um pouco do stress citadino e para ter um pouco de paz, tranqüilidade, não ver carros, estar no campo e desfrutar da natureza”.

No caso do Vale do Jequitinhonha, então, a solidariedade e o ideal comunitário, da parte dos turistas, estão associados a uma expectativa do bucólico e de uma certa visão do “interior”.

3.10 Apropriação local das propostas de gestão do Programa de Turismo Solidário¹²

De maneira geral o Programa de Turismo Solidário é visto positivamente e esperançosamente pelos envolvidos no processo, todos já referidos anteriormente, e que são: técnicos do Programa (pessoas vindas de fora com formação especializada); gestores (componentes do “grupo gestor” formado por moradores das vilas); donos de “receptivo familiar” (moradores das vilas que recebem turistas em suas casas); monitores de turismo (pessoas das vilas treinadas para guiar turistas; moradores em geral).

Alguns dos participantes relatam que estão apostando na atividade para minimizar as dificuldades locais, o que, no entanto, ainda acontece de forma incipiente. Os moradores participantes do Programa foram envolvidos em vários projetos de capacitação que sinalizaram para a criação do grupo gestor de turismo local, que seria responsável pelo planejamento da atividade. Formado o Grupo Gestor eles passaram a receber orientação do corpo técnico do Programa, cuja frequência das visitas está atrelada à liberação de recursos, o que não estava ocorrendo na ocasião da minha pesquisa. Uma das técnicas do Programa ressalta que, depois de realizados os cursos de capacitação, tais moradores foram testados por um grupo de estagiários, o que evidencia o aspecto da normatização da tradição.

¹² As discussões deste item foram apresentadas no artigo publicado na Revista Acadêmica do Observatório de Inovação do Turismo da FGV (2010) (http://app.ebape.fgv.br/revistaoit/asp/dsp_texto_completo.asp?cd_pi=899876)

Os grupos gestores não têm se reunido com muita frequência para pensar a promoção da atividade, pois segundo os mesmos “para que se reunir se os turistas não chegam?”. Tal cenário revela as dificuldades da incorporação dos aspectos relacionadas à autonomia e à governança de Programas implementados pelo Estado.

As técnicas do Programa buscam promover as atividades nos destinos preparando produtos e fazendo contatos com universidades e agências, mas ressaltam que a população deve tomar posse do Programa: o próximo passo será ensinar as pessoas a comercializar os produtos, pois devem ter autonomia em relação ao Estado, que em um determinado momento deverá afastar-se de suas atividades intervencionistas e quando o jornal anuncia que “a crise cambial e a depreciação do aço no mercado internacional levaram o setor siderúrgico a reavaliar projetos previstos para o Brasil até 2015” (Hoje em dia - Belo Horizonte 08/01/2011), sendo a Vale, empresa que patrocina o Programa, esta saída do Estado pode ser rápida.

Fugindo da proposta do Programa de Turismo Solidário incentivado pelo governo, deve ser mencionada a utilização dos receptivos familiares em Capivari por uma empresa privada, o que faz com que os moradores reclamem dos turistas que em alguns casos não gostam das condições da acomodação e reclamam dos preços cobrados. Se esse caso foge totalmente à proposta do Programa, por outro lado, também em relação ao que inclui nessa proposta, da perspectiva dos moradores envolvidos com o turismo nas diversas localidades do Vale, permite constatar modos e graus de relações variados com o turismo solidário ali estimulado.

Em relação às instâncias SEDVAN/IDENE, por exemplo, o seu reconhecimento e as relações com as mesmas por parte dos participantes no programa variam. Quando a questão refere-se aos cursos de capacitação, são acionadas diversas visões conflitantes, pois, se por um lado, o curso traz um formato pré-concebido do que seja uma ótima recepção, por outro, alguns informantes entendem que eles já sabem como receber visitantes. De qualquer modo os certificados têm certo valor para legitimar a inserção nesse contexto de atividades, valores esse confirmado pelo fato de ser um deles visto pendurado na parede de uma moradora.

Até o momento o Programa de Turismo Solidário como parte de uma política pública, encontra dificuldades para atender às expectativas geradas pela sua implantação. Segundo a dona de um receptivo familiar, se ela tivessem investido na casa estaria sendo ainda pior (lembrando que, em Alecrim, alguns moradores fizeram alguns quartos para receber os turistas).

Vários moradores ressaltam a falta de divulgação como um dos principais problemas do Programa, e por outro lado, as técnicas estão receosas com “a qualidade” dos turistas, mas promoveram algumas viagens de familiarização com operadoras e agências de turismo.

Toda essa diversidade de reações ao Programa e à própria ideia de turismo solidário e mais seguinte fala de uma técnica, revelam como se dá a apropriação do Programa pelas comunidades, ilustrando o processo de indigenização como colocado por Sahlins , ou a forma de ancoragem de novas informações em imaginários específicos baseados nos sítios simbólicos como colocado por Zaoual (2006). Em relação aos técnicos que trabalhavam no Programa na época de sua implantação ela disse:

Eles pensaram que você teria um fluxo turístico mais rápido, que a capacitação para o estabelecimento de uma rede de serviços – vamos chamar de rede de serviços, hospedagem, transporte e alimentação, alguma coisa de artesanato que foi trabalhado em paralelo -, acreditavam que isso seria suficiente para uma divulgação e promoção do Programa, tanto que foram realizados algumas viagens de familiarização nesse sentido, mas eles não tinham a capacidade de recepção porque na verdade eles precisavam receber e operar. O mercado pediu produtos prontos e operadores, e até que isso fosse feito, gastou-se um tempo grande. Eu acho que inicialmente, os técnicos que começaram com o Programa acreditavam que a resposta também de organização , de entrosamento das comunidades envolvidas, seria maior; achava-se que essas comunidades envolvidas dariam conta de estar gerindo o Programa, o que foge da realidade.

Diante de todas as visões aqui consideradas a propósito da apropriação das propostas do PTS, podemos ver também o duelo que elas indicam entre o que chamo de (tentativa de) normatização da tradição e o processo designado por Sahlins como indigenização.

4 PERSPECTIVAS E SIGNIFICADOS NO CAMPO DO TURISMO SOLIDÁRIO

4.1 O lazer no campo do turismo como um espaço para formação pessoal

Tendo visto que existem diversas formas de turismo que oferecem aos turistas uma experiência de “aprendizagem”, que pode ser traduzida por “formação pessoal”, procuro a seguir mostrar o que alguns teóricos pensam sobre esta possibilidade associada ao lazer, ao tempo livre das obrigações cotidianas.

As noções de lazer e de turismo se entrecruzam nos estudos desses campos temáticos, com os mais variados sentidos. Marcelino, (1987), por exemplo, vê no lazer um espaço privilegiado para vivência de valores que ajudem as pessoas a (re) pensarem a sociedade atual tendo como objetivo sua transformação; em outras palavras, diz que não consegue entender o lazer como simples dispersor de tensões ou alguma coisa boa que compense a convivência com as injustiças sociais. Obtém-se com ele a possibilidade de “parar para pensar”, que significa a oportunidade do encontro consigo próprio, com a realidade social, com o conflito.

Para Carneiro (2007), o turismo pode ser associado à peregrinação, o que faz dele um espaço de formação pessoal. A autora expressa esta possibilidade nas seguintes palavras:

Se, por um lado, tanto o turismo como as peregrinações podem ser entendidas como exercendo um papel importante na construção social de "tradições inventadas" e da cultura de "preservação", por outro, a viagem como experiência para o turista e a peregrinação como experiência para o peregrino podem resultar em instâncias de construção social da pessoa de afirmação da individualidade e de socialização. Tanto uma como a outra experiência de viagem permitem experimentar, num dado período de tempo, uma condensação temporal dos momentos da vida inteira do ser social: expectativa de futuro vivência do presente e balanço do passado.

Já Krippendorf (2000, p.94) nos chama a atenção para as possibilidades, de as férias, as viagens e o lazer, contribuírem com o aperfeiçoamento pessoal com vistas à transformação social. Vejamos:

As férias desencadeiam um processo de aprendizado que com a continuidade – isto é, no decorrer de nossas viagens -, modifica nossas atitudes e nossos comportamentos, chegando mesmo a algumas mudanças na sociedade. Não se trata de viver alguma coisa “fora” e de contá-la em casa, mas de aprender alguma coisa lá fora e agir de acordo dentro de casa.

Uma premissa utilizada neste trabalho baseia-se na ideia de que a *formação pessoal* que ocorre em meio ao lazer no campo do turismo pode oferecer a possibilidade para que

novas representações, novas sensações estimulem o turista na direção de um mundo com menos desigualdades e degradação.

Alguns turistas estão dispostos a realizar tais reflexões. Segundo Bruner (2005, p.15) “tourists revealed in their conversations with me that they saw travel as a project of self-development, as a way of learning about the world”.

Padilha (2006) diz que podemos considerar um interesse pelos processos educativos e pelas mudanças de valores por intermédio do lazer, o que remete aos valores que vimos do socioambientalismo e do ideário comunitário. Trigo (2010, p. 23) diz que “a viagem não é apenas um deslocamento geográfico, cultural ou social, mas uma jornada interior, o que justifica ser uma experiência fundamental na vida das pessoas”.

E, em seu site, a agência Boomerang converge com essas visões, colocando que:“...el Turismo Educativo es un sinónimo de Turismo Solidario y creemos que puede ser una respuesta creativa e innovadora a la crisis en valores que vivimos”. A agência aposta no turismo como um espaço para criação de novos valores.

Victor Turner (1969 apud Bruner (2005) considera o turismo como um rito de passagem em que os turistas se dirigem por um período a um determinado local, passam um tempo e voltam para suas casas transformados. Nesta sua abordagem o que mais chama a atenção é a referência ao fato de se retornar transformado, propiciando a interrogação: transformado como? Percebo, neste caso, novamente a possibilidade da ocorrência do que estou considerando como formação pessoal por meio das viagens. Para Trigo (2010, p.23) a “viagem não é apenas um deslocamento geográfico, cultural ou social, mas uma jornada interior, o que justifica ser uma experiência fundamental na vida das pessoas”

Segundo Azevedo (2002) o turismo cultural – aquele que busca o contato com o modo de vida de um determinado grupo – que em vários aspectos converge com o turismo solidário pelas características apontadas anteriormente, é marcado em sua essência como um processo pedagógico, pela exigência de aprendizagem de novas práticas e comportamentos, pelo intercâmbio e interação de experiência com as comunidades locais. Segundo Irving (2009) uma condição para o turismo de Base Comunitária é o encontro entre identidades no sentido de compartilhamento. Tem-se, desse modo, modalidades de turismo que sinalizam tanto para a importância da gestão compartilhada e da descentralização como para as potencialidades de educação não-formal.

Considerando essas visões, e como já visto anteriormente, é possível dizer também que o turismo apresenta elementos importantes para as discussões no campo do socioambientalismo e da educação ambiental. Veja-se como as idéias de educação e formação

estão ai presentes; e nesse sentido, vale lembrar que, na reconstituição da “história do turismo”, visto genericamente, a atividade turística tem como um de seus marcos as viagens de estudos realizadas pelos filhos da aristocracia européia que proporcionavam aos mesmos um enriquecimento cultural.

O ser humano não nasceu turista, mas com a curiosidade e um sentimento um tanto nostálgico quanto aos países longínquos que gostaria de conhecer. Em todas as épocas, isso esteve entre suas necessidades básicas e imediatas. A dinâmica de tais atributos determinou as refinadas viagens da aristocracia até o fim do séc. XIX” (Krippendorf, 2000, p.14).

Preparar o ser humano para a viagem desde a infância: Exercitar-se na solidariedade, ao invés do egoísmo, privilegiar a comunidade, ao invés do isolamento. Ir de encontro a algo em vez de fugir de qualquer coisa. O turismo, como promotor de uma sociedade de aspecto humano? Por que não? (KRIPPENDORF, 2000, p. 34)

Boorstin (1992) valoriza como viajantes as pessoas que possuem o perfil de buscar ampliar seus horizontes culturais, em contraposição ao que designa como o turista moderno, que consome pseudo-eventos e desloca-se rapidamente vivendo experiências “artificiais”. Este tema será aprofundado mais à frente quando se tratar da questão da autenticidade no campo do turismo.

Vê-se que os deslocamentos para ambientes desconhecidos são considerados por diferentes autores como fonte de aprendizado ou de formação pessoal.

Entendendo por formação pessoal, na mesma perspectiva de Freire (1997), a capacidade que o ser humano tem de se (re) criar a cada instante, tendo em vista que se trata de um ser inacabado, ou seja, em constante construção, parto da mesma ideia para considerar as experiências no campo do turismo como situações de socialização, conhecimento e criação/dinamização de cultura, refletindo-se também no plano das identidades.

Rocha (2008, p. 121) propõe sinaliza que o conhecimento se faz pari passu com as diferentes experiências vividas. “O homem inteiro conta, sendo o conhecimento inseparável do nosso corpo, da nossa linguagem, da nossa história cultural”.E também dessa perspectiva pode-se atribuir às atividades turísticas a capacidade de promover o encontro com o novo, no qual as experiências dos turistas são conduzidas por caminhos que os fazem (re) pensar seu ser e seu agir no mundo. Sendo assim, é possível estabelecer relações entre o turismo e a educação não-formal, tanto no sentido de organização da atividade (FORTUNATO, 2009) quanto no sentido de proporcionar aos turistas espaços para repensarem sua atuação nos respectivos círculos sociais e se redescobrirem enquanto sujeitos na perspectiva de Rorty (2007), que será discutida mais adiante com maior profundidade.

Ao refletir sobre questões relacionadas ao aprendizado e transformação pessoal no momento da viagem/lazer alguns casos peculiares chamam atenção pelo impacto nas

identidades de dois cidadãos que marcaram a história, que são: Mahatma Gandhi e Ernesto Che Guevara. O primeiro, depois de estudar na África do Sul faz uma viagem pelo interior da Índia e, diante de tanta dificuldade, decide lutar de forma pacífica pela independência do seu país. Já Guevara faz uma viagem de motocicleta pela Cordilheira dos Andes com destino a uma colônia de leprosos no Peru, e depois dessa viagem escreveu em seu diário “nunca mais serei o mesmo”.

A colocação de Labate (apud Banduci 2001, p. 40) confirma o componente da formação pessoal no turismo, ao indicar que há turistas que

reivindicam para si um status e legitimidade diferenciados através de um discurso relativamente articulado que enfatiza a busca de uma relação de troca menos mediada e mais direta e profunda com o outro e com a natureza. A viagem, portanto, não como uma atividade apenas de lazer ou ruptura com o cotidiano, mas como uma experiência de conhecimento do outro e da natureza e, ao mesmo tempo, como uma forma de auto-conhecimento.

Quero mostrar, em especial no campo do turismo solidário, elementos que compõem os encontros, e a fim de tratar o fenômeno, proponho trabalhar com uma abordagem baseada no conceito de *enquadramento*.

4.2 Identidades e a questão dos enquadramentos nos encontros

Nenhum ser humano se humaniza sozinho. Sempre precisa do outro que testemunhe seu inacabamento (LAPASSADE, 1963, p. 40).

Os indivíduos buscam reconhecimento no seio de um grupo para fortalecer sua identidade e estimular sua expressão. Reconhecem-se mutuamente como sujeitos importantes, membros de um grupo específico. Entendo também que tal fortalecimento da identidade ocorre através de um mecanismo de diferenciação e reconhecimento recíproco¹³ e que quando se ameniza o grau de etnocentrismo que pode estar presente nesse mecanismo de diferenciação, que em muitos casos, subjuga as formas de expressão alheia podem abrir-se campos de possibilidades que permitem uma ressignificação da identidade dos indivíduos envolvidos nos encontros, e, portanto, pode ocorrer uma mudança no campo dos saberes por meio de um movimento dialético entre modos distintos de perceber a realidade.

¹³ Entendo reconhecimento recíproco na perspectiva de Honneth (2003, p.209) para quem “as formas de interação assumem nos casos normais o caráter de relações solidárias, porque todo o membro se sabe estimado por todos os outros na mesma medida; pois por “solidariedade” pode se entender, numa primeira aproximação, uma espécie de relação interativa em que os sujeitos tomam interesse reciprocamente por seus modos distintos de vida, já que eles se estimam entre si de maneira simétrica”

Seguindo nessa linha dos modos distintos de perceber a realidade, Fernando Pessoa (1934), em sua sensibilidade de poeta ilustra a questão da percepção peculiar de cada indivíduo:

Como é por dentro outra pessoa
 Quem é que o saberá sonhar?
 A alma de outrem é outro universo
 Com que não há comunicação possível,
 Com que não há verdadeiro entendimento.
 Nada sabemos da alma
 Senão da nossa;
 As dos outros são olhares,
 São gestos, são palavras,
 Com a suposição de qualquer semelhança
 No fundo.

Entendo que os seres humanos são construídos socialmente no seio de suas interações sociais, nas quais compartilham significados e suas identidades particulares, selecionando aspectos da realidade comum com outros para que a comunicação entre eles possa ocorrer. Fogel (1993) define este campo da realidade comum compartilhado como enquadramento *da relação*, que é feito a partir de códigos específicos fornecidos pelo ambiente¹⁴.

Na eficácia dessa comunicação Tomasello (2003) destaca a importância da “atenção conjunta” enquanto processo no qual, por exemplo, a criança estabelece elementos/objetos em comum com os adultos para organizar e dar sentido à comunicação. Concepção importante para pensar no encontro no campo do turismo, a *atenção conjunta*, se caracteriza, principalmente, pela interação/compartilhamento da atenção com o outro mediados por objetos, símbolos e significados negociados na interação. Nesta perspectiva, os encontros envolvendo símbolos e significados diferentes dos habituais podem revelar dados importantes que permitem alargar o repertório do indivíduo para responder a realidade de maneiras diferentes, criando, assim, um campo propício para surgimento de novos valores e práticas¹⁵.

E assim é que se pode considerar que os envolvidos com o turismo solidário encontram outras formas de descrever a realidade e a si próprios, passando a conhecer novas linguagens, lembrando que para Rorty (2007, p32) “o processo de mudança de linguagem e de outras práticas sociais podem produzir seres humanos de um tipo que nunca existiu antes”.

¹⁴ Para Fogel (1993, p.86) “The relationship system has a history because each new encounter creates new information that becomes part of the consensual frame between partners. Consensual frame emerge and stabilize as part of the active process of re-creation and not because of the organizing influence of generalized stage representation inside each individual”.

¹⁵ Nesta perspectiva Rorty (2007, p.324) a propósito da ideia da redescritção coloca que “tudo o que podemos fazer é trabalhar com nosso vocabulário final de que dispomos, mantendo os ouvidos abertos para as sugestões de como seria possível expandi-lo ou revisá-lo”

Essas questões relacionam-se com o turismo solidário que ocorre no vale do Jequitinhonha, na medida em que, diferente de outras modalidades de turismo, ali as atividades turísticas proporcionam o aumento da intimidade e um “aprofundamento” da relação estabelecida entre visitantes e as famílias com as quais os mesmos convivem. A propósito remeto a Fogel (1993), que sugere que algumas regras e normas sociais podem ser transformadas em uma relação de intimidade criando, assim, uma nova estrutura de significados para objetos e cenas por meio do relacionamento. Desse modo, cada relação é única e pressupõe formas específicas de interação fazendo do encontro e da relação um campo variável e extremamente dinâmico, que envolve negociação.

A criação de novos consensos, novos enquadramentos, novas temáticas entre os participantes de uma interação mantém a dinamicidade da cultura e é responsável pelo salto qualitativo no processo de relacionamento, pois a todo momento os seres humanos são afetados por suas ações e escolhas. O mapeamento apresentado adiante (item 4.5.1) das temáticas dos encontros revela o contexto no qual emergem as escolhas no processo de negociação.

Quanto a questão da identidade, aqui também envolvida, em referência aos tempos “líquidos” modernos (Bauman, 2007) cabe reconhecer a busca pela vivência na e com a comunidade, uma espécie de procura da identidade sólida muito bem ancorada nas tradições, que se vê no campo do turismo solidário, também na perspectiva de Bauman (2005, p. 55), “a tarefa de um construtor de identidade é, como diria Lévi-Strauss, a de um bricoleur, que constrói todo tipo de coisas com o material que tem à mão”; e este sentido, pode-se ver a experiência da troca proporcionada pelo turismo solidário como uma forma de suprimento para as identidades dos envolvidos.

Em continuidade com esse raciocínio, pode-se pensar que neste cenário, os encontros e os convívios com o diferente apresentam-se como elementos importantes para construção de modelos de sociedades democráticas, que, por sua vez, impulsionam o desenvolvimento local por meio do turismo. E, ainda, que as relações no âmbito desse turismo solidário repercutem nos usos dos espaços públicos de lazer e no exercício da cidadania através do aproveitamento de políticas públicas. A propósito remeto a Bernardo (2001, p. 41) que coloca que a aptidão para ver o mundo de variadas perspectivas, não é inata e só pode ser desenvolvida no espaço público, onde os indivíduos podem trocar opiniões e articular democraticamente suas diferenças, em torno de objetos também comuns. Também no campo das questões ambientais tais relações se articulam, como se verá a seguir com respeito aos estudos referentes à

educação ambiental, que em muitos casos está atrelada a projetos no campo do turismo, em busca de sustentabilidade.

4.3 Educação ambiental e comunidades aprendentes¹⁶

Escutar é dispor-se a captar lados da realidade para nós inacessíveis, mas que nos podem ser revelados pelo outro. (...) Pela escuta podemos aprender, nos confrontar, incorporar, no completar e nos enriquecer em nossa própria identidade que nunca é algo fixado para sempre, mas uma matriz capaz de se renovar e crescer em contato com o diferente (Boff, 2005, p.168)

A educação ambiental vem sendo discutida com maior profundidade desde 1972, com a realização da Conferência de Estocolmo na Suécia. Em outro trabalho (FORTUNATO, 2009), mostrei como as relações entre turismo e educação ambiental podem ser reconhecidas – o que pode servir de base para pensar que os encontros no campo desse turismo guardam um grande potencial para a prática da educação ambiental não-formal.

Considera-se que no momento da troca pode ocorrer um salto qualitativo em relação às diferentes formas de enfrentamento das desigualdades sociais, mediante as mudanças na cultura e nas identidades dos envolvidos; como ocorre, por exemplo, no caso dos moradores, que se tornaram monitores de turismo, artesãos ou “empresários” do setor de hospedagem, enquanto o turista pode reavaliar suas concepções sobre o ambiente e contribuir com a localidade.

Definida como uma práxis política, reflexiva sobre a vida e a natureza, formativa e transformadora da realidade social, considero a educação ambiental como espaço de diálogo, de interação e de participação, notadamente quando os sujeitos são envolvidos em processos geradores de trabalho e renda. Assim como Neffa & Silva (2010) entendo que a pressuposição de que a transformação da relação ser humano/natureza vincula-se às relações sociais e às dinâmicas socioambientais fundamenta os processos que possibilitam a criação de alternativas de enfrentamento às formas de dominação e de alienação e abre caminhos para novas práticas produtivas e inclusivas

A Política Nacional de Educação Ambiental número 9795/99 refere-se ao ecoturismo como elemento importante para reflexão sobre as questões socioambientais em um ambiente educativo não-formal. Sugiro que o turismo solidário também merece destaque para o

¹⁶ As discussões apresentadas neste item foram publicadas na Revista Ambiente & Educação da FURG (2010) (<http://www.seer.furg.br/ojs/index.php/ambeduc/article/viewDownloadInterstitial/1332/1066>)

fortalecimento da educação ambiental não-formal, pois a evidenciação dos conflitos e dos meios para sua superação, como ocorre no Vale do Jequitinhonha, pode provocar reflexões críticas sobre os problemas socioambientais.

Brandão (2005) estimula tais tipos de situações quando discute a ideia de “comunidades aprendentes”; ressaltando o aprendizado da escola como mais um momento de aprendizado dentre outros, ele destaca que os encontros cotidianos caracterizados como não-formais são também responsáveis pelo modo como representamos a realidade e intervimos sobre questões de cunho socioambiental.

Estas abordagens que se relacionam com as bases filosóficas conceituais da educação ambiental permitem ver como a atividade turística que promove o encontro e as convivências solidárias é um elemento importante para a construção de sociedades sustentáveis. Resta aqui avaliar ainda como a questão da solidariedade se faz fundamentalmente presente nesse turismo aqui considerado.

4.4 Os significados do turismo solidário no Vale do Jequitinhonha, MG

Neste capítulo procuro entender como se dão os encontros entre turistas solidários e a população da região estudada, trazendo reflexões relacionadas à questão da solidariedade. Penso nas possibilidades de ações pautadas neste tema e também de reflexões para melhoria de problemas socioambientais. A partir do caso aqui estudado, além da perspectiva de propor avanços teórico-metodológicos para o que vem sendo chamado de turismo solidário.

Antes de começar a apresentar os resultados, quero dizer que, depois de três anos de pesquisa, os informantes tornaram-se “colegas” e firmaram-se laços de amizade. O pesquisador assumiu um novo papel e seus contatos tornaram-se mais íntimos, o que possibilita a criação de um ambiente propício para desvelar os diferentes campos da vida dos indivíduos envolvidos na atividade turística. Começo apresentando a seguir os caminhos do aumento da intimidade nos encontros ocorridos no âmbito do Programa de Turismo Solidário, buscando compreender os enquadramentos temáticos nos quais transcorrem as relações ali estabelecidas.

4.4.1 Enquadramentos temáticos dos encontros entre turistas e população local

Trabalho aqui com a ideia de enquadramento tal como entende Fogel (1993) conforme mostrado anteriormente.

As perspectivas da criação de novos significados identitários nos encontros relacionam-se diretamente com o grau de profundidade e intensidade dos mesmos. Torna-se importante, portanto, conhecer em quais enquadramentos temáticos o mesmo ocorre.

Durante os dias de convívio do pesquisador com famílias do Vale, alguns enquadramentos repetiram-se com certa expressividade. Logo no início dos encontros falava-se das condições climáticas “aqui está chovendo bastante”, das condições das estradas “a estrada está muito ruim...”. Em seguida, questões relacionadas à gastronomia ganhavam destaque. O café era servido abrindo espaço para as primeiras negociações sobre quais seriam os próximos enquadramentos nos quais a interação iria desenrolar-se.

A interação logo se tornava dinâmica e ora os visitantes (o autor e os turistas) ou os visitados propunham novos enquadramentos e, depois de algumas horas de convívio, percebia-se um aumento da intimidade capaz de revelar mundos de valores e significados até então encobertos pelo contato superficial dos primeiros momentos de encontro.

Tal dinamicidade permitiu um aprofundamento dos assuntos abordados antes de forma superficial; por exemplo, quando se voltava aos enquadramentos relacionados à gastronomia, ganhava-se profundidade com comentários relacionados à maneira de produzir o “frango ao molho pardo”, o “umbigo de banana”, a rapadura e a farinha, e o lugar que ocupam na vida das pessoas.

Outros enquadramentos recorrentes relacionavam-se aos aspectos profissionais de cada indivíduo envolvido na relação estabelecida. A turista mostrou-se interessada na percepção que os moradores tinham sobre os profissionais que trabalham no campo da medicina, dizendo que este tipo de percepção ela não teria na universidade.

O tema da violência na cidade grande foi acionado em diversos momentos nos encontros. Em um deles, com uma menina de aproximadamente oito anos, ocorreu um fato interessante, pois a mesma questionou a turista sobre o significado de dois termos usados freqüentemente nos grandes centros, “traficante” e “ameaça”. Tais símbolos lingüísticos não faziam parte do repertório da criança. Neste caso, a turista precisou utilizar símbolos correlatos para manter certa coerência na comunicação evidenciando o processo de co-regulação apontado por Fogel (1993).

O grau de intimidade crescia nitidamente com o passar das horas de convívio e, ao final de um dia, os enquadramentos eram negociados com maior rapidez/fluidez e questões íntimas, como preocupações com o futuro dos filhos, sentimentos em relação aos familiares falecidos e até mesmo manias ao dormir, emergiam da interação.

Para avaliar o aumento da intimidade promovido pelas situações de compartilhamento de assuntos com maior intensidade, estabeleci uma escala crescente de intimidade relacionada diretamente ao tempo de permanência dos turistas solidários: níveis um e dois - pouca intimidade - três e quatro - intimidade média - e cinco - intimidade alta, nos encontros entre a população local e os turistas no âmbito do Turismo Solidário do Vale do Jequitinhonha.

1. Clima/relevo/infra-estrutura

- Exemplos de perguntas contidas nas estruturas de linguagem utilizadas nesse nível: Está chovendo muito aqui? Como está a estrada? Como chegou até aqui? Por onde passou?

2. Alimentação/gastronomia

- Exemplos de perguntas: Conhece este alimento? Como ele é produzido? Quer café?

3. Atualidades/notícias/mídia

- Exemplos de perguntas: Como está sua cidade? Você viu no noticiário? E afirmações: Olha como estão as coisas.

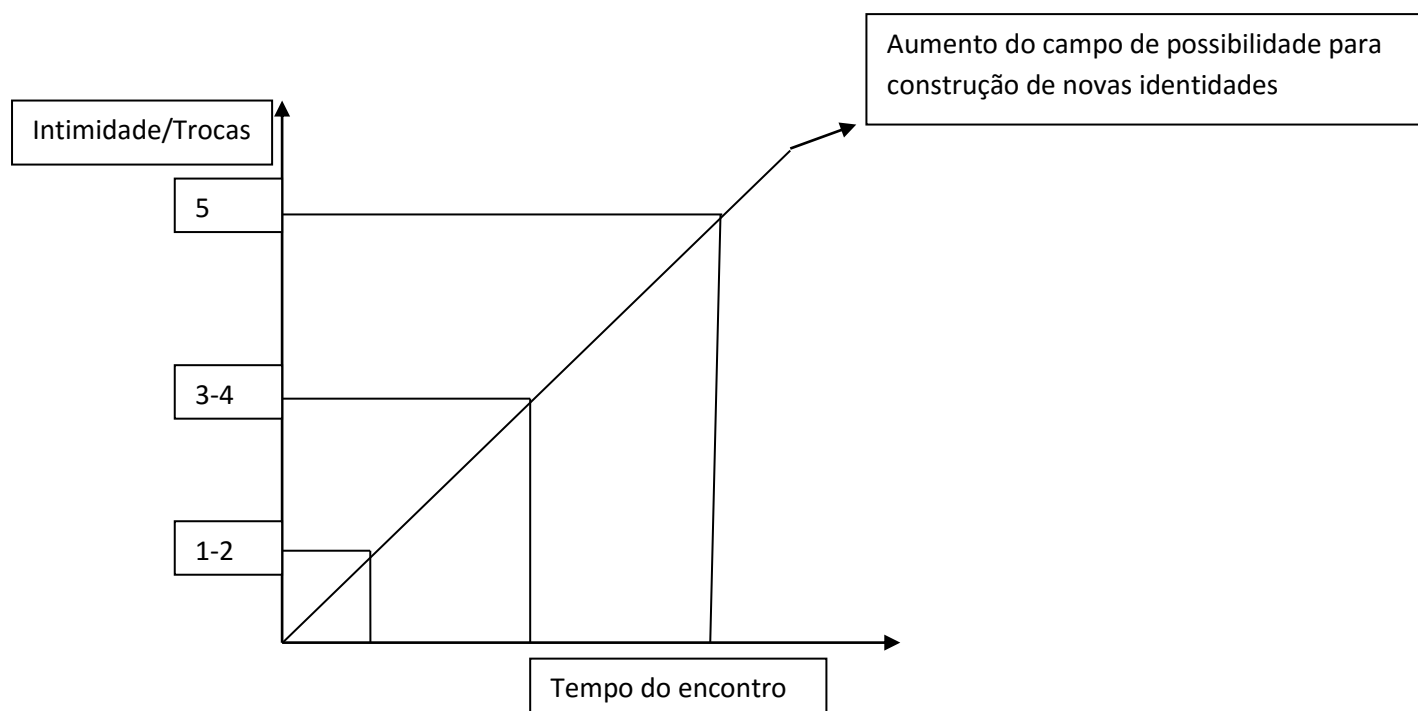
4. Profissões/livro produzido sobre as localidades

- Exemplos de perguntas: Como é seu trabalho? Com o que você trabalha?

5. Grande relevância emocional

- Exemplos de perguntas: Do que você gosta? Qual a sua religião? Discutem também sobre gostos; casos de infância, sentimentos em relação à família, espiritualidade etc.

As situações descritas podem ser visualizadas no gráfico 7 a seguir que relaciona a variável tempo ao aumento da intimidade e à troca de experiência na construção da identidade dos atores sociais.

Gráfico 7 - A relação temporal com o aumento do nível de intimidade

Fonte: Fortunato, 2011

Deve-se reconhecer que a variável tempo é relativa, pois o aumento da intimidade e das trocas experienciais pode alcançar o nível cinco, tanto em uma semana como em apenas um dia de convívio, dependendo da personalidade dos indivíduos. Um dos turistas solidários indica esse caminho como relevante para pensar as relações no campo do turismo solidário ao dizer que nesta modalidade de turismo “quanto mais o tempo vai passando, mais os laços vão se fortalecendo”. A escolha desse um modelo ajuda a pensar nas potencialidades dos encontros no campo do turismo solidário, cabendo ainda supor, em relação ao tempo que, quanto maior a duração do encontro/visita, maior a perspectiva de ganho e de desenvolvimento local. Nesse sentido, pode-se comparar o caso do Vale com o caso do Turismo comunitário indígena no Tupé, onde as visitas são curtas e o ganho correspondentemente baixo.

O aumento do grau de intimidade entre os interlocutores pode propiciar novos modos de perceber a realidade cada vez mais peculiares, ou seja, construções específicas que utilizam determinados símbolos em detrimento de outros para representar a realidade. Neste contexto, penso que existe também uma potencialidade para pensar essa interação como um espaço de educação, que coloca diante dos sujeitos um maior repertório para a constituição de sua identidade.

Morin (1998, p. 72) chamou esse processo de reconhecimento mútuo, no qual ocorre a consciência de que a formação do indivíduo passa pelo modo como ele se relaciona com a alteridade, remetendo à ética da religação, que “engloba tudo aquilo que faz comunicar, associar, solidarizar, fraternizar; ela se opõe a tudo o que fragmenta, desloca”.

Para Stuart Hall (2001) a identidade preenche o espaço entre o "interior" e o "exterior" - entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a "nós próprios" nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os "parte de nós" contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, “costura” o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis. Existe um mundo a ser compartilhado mesmo diante da diversidade, os enquadramentos e a (co) regulação permitem o sentido comum e o entendimento mútuo no processo de comunicação humana.

Neste sentido é que julgo que se pode pensar que o tipo de turismo aqui focalizado, educação ambiental não-formal e alargamento de percepção tornam-se elementos convergentes e contribuem para análise de cunho multidisciplinar do fenômeno do *encontro* no campo do turismo.

4.4.2 As relações de reciprocidade no campo do turismo solidário

Em uma tentativa de reversão do quadro que no mundo contemporâneo sinaliza para a disjunção, busco na teoria da dádiva de Marcel Mouss (1974) parâmetros para pensar que – apesar da indústria cultural e do modelo vigente de ciência serem pautados, predominantemente, pelo pensamento racionalista/instrumental/cartesiano no qual predomina a divisão – os seres humanos podem ter no princípio da dádiva algo intrínseco que os liga aos seus semelhantes nesse mesmo mundo.

Acredito que a dádiva como colocada nessa teoria, está presente nas relações permeadas pela solidariedade, como aquelas que temos visto no campo do turismo solidário do Vale do Jequitinhonha. Godbout (1999) que retrabalha essa teoria focalizando a sociedade contemporânea coloca que a rede de relações interpessoais cimentadas pela dádiva e o auxílio mútuo se destacam como últimos baluartes que permitem a sobrevivência num mundo de carências materiais e de insegurança.

Segundo Mauss (1974), existe um sistema de dádiva e trocas para além de questões econômicas na vida social, no qual as pessoas trocam objetos, serviços, saberes, e estas trocas têm um peso simbólico, ao mesmo tempo em que propiciam a satisfação dos indivíduos, bem como a manutenção da própria vida social. Segundo Lanna (1999), “as dádivas perpassam e organizam diferentes esferas sociais” e “A felicidade não está em outra parte que não no dar e receber – e citando Mauss (1974), continua – o respeito mútuo e na generosidade recíproca”. Encontro aí uma convergência com a teoria da luta por reconhecimento de Honneth (2003) referida anteriormente.

Ao mesmo tempo em que a *dádiva* na perspectiva de Mauss (1974), as relações serão marcadas pela *reciprocidade* entre as pessoas, em que a “doação” material, espiritual e emocional acarreta uma “dívida” com o outro, no sentido de que se faça o mesmo por ele. No caso do turismo solidário no Vale, a reciprocidade é facilmente reconhecível. Em Mendanha um turista solidário diz: “você paga um valor inferior do que em um hotel e você também ajuda aquela família que está recebendo você ali”; e outro diz: “ajudar no desenvolvimento do país ou da região, colocar os seus lazeres para fazer algo em prol de um povo”.

E por seu lado, os moradores locais dizem: “a gente dá o melhor da gente” ou “faz um esforço para servir da melhor maneira possível” e manifestam o desejo de agradar quando dizem “a gente espera que eles tenham alguma coisa boa para falar”, referindo-se aos serviços oferecidos pela família.

Em entrevista com um turista solidário que se hospedavam num receptivo familiar o aspecto da dádiva/reciprocidade apresenta-se como elemento central no seu discurso:

a Jovelina prepara o café e a gente vê que ela prepara o café de forma muito bacana; aí tem dia que a Grazi lava a louça e amanhã sou eu de novo, é uma forma da gente estar também colaborando, a gente não está aqui usufruindo, já que estamos na casa dela, vamos manter o banheiro limpo e acho que esta troca é importante também, a gente vai estabelecendo aqui práticas solidárias..

Como se vê, solidariedade e reciprocidade se sobrepõem na visão desse visitante. O mesmo se vê na simples menção ao fato de tratar-se de um “turista solidário”, como se essa categoria ou condição já implicasse a dádiva esperada, à qual se deverá retribuir com a boa forma de receber.

Em São João da Chapada, durante as primeiras incursões ao Vale, em conversa com uma moradora da região, ela disse: “São pessoas que ao vir na nossa comunidade têm a ideia de ajudar”. E uma turista solidária que fazia um trabalho de prevenção de parasitose, diz ter ouvido da senhora que a recebia em Santa Rita do Araçuai: “Ela é uma turista solidária, ela

traz uma contribuição para nós; fiquei muito contente de vocês ter visitado nós.” Ao ter este sentimento, a população local “doa-se” ao visitante fazendo dele um sujeito especial, assim como ela se sente tratada pelo visitante.

Outras falas de moradores ilustram a mesma situação: “isso para nós é muito importante”; “aprendi bastante, trouxe coisas que a gente não sabe”; “eles vindo aqui, conversando comigo, já é uma boa ação, traz informações importante”; “traz oportunidade para as pessoas viverem uma vida digna”; “me sinto muito feliz de estar assim junto com as pessoas” – nestas falas pode-se perceber que, um dos elementos que compõem uma possível ressignificação das identidades, se relaciona à valorização do outro, ou melhor, à confirmação da sua identidade como legítima e importante.

Os casos de dádivas são evidenciados a cada encontro na região do vale, tanto nas caronas recebidas no decorrer da pesquisa de campo, como pelos casos presenciados nas conversas com a população local. Uma turista, que visitava o Parque Nacional do Rio Preto, do lado de Alecrim, disse que ficou muito entusiasmada quando conheceu a proposta do turismo solidário do Vale do Jequitinhonha; disse já ter feito um trabalho voluntário no baixo Vale e completou dizendo que “às vezes as pessoas acham estamos ajudando alguma coisa, mas na verdade somos nós que estamos ganhando”.

Em uma reportagem na Folha de São Paulo encontram-se comentários sobre o turismo voluntário e pode-se perceber que a ajuda ao próximo está ligada ao bem estar pessoal de quem se propõe a trabalhar como voluntário; a reportagem cita algumas pesquisas sobre o tema que buscam comprovar tal visão quanto ao “voluntariado” de um modo geral.

Em Mendanha, na Associação de Bordadeira a coordenadora diz: “temos madrinhas que nos mandam linhas de Belo Horizonte”. Por trás disso há também significados que modificam o modo das pessoas se referirem a si mesmas.

4.4.3 O campo da autoestima e a redescritção identitária.

O Turismo Solidário ultrapassa as questões econômicas como vimos acima, tanto para os visitantes, como para os visitados. Nesse mesmo sentido, se pode ver que a possibilidade do contato com o diferente traz um novo ânimo às populações visitadas. Elas se sentem valorizadas pelas visitas, como atestam expressões do tipo: “eu me sinto o máximo”, “o turismo solidário foi uma coisa muito maravilhosa para mim”, “alguém de longe ter lembrado

de nós é bom demais” “eu fico tão feliz quando a Teca me liga”, “é gratificante”, “a gente se sente muito bem”. A antropóloga Patrícia Lanes (2006) apud Freire - Medeiros (2009, p.73) coloca que o investimento na autoestima é importante para combater a “discriminação e desvantagens as mais variadas”, o que revela uma potencialidade no campo do turismo solidário.

Silva (2009, p.22) mostra elementos parecidos em suas pesquisas relacionadas ao turismo rural em Portugal ao dizer que:

Comum a todas as populações por nós estudadas é o facto de a presença de forasteiros na terra (turistas, excursionistas e recreacionistas) não ser objecto de oposição por parte dos seus membros, nem fonte de desagrado, mas sim de aumento dos níveis de autoestima, como decorre da difundida ideia de que é sempre bom saber que as pessoas de fora gostam de cá vir e acham isso muito bonito

Outra questão a ser destacada quanto a isso refere-se à ligação entre identidade e profissão/trabalho, considerando o peso que trabalho e profissão podem ter no reconhecimento das identidades das pessoas e na descrição de si mesmos¹⁷, como é de se supor que ocorre num local onde falta emprego para a maioria. Posso dizer, através da minha observação nesta pesquisa, que as pessoas sentem-se fortalecidas em serem úteis às outras – “me sinto muito feliz de estar assim junto com as pessoas” – e podendo agregar novos sentidos às suas identidades por meio de um novo trabalho.

O guia Genésio de Capivari (Figura 28), um homem de aproximadamente 40 anos, sente-se visivelmente orgulhoso em conduzir os visitantes pelas trilhas da região. E diz que o turismo solidário “traz oportunidade para as pessoas viverem uma vida digna”.

¹⁷ Nesta perspectiva, a propósito da mudança no campo do trabalho, para Ferreira (2008, p. 43) “Tudo que puder ser dito sobre nós pode preencher a nossa indefinição, mudar a “nossa natureza”, fornecendo-nos um quadro, uma imagem sobre quem somos”



Figura 28- Genésio trabalhando como guia de turismo.
Fonte: Fortunato, 2009

Em Campo Alegre, durante as primeiras incursões ao campo, perguntei a um homem de também aproximadamente 40 anos, filho da senhora que me recebia em sua casa, com o que ele trabalhava. Ele disse que tinha feito um treinamento para ser guia e estava esperando os turistas; achou que eu iria fazer o passeio e, apesar de encabulado, utilizando frases do tipo “a gente não tem às vezes alguma coisa especial, uma palavra para falar”, estava disposto e animado para nos acompanhar.

Alguns turistas também se mostraram preocupados com a “dignidade” das pessoas do Vale. Um turista francês, por exemplo, disse: “esse dinheiro tem uma lista de valores, pois ele servirá ao desenvolvimento e vai ajudar, de certa maneira, mais pessoas a reencontrarem a dignidade delas”. Em outra ocasião, ouvi a seguinte informação, que mostrou como a atividade turística na região repercute nas pessoas do local: “Quando vai chegar um grupo a gente fica entusiasmado... todo mundo se une... as pessoas aqui têm uma autoestima muito baixa”. Nesta visão, essa moça, ligada à associação comunitária, correlaciona claramente a chegada do turismo na região com o aumento da autoestima dos habitantes do lugar.

Uma participante do grupo gestor em Mendanha ressalta que

a chegada do turista aqui é uma glória muito grande, agente alcança essa chegada do turista que vem para conhecer nossas maravilhas nossas belezas, que vem com um olhar de pobreza, mas quando chega aqui fala como o Simom que é um jovem Frances que esteve aqui, Rosa eu não conhecia a felicidade, mas conheci em Mendanha. Então a gente fica gratificado quando ouve isso, então a gente vê que aqui não tem pobreza, aqui tem singeleza que é diferente somos singelos, somos simples, mas somos receptivos e o turista busca isso

As cenas dos certificados dos cursos de capacitação enquadram-se aqui perfeitamente, pois é nítida a importância dada por alguns moradores aos cursos realizados. Três casas exibiam os certificados na parede da sala.

Voltando a ideia de *reconhecimento* de Honneth (2003) e a partir do caso do Vale, é possível dizer que o turismo em áreas pobres pode trazer benefícios às pessoas quanto à formação das identidades, por meio de redescrições sobre seu papel social, lembrando ainda as colocações de Wulf (2003, p. 210): “a imagem de si próprio se forma e se transforma através da vida com o outro e o seu reconhecimento”. E de Pinzani (2008, p.37): “A formação da identidade individual acontece, portanto, sempre e somente numa dimensão de interação do sujeito com seu mundo natural e social, com outros sujeitos”.

Segundo Semprini (1999, pg.104) “Mead já havia declarado que uma parte significativa da identidade de um indivíduo está em grande parte no olhar do outro”, e Villela (2001) diz que “é a partir do outro, do reconhecimento, que é construída a ideia que se tem de si mesmo”. Já para Ferreira (2008, p. 43) “por sermos seres falantes, tudo que puder ser dito sobre nós pode preencher a nossa indefinição, mudar a “nossa natureza”, fornecendo-nos um quadro, uma imagem sobre quem somos” Deste modo, podemos afirmar que a presença do turista buscando o contato com o diferente e trocando experiências com ele, produz nos visitados um sentimento de importância e contribui com sua formação pessoal.

Em São Gonçalo do Rio das Pedras um dos guias que participou do processo de capacitação demonstra como a atividade turística está sendo importante, para sua redescricao pessoal quando diz “eu me sinto muito importante porque além de eu estar mostrando a cultura da gente para eles, eles mostram aquilo que eles sabem para gente” (a troca de experiência será tratada com maior profundidade à frente). Muito mais exemplos como este poderiam ser citados, mas um dos casos mais significativos para mim ocorreu quando um turista solidário a senhora mais velha da localidade e sua filha diante do encontro, disse: “os jovens daqui não dão atenção para ela, as pessoas de fora que dão e ela fica feliz”. Em seguida a filha da senhora nos conduzia pela casa que ela havia reformado dizendo, “vem ver a construção que eu fiz para ela. Remeto novamente às questões relacionadas ao reconhecimento e à solidariedade como correlacionadas a autoestima no campo do turismo que ocorre no Vale.

Arrematando os exemplos relacionados à autoestima e às potencialidades de redescricao das identidades dos envolvidos, há o livro com receitas típicas da região lançado pelo Programa de Turismo Solidário em parceria com o SEBRAE. Fica nítido o orgulho dos moradores quando mostram suas participações no livro, que possui diversas fotos coloridas e

uma impressão/papel de alta qualidade. Sobre a festa de lançamento do livro ouvi: “apareceu muita gente”, “falamos lá na frente”, frases que demonstram as possibilidades para redescritção dos sujeitos e do contexto social, remetendo à importância dos saberes tradicionais tão requeridos pelos turistas em busca da chamada “autenticidade”.

4.4.4 A busca da autenticidade em tempos de normatização da tradição

A busca pela *autenticidade*, como vimos, de início em relação ao turismo comunitário indígena, é tema muito discutido pelos teóricos do turismo e pensar o turismo solidário que ocorre no Vale do Jequitinhonha também não foge dessa questão.

MacCannell (1976), que é o precursor no trato dessa questão nos estudos do turismo, trabalha com a ideia de encenação para referir-se a situações preparadas “para turistas”. Seriam, segundo ele, *atividades encenadas*. Burns (2002, pg.52) complementa: “a própria existência do turismo elimina a possibilidade de experiência cultural autêntica”. Boorstin (1992) defende a ideia de que o turismo é uma forma de experiência empacotada, que serve para prevenir o contato real com os outros, um modo manufaturado, trivial, inautêntico de ser.

Tais visões podem ser questionadas, como faz Cohen (1972), que critica essa ideia de que o turismo envolve atividades encenadas, indicando que, afinal, qualquer vivência cultural implicaria “encenação”, e colocando que existem diferentes formas de experiência turística. Nesse sentido, a “autenticidade” não deve ser considerada em si, mas como um fenômeno em si, mas sim como uma construção social, que pode ser negociada. De qualquer modo, a expectativa da “autenticidade” parece ser um componente forte no universo de muitos tipos de turistas: a expectativa de encontrar “o autêntico” e a tendência de não querer ser “apenas um turista”. E, no caso do tipo de turismo visto aqui, essa expectativa de autenticidade com certeza existe, e com certeza parece ser atendida – pode-se dizer que a ideia de autenticidade também sustenta esse turismo solidário que ocorre no Vale do Jequitinhonha.

Segundo um turista no Vale, “no turismo solidário tem esta espontaneidade de ir direto para conversar com a população”, como se pode perceber na Figura 29 quando um grupo de franceses cumprimenta um morador local.



Figura 29- Turistas franceses e morador em frente à AMA-ME.
Fonte: Fortunato, 2009

Em Alecrim uma senhora responsável por um dos receptivos familiares nos relatou: “Eles querem comer as coisas aqui da roça, uma vez eu trouxe o pão de sal (francês) e eles não gostaram”. E as ilustrações da busca de autenticidade se multiplicam, a começar da própria *convivência* com as famílias dentro de suas próprias casas que constituem os “receptivos familiares”.

Segundo a diretora regional do IDENE a proposta do turismo solidário é de “vivência, ficar lá com o povo”. Quando se fica hospedado em casas de moradores existe uma possibilidade para participar da vida da comunidade, tornando-se muito difícil as pessoas deixarem-se “moldar” pela presença e demanda do turista nesse tempo de convívio.

Um dos turistas falando de sua experiência com o turismo solidário diz que “aqui passa a ser mais orgânico, mais vivo”. Esta fala nos remete ao trabalho de Silva (2009) quando afirma que “o campo é sinônimo de sistemas que não estão infectados, de relações interpessoais mais genuínas, de coisas mais básicas”. Outro turista, francês que visitava Mendanha, nesta mesma perspectiva diz que “é mais simples”. As ideias de “vivo” e “simplicidade” – como uma tradução da autenticidade procurada – consistem num atrativo no campo do turismo solidário.

Para além da autenticidade local ali garantidas, estes mesmo franceses, projetam essa experiência para um encontro do “modo como o povo brasileiro vive”. “E nos encontramos de fato com os brasileiros que estão em seu cotidiano e, assim, a gente compreende na mesma hora melhor o que é a realidade brasileira. Saímos dos clichês que podemos ter”. “É um tipo

de interação original” ou então acreditam conhecer mais de perto um Brasil que poucos europeus conhecem: “nós estamos em um Brasil que é diferente”¹⁸.

Quando se discute o turismo solidário e o seu “primo” o turismo de base comunitária, a questão de quem está se beneficiando com a atividade torna-se essencial, pois nesta perspectiva parte-se da premissa que o dinheiro circula entre os moradores das localidades visitadas. No turismo solidário todo o dinheiro passa das mãos dos turistas para as mãos da população local. Essa é uma das principais características desse tipo de turismo e é mais um ponto valorizado na busca pela autenticidade.

4.4.5 A “insegurança profissional” dos moradores

Apesar dos turistas buscarem uma experiência autêntica, como vimos no tópico anterior, o simples fato deles se fazerem presentes nas cenas locais altera os comportamentos dos moradores que os recebem, e que, sendo assim, de alguma forma, estarão modificando seu cotidiano para receber os turistas. Em alguns casos, podem até mesmo reproduzir o padrão de alimentação do turista com possível medo de “errar” no cardápio. A técnica do Programa salienta que eles são acostumados a trabalhar com produtos agrícolas, e como pude presenciar em Alecrim, utilizam ainda o sistema de troca de mercadorias e de serviços. Segundo a mesma técnica, por esse motivo, os moradores têm dificuldade em pensar a hospedagem como produto, o que acarreta também dificuldades, por exemplo, para estabelecer preços e pensar novos produtos.

Constatai que os moradores procuram agradar o visitante e sentem-se inseguros em relação à qualidade das refeições e das acomodações e, às vezes, esta mesma insegurança faz com que pensem em desistir de receber o visitante. Falas do tipo “você já sabem que é tudo simples” são recorrentes, bem como indicações de transformação na estrutura das casas.

Na fala de uma das técnicas do Programa é possível constatar preocupações em relação ao turista frequentar um ambiente familiar, em vista do que percebe-se um empenho em descobrir o tipo de “turista certo”, que se adéque mais facilmente ao sistema e à estrutura familiar locais, evitando possíveis constrangimentos.

¹⁸ Questões semelhantes, a de ser outro tipo de turista, aparece nos trabalhos realizados por Freire-Medeiros (2007) nas favelas cariocas.

Em Capivari e Alecrim, onde o turismo solidário mistura-se com um turismo que já estava sendo operado na região por uma agência de Belo Horizonte, percebo certa confusão em relação a quem é o turista solidário, pois ao mesmo tempo em que procuram imaginar certo tipo de turista ideal tido como solidário, deparam-se com reclamações em relação à acolhida. Nessa perspectiva o turismo apresenta certa ambivalência pois do mesmo modo que pode elevar a autoestima pode causar aborrecimentos, principalmente por aqueles que, mesmo utilizando as estruturas pensadas pelo turismo solidário, não possuem um vínculo com a proposta.

Nesse sentido, quando trabalho com a questão da redescrição dos sujeitos e do social, e aparecem as discussões em relação à insegurança dos moradores em receber os turistas, que estou chamando de “insegurança profissional”, parece reforçar-se a ideia de que tais identidades seguem realmente no caminho das redescrções. Isso se manifesta também na mudança da estrutura das casas e na perspectiva de um empreendedorismo local.

Todos os casos estudados em campo nesta tese tinham a reescrita do espaço em termos turísticos como uma aposta para melhorar as condições econômicas das regiões. Em Alecrim os moradores do receptivo familiar estão investindo na construção de novos quartos, na melhoria da cozinha e começam a apresentar-se como empresários no campo do turismo, e constato, neste ponto, como o turismo modifica as relações familiares e cria expectativas de melhoria da qualidade de vida dos moradores, assim como nos casos apresentados no capítulo 1.

Existe, também, um desejo de conseguir captar turistas idenpendente do Programa de Turismo Solidário ou de agências de turismo. Tal desejo poderá ser suprimido apostando-se na ideia de redes.

4.4.6 Redes para além do turismo solidário

A ideia de redes está presente na contemporaneidade como um elemento central capaz de organizar pessoas para desenvolver determinados tipos de atividades nas quais as trocas de experiências e ajuda mútua são importantes. Os casos do projeto Acolhida na Colônia e da rede Tucum, na Prainha do Canto Verde, apresentados no capítulo 1 servem como referência quando pensamos sobre a importância das redes no campo do turismo.

Na maioria dos receptivos do Vale do Jequitinhonha os turistas que se hospedam não fizeram suas reservas por intermédio do Programa de Turismo Solidário, uma rede de contatos, que passa em muitos casos pelo próprio turista, vem se formando. Turistas indicam para outros as possibilidades de hospedagem em um receptivo familiar.

Neste ponto, encontra-se a possibilidade da família se emancipar e passar a gerir a atividade por sua própria conta e/ou junto com o grupo gestor da atividade. Este fato torna-se extremamente relevante para que os investimentos feitos pelo governo do Estado não se percam quando o Programa de incentivo por parte do mesmo acabar – ou seja, isso aponta na direção da auto sustentabilidade desse turismo local.

Em Alecrim alguns moradores estão recebendo turistas mesmo sem ter participado das capacitações do governo. Nota-se que esses moradores já aderiram à proposta, demonstrando, que a ocorrência do turismo solidário ganha novos contornos a cada dia, e dizem que “vão fazer o curso quando tiver”. Em São Gonçalo do Rio das Pedras, por exemplo, uma das envolvidas com o receptivo familiar disse que quem vem mais mesmo são “conhecidos das pessoas que já ficaram hospedados aqui”.

Esses casos sinalizam para as discussões de Prado (2003), *A indigenização da Agenda 21*, ao mostrar como os elementos de uma proposta são transformados e ressignificados pelas populações locais. Esse processo, quando uma perspectiva generalizante passa a ser traduzida pelos saberes locais, que a autora demonstra como acontece na implantação da Agenda 21, é o mesmo que vem acontecendo com as propostas do Turismo solidário do Vale do Jequitinhonha. Ao invés dos “receptivos familiares” previstos pelo Programa, passam a aparecer pousadas; em Capivari, a “pousada do Renato” e a “pousada Pico do Itambé”, entre moradores que dizem “eu não entendo esse tipo de turismo, não”

4.4.7 O encontro e/ou as trocas de experiências¹⁹

esa visión de conjunto constituye el horizonte general en el que, entendiendo, nos realizamos a nosotros mismo...la totalidad del propio conocimiento personal se constituye y modifica mediante los cotenidos particulares (Coreth, 176, p.38)

¹⁹ As discussões deste item foram apresentadas no artigo publicado na revista Turismo e Sociedade da UFPR (2010) (<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/turismo/article/viewFile/19630/12827>)

No terreiro, onde se criam as galinhas, a conversa fluía, os assuntos tinham como enquadramento a lida na roça, falávamos sobre galinhas e galos, incentivados pela minha curiosidade. Em outros momentos os “companheiros” (modo como se referem aos amigos) falavam sobre as formas de cultivo do milho, sobre a fartura na colheita dos vizinhos, mas quando falavam muito rápido, eu tinha a impressão de estar em outro país, visto o uso de termos regionais que dificultava o meu entendimento dos símbolos linguísticos.

O contato permite a circulação no mundo de símbolos e significados do outro e quando existe a ideia de ajuda, de solidariedade, de voluntariado circulando por determinado ambiente, percebo que a última coisa que os visitantes desejam é atrapalhar, causar problemas ou mal-estar. Isso é ilustrado quando um turista francês perguntou a um morador local se ele podia ter entrado no cemitério da cidade. Tendo este tipo de postura, o turista “abre-se” ao outro, indicando respeito pelo ambiente e pelas pessoas do local visitado.

Os aspectos abordados aqui a propósito do encontro e das trocas de experiências guardam uma continuidade, e mesmo se sobrepõem àqueles mostrados nos tópicos anteriores referentes à reciprocidade, à autoestima e a redescrição identitária, que estarão reafirmando aqui. Mas talvez possamos sintetizar na troca de experiência a principal marca do turismo solidário no Vale do Jequitinhonha, sendo também, como vimos, uma questão acionada em todos os outros casos apresentados no capítulo 1 e recorrente nas falas tanto dos turistas como das pessoas dos locais.

Considero que, no momento da troca, pode ocorrer um salto qualitativo em relação às diferentes formas de enfrentamento da pobreza, abrindo um espaço para que a cultura e a identidade dos envolvidos sejam reescritas e, através de uma nova percepção da realidade, contribuam com o surgimento de novas estratégias de vida e do desenvolvimento local. E trarei aqui exemplos de situações procurando demonstrar as condições em que as trocas ocorreram.

Ao chegar em uma propriedade rural onde existia uma placa do Programa de Turismo Solidário, algumas pessoas estavam produzindo farinha de mandioca do modo tradicional e pude, desse modo, conhecer todo o processo e experimentar o produto pronto (Figura 30).



Figura 30- Primeira Torra da farinha.
Fonte: Fortunato, 2009

Em seguida os trabalhadores revelaram que na parte de cima da propriedade havia outro grupo produzindo rapadura e uma turista solidária acompanhava todo o processo, inclusive participando ao experimentar o melado para ver se estava no ponto de ser jogado nas formas (Figura 31).



Figura 31-Turista solidária participando do processo produtivo da rapadura.
Fonte: Fortunato, 2009

Nesta experiência foram reveladas como se dão as relações de trabalho na região. No caso da produção da farinha de mandioca, a terra, o forno e os demais utensílios para produção da mesma foram emprestados pelo dono da propriedade e depois parte do produto pronto seria entregue a ele como pagamento pelo uso da terra.

Em relação à produção da rapadura, um morador da região ajudava o dono da terra na produção e levava uma parte da mesma. Segundo o agricultor dono da terra, quando o amigo que estava ajudando precisasse dos seus serviços as relações entre os trabalhadores se dariam da mesma forma. Estes tipos de relações personalizadas colocam diante do turista uma possibilidade de pensar sobre como ele estabelece suas relações pessoais e pode avaliar relações pautadas pelo dar-receber-retribuir, característico do sistema de dádiva de Mauss. Retornamos também ao tema da redescrição identitária, lembrando que, segundo Semprini (1999, 103), “É o encontro com o outro, sempre renovado, que permite entrever a evolução e a transformação da identidade individual” e que para Velho (1997, 20). “A interação com redes de relação mais amplas e diversificadas afeta o desempenho dos papéis sociais”; e ainda para Ragazzini, (2005, p.146). “a identidade individual parte das percepções de si e dos outros”

No turismo solidário algumas falas de moradores locais e turistas solidários indicam que novos elementos passam a fazer parte da vida dos entrevistados. A experiência do encontro coloca à disposição do turista e dos moradores locais um novo conjunto de significados e informações que permitem a reedescrição dos envolvidos, visto que na perspectiva de Rorty (2007), nenhum ser humano tem mais acesso à realidade do que outros, pois ela resiste as nossas descrições, sendo, portanto, a diversidade de olhares e perspectivas o fermento que contribui para o desenvolvimento de modelos de desenvolvimento alternativos.

“Essa experiência me ajudou a encontrar meu caminho profissional” (turista), “Mudanças para minha vida? Sim, evidentemente!” (turista) “...aprendi bastante, trouxe coisas que a gente não sabe...” (receptivo) “...eles vindo aqui conversando comigo já é uma boa ação traz informações importante...” (receptivo) “É bom conhecermos pessoas com a cabeça diferente da nossa, através deles podemos mudar a cabeça da gente e da comunidade para ver se surge uma nova alternativa aqui” (receptivo)“... Olha, no festival, eu trabalho as danças brasileiras e afro... a experiência é muito boa...você vai formando multiplicadores...agora na cidade já tem um grupo de dança Afro...” (turista) (Figura 32)



Figura 32-Manifestação da cultura afrodescendentes.

Fonte: Fortunato, 2009

Nessa mesma direção, um turista francês disse “O fato de nós virmos para cá ajuda-nos a entendermos outras situações, quando você vive no local já muda toda a percepção sobre a realidade, assim percebemos que não podemos impor um tipo de desenvolvimento que a população não está precisando”. Aqui o turista solidário revela a importância de pensar o desenvolvimento do local levando em consideração o modo de vida das populações do Vale, o que na perspectiva de Boaventura (2007) é muito importante para se aproveitarem as experiências alternativas em tempo de crise de um pensamento hegemônico. No local é que pode se apresentar um contraponto que sinaliza para um modelo de desenvolvimento alternativo. Demonstrando este potencial, o dono de um receptivo familiar em Alecrim, quando falava sobre os modos de produzir seu alimento disse que: “cada coisa tem uma ciência” e em seguida, conversava com o turista solidário sobre os pássaros da região, demonstrando enquadramentos mediados pela natureza. O turista, por sua vez, ressaltava que ele é que devia “entrar no ritmo” dos anfitriões, mostrando-se aberto a compartilhar um “outro mundo” no qual o tempo tem significados distintos. Compartilhava-se, na perspectiva de Zaoual (2006, p.32) um sítio simbólico. Para o mesmo:

cada sítio é uma entidade imaterial que impregna o conjunto da vida em dado meio. Ele possui um tipo de caixa preta de crenças, mitos, valores e experiências passadas, consciente ou inconscientemente ritualizadas. Ao lado desse aspecto feito de mitos e ritos, o sítio possui também uma caixa conceitual que contém seus conhecimentos empíricos e/ou teóricos, de fato, um saber social acumulado durante sua trajetória. Enfim, os atores em dada situação operam com uma caixa de ferramentas que contém saber-fazer, técnicas e modelos de ação próprios ao contexto

Um grupo de franceses que se hospedavam em Mendanha e realizavam trabalhos sociais em Diamantina, é unânime, ao se referir ao turismo solidário no Vale do Jequitinhonha como um espaço para troca de saberes, ressaltando que o fato deles não falarem português fluentemente compromete a interação.

Um dos casos mais significativos nesse sentido aconteceu no percurso de uma turista solidária que realizava um trabalho sobre a prevenção de parasitose. Em seu segundo encontro com um grupo de moradores, sua linguagem já havia mudado em relação ao primeiro encontro, pois introduziu termos como “canjiquinha” para se referir aos cisticercos presentes na carne do porco; já em seu terceiro encontro, em outra localidade, acrescentou conhecimentos do segundo encontro falando sobre as distâncias entre fossas e cisternas (Figura 33)²⁰.



Figura 33- Turista solidária em encontros com moradores de Campo Alegre.
Fonte: Fortunato, 2009

Em outra ocasião esta turista solidária fez uma palestra sobre contraceptivos na escola de São Gonçalo do Rio do Rio Preto; a mudança no tema se deu pela demanda da comunidade. Uma das agentes do Programa que a ajudava a realizar seu roteiro já havia chamado a atenção para o fato de os alunos demonstrarem muito interesse em sua exposição, a partir da qual sanaram várias dúvidas sobre o tema.

Segue abaixo o depoimento desta turista solidária:

²⁰ O trabalho desta turista solidária, do qual faço parte, foi publicado nos anais do 47º congresso científico do HUPE “Saúde da família”, com o título de: Promoção de Saúde por meio do Turismo Solidário no Vale do Jequitinhonha, MG.

é bastante importante lidar com pessoas de todos os tipos...é o que vou fazer em minha profissão (atualmente ela é aluna do 3º ano de medicina)...conhecer outras realidades, pois, apesar de você saber que existem lugares que não têm saneamento e acesso, a assistência médica restrita, é diferente você ir lá e ver...percepções diferentes de mundo...sensação de pureza (referia-se as pessoas das localidades) a receptividade das pessoas foi uma coisa muito impressionante...a pessoa nunca te viu e te oferece várias coisas...Será que ficar trancada em um consultório é o que quero com a minha profissão? Fiquei pensando nisso...gratidão...você tem a impressão de que você não fez nada demais e a pessoa agradece como se você tivesse feito muito... Eu quero fazer isso mais vezes...estou mais auto confiante

O discurso é o mesmo da parte de uma das organizadoras do 13º Festival de São Gonçalo do Rio das Pedras, que possui propostas semelhantes a do Programa de Turismo Solidário do Vale do Jequitinhonha.

Ele foi criado para ser esse intercâmbio esta troca de cultura entre o jeito que as pessoas vivem aqui e o visitante quando sai, por exemplo, um oficinairo que vem ensinar música para um menino daqui, ele está vindo – claro fazer turismo a gente não nega não né – por que os oficinairos adoram vir para São Gonçalo eles tem alojamento eles têm alimentação, eles estão vindo trazer o conhecimento e o que eu ouvi de todos eles é que eles estão levando muito mais, porque a comunidade tem muito o que ensinar, mas quando a gente está ensinando, a gente está aprendendo

Quando uma moradora de receptivo diz “a gente mudou o conhecimento, em relação ao conhecimento mudou bastante” e quando um outro diz “por mais simples que a gente seja acaba aprendendo algo com nós”, vê-se como existe aí um campo propício para a redescritção social por meio do turismo solidário e para o reconhecimento recíproco como proposto por Honneth (2003). Essas posturas nos permitem ainda avaliar relações com o campo das ciências e da democracia, pois quando o ser humano considera como importante o saber daquele que não tem a ciência como instrumento de leitura de mundo, produz certas horizontalidades entre o conhecimento tradicional e o saber científico produzindo um campo propício para novas abordagens/descrições da realidade.

Em relação às trocas de experiências no campo do turismo, novamente as pesquisas realizadas por Silva (2009, p.) convergem com os dados aqui apresentados, quando diz que:

No plano cultural, o turismo é visto como positivo em várias dimensões. Uma destas dimensões tem a ver com o intercâmbio que promove entre pessoas de diferentes origens geoculturais, facto que mostra que os proprietários, na sua generalidade, tal como os hóspedes, valorizaram o tipo de relações que entre eles se estabelecem.

Em uma visita à comunidade intitulada de “turismo solidário”, em um site de relacionamento na internet, com 115 membros o pesquisador conheceu um rapaz que fez uma viagem a Capivari, uma das localidades pioneiras no Turismo Solidário do Vale do Jequitinhonha. No seu álbum encontra-se uma fotografia (Figura 34) muito expressiva do

contexto desse turismo, com o seguinte comentário: “A felicidade se encontra nas simples essências da vida. Obrigado Genésio pela oportunidade de vivenciar esta verdade. Capivari/MG”.



Figura 34- Experiência de um turista solidário.
Fonte: Carlos Brant

Igualmente expressivas são as cartas mostradas pela dona de um receptivo familiar, apontando para um aspecto importante desse campo de trocas, que diz respeito à formação de novas amizades.

Cartas e objetos que lembram o local freqüentemente fazem parte dos encontros no âmbito do turismo solidário no Vale, e indicam um espaço de convívio no qual o outro é objeto de atenção especial, em contraponto aos encontros rápidos de outras modalidades de turismo. Isso faz acreditar que o turismo solidário pode se fortalecer por meio dessa ligação emocional entre os envolvidos nos encontros. Vejamos trechos dessas cartas:

Queridos amigos, obrigado por nos alimentar e abrigar, e especialmente por suas histórias sobre a vida de um garimpeiro. Gostei muito de aprender sobre Capivari, por pessoas que sabem o valor e a importância da família.

Ficamos tristes de não poder estar mais com a Noeme, mas ficam as boas lembranças de todas as histórias interessantes sobre Capivari e suas famílias. Mandamos para você algumas fotos e esperamos voltar ai algum dia. É realmente um cantinho do mundo muito bonito e acolhedor. Ainda bem que vocês sabem valorizar tudo o que tem de bom ai. Saudades e abraços.

CONCLUSÃO: APOSTANDO NO TURISMO SOLIDÁRIO

Vimos que o turismo solidário é um fenômeno complexo, que, por um lado, pode ser classificado no campo comercial, no qual o dinheiro compra um determinado produto e seu comprador espera recebê-lo atendendo a uma série de expectativas (qualidade da cama, das refeições), e por outro lado, apresenta-se como um sistema de dádiva no qual receber pessoas faz parte de um esquema cultural capaz de proporcionar bem-estar aos viajantes independente da relação comercial.

Por meio deste trabalho, foi possível constatar que o turismo solidário no Vale do Jequitinhonha possui algumas características peculiares e ao mesmo tempo semelhanças com outras experiências no Brasil e pelo mundo – turismos aparentados designados como voluntário, comunitário, ecoturismo, e frequentemente envolvidos também na ideia de sustentabilidade. Mas nesse parentesco, o encontro próximo com o outro é uma condição requerida pelo turista, e presente durante suas estadas nas localidades, em graus variados; sendo que em alguns casos a hospedagem é do tipo familiar e os roteiros direcionam os turistas para as organizações comunitárias (cooperativas, associações de moradores) e para o convívio com a comunidade.

Esse convívio, com o aumento no grau de intimidade entre os envolvidos no encontro, faz desse tipo de turismo uma busca mais do que por paisagens. “O outro” é o diferencial, o outro é o que mais importa, o outro é o responsável por aumentar o repertório de enquadramento pelo qual o indivíduo é capaz de “circular”. O aspecto central aqui foi mostrar, a partir do caso do Vale, como esse contato permite a troca de experiências, e em consequência contribui com a formação do turista e do morador local, que passam a ressignificar suas identidades e culturas, que se reconstituem com a entrada de novas visões e informações. Lembrando que, contrariando a ideia de que os contatos superficiais não podem provocar tais mudanças, Freire-Medeiros (2009, p. 88), ao analisar o turismo na Rocinha relata que “os turistas dizem que se sentem ‘transformados’, capazes de ‘dar valor ao que realmente importa’”.

Assim como em tantos outros exemplos trazidos ao longo desta tese, no âmbito de um trabalho realizado por uma “turista solidária”, pude captar a imagem muito significativa do quadro que aparece na Figura 35.



Figura 35-Filosofia no Vale.
Fonte: Fortunato, 2009

Essa visão de que “a vida é uma grande escola” perpassa pelas formas assemelhadas de turismo apresentadas nesta tese, e é colocada em foco no caso do turismo solidário do Vale do Jequitinhonha, permitindo pensar que os elementos pedagógicos de tal escola são aqueles também aqui focalizados, como reciprocidade, solidariedade, aumento da autoestima, valorização das pessoas do interior, etc.

Sem esses componentes, talvez não se pudesse pensar na troca implicando o surgimento de algo que pode contribuir tanto com a localidade quanto com o turista. Vimos o quanto eles se fazem presentes e, por isso, considero que o turismo solidário pode ser uma ferramenta para reflexão crítica sobre a vida social e sinaliza para uma ética voltada para a preocupação com “o outro” e para o reconhecimento recíproco. Essa ética é um aspecto que me interessa particularmente e que orienta o meu interesse pelo objeto deste estudo; e em relação a isso, remeto ainda a Bauman (2008, p. 105)

Mede-se a capacidade de carga de uma ponte pela força de seu pilar mais fraco. A qualidade humana da sociedade deveria ser medida pela qualidade de vida de seus membros mais fracos. E desde que a essência de toda moralidade é a responsabilidade que as pessoas assumem pela humanidade dos outros, esta é também a medida do padrão ético de uma sociedade.

A meu ver tal ética se manifesta através da noção e do exercício da solidariedade que marca o turismo aqui estudado e que foi observado de perto no Vale. E por isso, pretendo também estar com este estudo apontando caminhos em que as sociedades humanas sejam valorizadas em suas especificidades culturais. Nesse sentido, é importante reconhecer que, ao que parece, junto comigo, os próprios turistas envolvidos nesse tipo de turismo o valorizam de

uma perspectiva semelhante: o Vale do Jequitinhonha, a Vila Canoas, e os demais projetos sociais pesquisados, vão inserindo-se no campo das localidades “dignas de” serem visitadas na medida em que mostram ao mundo suas belezas, das quais fazem parte as suas capacidades de superação quando permeadas por laços de solidariedade.

Além disso, embora também relacionado a isso, esta tese chama a atenção para o fato de que, no caso estudado, pode-se constatar que, no bojo da implantação do Programa de Turismo Solidário no Vale do Jequitinhonha – como uma proposta vinda de fora, do governo do estado de Minas Gerais –, está havendo uma apropriação local do turismo nos próprios termos das culturas dos vilarejos do Vale. Vimos que, no contexto dessa implantação, a proposta inicial do Programa passou a se apresentar em novos formatos: construíram-se novos quartos em casas de família para receber turistas, as redes fortaleceram-se e possibilitaram novos contatos para hospedagens; trabalha-se em parceria com agências; e as casas passaram a ser referidas, por uma placa de “turismo solidário”, como prontas a negociar uma possível hospedagem por meio de sua própria rede de conhecidos, o que pode também ocorrer em referência a um sistema de visitação anterior ao Programa. Vemos assim, de um lado, a tentativa de normatização da tradição através de uma política pública e, de outro lado, a *indigenização* do Programa pelos moradores. Nesse jogo entre a normatização e a indigenização, pode-se ver também, no processo de redescrição social das pessoas e dos lugares, um amadurecimento da população local na direção da sustentabilidade do turismo no lugar, o que é, afinal, uma das propostas do Programa.

Este trabalho apontou ainda para o turismo solidário como uma nova estratégia de desenvolvimento socioambiental pautado ao mesmo tempo nos saberes locais e na ideia de sustentabilidade – considerando-se a possibilidade do turista solidário contribuir com o início de um processo capaz de trazer melhorias nas condições socioambientais da localidade visitada ao trocar experiências com a sociedade local –, característica que faz ainda do turismo solidário um elemento importante no campo das políticas públicas.

O Brasil está prestes a sediar a Copa do Mundo em 2014 e as Olimpíadas em 2016, o que coloca o país diante de uma importante oportunidade, e também demanda, para o desenvolvimento do setor turístico. Espera-se que, além das capitais, os pequenos municípios e distritos também serão afetados pela grande quantidade de turistas, com a perspectiva de alguns deles buscarem um contato de maior intimidade com os moradores das localidades visitadas e preocuparem-se com as questões socioambientais. Diante disso, suponho que um bom número de municípios e associações de moradores poderá investir nessa nova demanda e

buscar um modo de satisfazê-la nessa linha aqui demonstrada do turismo solidário. E assim é que conluo esta tese com a proposta de desenvolver um projeto de pesquisa-ação para assessorar as localidades que queiram atender a essa nova demanda de mercado.

O projeto “Brasilidade Solidária”, em fase de montagem, tem como material de primeira provocação aos grupos interessados a apresentação do documentário “Retrato Brasil” (Anexo 4), que revela os modos de implantação e organização de determinados formatos de turismo abordados nesta tese. Faço isso pensando que, apesar das oportunidades do novo cenário turístico, existe uma grande quantidade de grupos e pessoas que têm dificuldade para empreender e começar um novo negócio nesse segmento. Esse documentário tem capacidade de alcançar uma grande quantidade de pessoas que não estão acostumadas a ler teses acadêmicas, e trabalha com maior ênfase a questão da convivência, da emoção e da motivação, para que surjam novas iniciativas que contribuam com o desenvolvimento local. Desse modo, lanço uma nova metodologia de trabalho que busca preencher uma lacuna na relação entre a academia e as pessoas que trabalham ou querem trabalhar no campo do turismo. Busco, também, contribuir para o desenvolvimento de tecnologias sociais capazes de colaborar com a melhoria das questões socioambientais por meio do turismo.²¹

A utilização do título “Brasilidade Solidária” torna-se uma estratégia de *marketing*, visando atingir um público específico que busca no contato com a população local e na troca de experiências elementos que garantam a qualidade da sua viagem. Deste modo, além do documentário, e conforme as etapas através das quais o projeto vier a se desenrolar, o destino/atrativo que queira engajar-se na proposta poderá pautar-se nos seguintes indicadores:

1. Proporciona uma convivência de no mínimo duas horas por dia entre o turista e a população local, independente de ações voluntárias, e cria condições para que o grau de intimidade 5 possa ser atingido? ²²

²¹ No Rio Grande do Sul um grupo que trabalha com circuitos de vinhos inovou ao propor a criação da marca “tour da experiência” e ganhou apoio do Ministério do Turismo. Hoje este grupo produz material que indica a possibilidade de reprodução da tecnologia social em outras localidades. O município de Bonito e Petrópolis já aderiram à proposta. No Rio de Janeiro, o Ministério do Turismo, aproveitando a ação das Unidades de Polícia Pacificadora nos morros do município, investe R\$ 184 mil no morro Dona Marta e lançou no mês de agosto de 2010 o “Rio Top Tour”, um projeto-piloto que tem como objetivo, segundo o próprio Ministério do Turismo, “aproveitar o potencial turístico do local a partir da inclusão de moradores”, ressaltando que nesse cenário o turista pode conhecer mais de perto a cultura e a tradição. O projeto “Brasilidade Solidária” aqui proposto reconhece essa tendência no campo do turismo e segue nessa mesma direção ao propor o turismo solidário como estratégia conceitual e mercadológica, visando à diferenciação e competitividade das localidades que aderirem à proposta.

²² Lembrando que entendo o turismo solidário como um fenômeno passível de mensuração por meio da utilização da escala de níveis de intimidade no encontro, que relaciona tempo e intensidade de convívio como diretamente proporcionais às possibilidades de redefinição dos sujeitos envolvidos no encontro e ao grau de compromisso assumido com o outro (Gráfico 7, p.145).

2. Propõe um cardápio de roteiros inovador com base nos saberes locais que envolvam ações sociais e visitas às associações comunitárias e seus projetos?
3. Elabora diretrizes que indicam trabalhos no campo da economia solidária e dos arranjos produtivos locais?
4. Disponibiliza informações aos turistas relacionadas à responsabilidade social dos empreendimentos envolvidos?
5. Possui uma política de reprodução da tecnologia social empregada?
6. Realiza campanhas de *marketing* e busca parcerias institucionais para atrair visitantes?

Para demonstrar como tais indicadores podem ser utilizados conforme os pressupostos do turismo solidário, trabalhei com a avaliação das diferentes modalidades de turismo apresentadas no decorrer desta tese, resultando nas tabelas que podem ser consultadas no Anexo 5.

O ouro e o diamante já não ocupam o centro das atividades econômicas do Vale do Jequitinhonha. As pessoas que – positiva ou negativamente – tinham suas identidades ligadas a este tipo de atividade sentem necessidade de se redescrever, e muitas delas nesse sentido já contam com o turismo solidário que ali ocorre e com diferentes formas de tecnologia social. Acredito que comunidades que desejam trabalhar com o turismo podem se apropriar dessa ideia a fim de também virem a contar com turistas que tenham uma postura mais respeitosa em relação ao ambiente e à população local.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, J.M. **Voluntariado: na contramão dos direitos sociais**. São Paulo: Cortez, 2008.
- ASSMAN, H; SUNG,M.J. **Competência e sensibilidade solidária: educar para esperança**. Petrópolis, RJ: Vozes,2000.
- AZEVEDO, J. Turismo cultural – traços distintivos e contribuição para o desenvolvimento endógeno. In: IRVING, M.A e AZEVEDO, J. **Turismo: o desafio da sustentabilidade**. São Paulo: Futura.2002.
- BANDUCI, A, J. Turismo e Antropologia no Brasil: estudo preliminar. In: BANDUCI, A, J; BARRETTO, M (orgs). **Turismo e identidade local: uma visão antropológica**. Campinas, SP: Papyrus, 2001.
- BARRETO, M. **Cultura e turismo: discussões contemporâneas**. Campinas, SP: Papyrus, 2007.
- BAUMAN, Z. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- _____. **Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- _____. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005
- _____. **A Sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BASTOS, Cecília dos Guimarães. **Turismo e relações interculturais: uma viagem reflexiva com e sobre turistas independentes**. 2006. 126f. Dissertação (mestrado) - Programa de Estudos Interdisciplinares de Comunidades e Ecologia Social, Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- BELLIA, R & BATTESSI, N.R. **Tourisme solidaire : innovation et réseau: analyse comparée France-Italie, Colloque Les enjeux du management responsable Université Catholique de Lyon-18-19 juin 2004**. Disponível em: http://www.tourismesolidaire.org/ressource/pdf/ts_reseau.pdf acessado no dia 5/04/09 Acesso em: 10 ago. 2011.
- BERGER, P; LUCKMANN, T. A. **Construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis,RJ: Vozes, 1985.
- BOFF, L. **Virtudes para um outro mundo possível: hospitalidade**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- BOORSTIN, D. **The image. A guide to pseudo-events in America**. Nova York: First Vintagebooks. Edition,1992. Chapter 3: From traveler to tourist: the lost art travel.
- BRANDÃO, C. R. **Comunidades aprendentes**. In: FERRARO, L.A. J (org). Encontros e caminhos: formação de educadores ambientais e coletivos educadores. Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005.

BRASIL. Ministério da Cultura. Museu do Folclore. **Nos campos do vale: cerâmica no Alto Jequitinhonha**, 2010. [Folder de divulgação de exposição].

BRUNER, E. **Culture on Tour: ethnographies of travel**. Chicago: The University of Chicago Press, 2005.

BURNS, Peter M. **Turismo e antropologia: uma introdução**. São Paulo: Chronos, 2002.

CAPALBO, C. **Fenomenologia e ciências humanas**. Rio de Janeiro: Âmbito cultural, 1987.

CARNEIRO, S. **A pé e com fé: Brasileiros no Caminho de Santiago**. Rio de Janeiro: Attar Editorial, 2007.

CASTRO, C. A natureza Turística do Rio de Janeiro. In: BANDUCI, A, J; BARRETTO, M (orgs). **Turismo e identidade local: Uma visão antropológica**. Campinas, SP: Papirus, 2001.

CORIOLOANO, L. N. M. T.. Os limites do desenvolvimento e do turismo. In: CORIOLOANO, Luzia Neide M. T. **O Turismo de inclusão e o desenvolvimento local**. Fortaleza: FUNECE, 2003. p. 13-27.

CORETH, E. **Que es el hombre?** Esquema de una antropologia filosófica. Barcelona: Herder, 1985.

COSTA, F.R. **Turismo e patrimônio cultural: interpretação e qualificação**. São Paulo: SENAC/SESC, 2009

COOPER, C. & RYAN, C. **Report on The Attitudes of Residents of Raglan towards the development of Tourism. 2002**. In: Green Globe. Disponível em: <http://www.ggasiapacific.com.au>. Acesso em: 11 Mar. 2011.

CRUZ, H. T; FORTUNATO, R. A. Promoção de saúde por meio do Turismo solidário do Vale do Jequitinhonha. **Revista do Hospital Universitário Pedro Ernesto, UERJ – 47º congresso científico do HUPE “Saúde da família”, ano 8, suplemento, 2009, p. 205-206.**

DA MATTA, R. **Uma Introdução a antropologia social**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1981.

DEMO, P. **Politicidade: razão humana**. Campinas, SP: Papirus, 2002.

DIEGUES, A. C. **O mito da natureza intocada**. 3º Ed. São Paulo: Hucitec, 2000.

DURKHEIM, E. **Da divisão social do trabalho – 2ºed – São Paulo: Martins Fontes, 1999.**

FELDMAN-BIANCO, B (org). **Antropologia das sociedades contemporânea: métodos**. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

FERREIRA, A. A.L. Pragmatismo e história da psicologia. In: ARRUDA, A; BEZERRA, B; TEDESCO, S (orgs). **Pragmatismo, pragmáticas e produção de subjetividades**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

FOGEL, A. **Developing through relationships origins of communication, self, and culture**. Chicago: Univ. of Chicago Press, 1993.

FORTUNATO, R. A. Representação Social da Educação Ambiental e sua contribuição ao turismo. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v.2, n.2, 2009, pp.160-187.

FREIRE-MEDEIROS, B. **A construção da favela carioca como destino turístico**. Rio de Janeiro:CPDOC, 2006.

FREIRE-MEDEIROS, B. **A favela que se vê e que se vende: reflexões e polêmicas em torno de um destino turístico**. RBCS. Out 2007, vol.22, no.65, p.61-72.

_____. **Gringo na laje: produção, circulação e consumo da favela turística**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

GEERTZ, C. **Uma nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar,2001.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GOETHE, J.W. **Os sofrimentos do jovem Werther**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio

GODBOUT, J.T. **O espírito da dádiva**. Trad. Patrice Charles F.X. Wuillaume. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getulio Vargas, 1999.

GRABURN, N. **Existe uma Antropologia do Turismo? Tendências contemporâneas**. Campina Grande: ABANE, 2007.

HONNETH,A. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. São Paulo: Ed. 34, 2003.

HUSSERL, E. **A ideia da fenomenologia**. Lisboa, Edições 70, 2008.

IRVING, M. A. Reiventando a reflexão sobre o turismo de base comunitário. In: BARTHOLO, R; BURSZTYN, I; SANSOLO, D.G (orgs).**Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009.

JOAQUIM, G. **Da identidade à sustentabilidade ou a emergência do “turismo responsável”**. Sociologia problemas e práticas. N°23, 1997, pp. 71-100.

LAFANT, M. F; GRABURN, N. Internationalization tourism reconsidered: the principle of the alternative. In: LAFANT, M.F, ALLCOCK, J; BRUNER, E (orgs). **Tourism alternatives**. Filadelfia: University of Pennsylvania, 1992.

LANNA, M. **Nota sobre Marcel Mauss e o ensaio sobre a dádiva**. Rev. Sociol. Polit.,Curitiba, n.14, jun. 2000.Disponível<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782000000100010&lng=pt&nrm=iso>. acessos em18 ago. 2009.

LAPASSADE, G. **L'entrée dans la vie**. Essai sur l'inachèvement de l'homme. Paris, Minuit, 1963.

LINTON, R. **Cultura e personalidade**. Trad. Oscar Mendes. São Paulo: Editora Mestre Jou,1973.

LOPES, J. S. L (Coor). **Ambientalização dos conflitos sociais**. Rio de Janeiro: Relume Dumara: Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2004.

MACCANNELL, D. **The Tourist : a new theory of the leisure class**. New York: Schocken Books, 1976.

MACHADO, O. V. Pesquisa qualitativa: modalidade fenômeno situado: in BICUDO, M.A.V e ESPOSITO, V.H.S (Org). **A pesquisa qualitativa em educação: um enfoque fenomenológico**. Piracicaba: UNIMEP, 1994. P.35-46.

MALINOWSKI, B. **Argonautas do pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélogos da Nova Guiné Melanésia**. São Paulo: Abril, 1976.

MAFFESOLI, M. Considerações epistemológicas sobre a fractalidade. In: Mendes, C. **Representação e complexidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. 4 ° Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MARCELINO, N. C. **Educação e Lazer**. Campinas-SP: Papirus,1987.

MARTINS, M.L. **A arte de fabricar motins: os marcos regulatórios da mineração diamantífera em perspectiva histórica**. Disponível em:
http://www.igc.ufmg.br/geonomos/PDFs/16_2_69_77_Martins.pdf

MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In. **Sociologia e Antropologia**.v. II. São Paulo : Edusp

MÉSZÁROS, I. A imperiosa necessidade de um mundo radicalmente novo e a urgência da hora. In: MARILDO,M; BEHRING,R; FONTES,V. **Dilemas da humanidade**. Rio de Janeiro, Contraponto,2008.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001

MORIN, E. **Educar na era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem pelo erro e incerteza humana**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2007

NEFFA, Elza & SILVA, Elmo Rodrigues. O saber ambiental e a ressignificação da realidade. In: CAMELLO, Thereza (org.). **Educação Ambiental**. Rio de Janeiro, 2010 (no prelo).

NITCHELL, J.C. **A questão da quantificação na Antropologia social**. In: FELDMAN-BIANCO, B (org). Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos. São Paulo: UNESP, 2010.

NECHAR,M.C; PANOSSO, A, N . Implicaciones epistemológicas em la construcción del conocimiento del turismo. In: NECHAR,M.C; PANOSSO, A, N (Org). **Epistemologia do turismo**. Estudios Críticos: Trilhas, 2010.

OLIVEIRA, I, B. **Aprendendo nos/dos/com os cotidianos a ver/ler/ouvir/sentir o mundo**. Educ. Soc., Abr 2007, vol.28, no.98, p.47-72.

OLIVEIRA, R. C. Ensaio antropológicos sobre moral e ética. Rio de Janeiro, Tempo brasileiro, 1996.

DE OLIVEIRA, R. **Uso de Marcas Verbais para os aspectos não-verbais da conversação em salas de bate-papo na Internet**. 2007. 132 f. Dissertação (Mestrado) – Pós-graduação em Psicologia Cognitiva, Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 2007.

- PADILHA, V. **Shopping Center: a catedral das mercadorias**. São Paulo: Boitempo, 2006.
- PANOSSO, A.N; GAETA, C (Orgs). **Turismo de experiência**. São Paulo: Editora SENAC, 2010.
- PINZANI, A. Habermas leitor de Kohlber: o desenvolvimento moral da sociedade pós-convencional. In: **Revista Mente – Cérebro e filosofia: Formação do indivíduo e socialização**, 2008.
- PRADO, R. M. Cidade Pequena: paraíso e inferno da pessoalidade. In: **Cadernos de Antropologia e Imagem**. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Núcleo de Antropologia e Imagem – N.1. Rio de Janeiro:UERJ, NAI, 1995.
- PRADO, R. M. As espécies exóticas somos nós: reflexão a propósito do ecoturismo na Ilha Grande. **Horizontes Antropológicos – Turismo**, n. 20 ano 9, Porto Alegre: UFRGS, 2003.
- PRADO, R. M. Depois que entrou o “Imbamba”: percepção de questões ambientais na Ilha Grande. In: PRADO, R. M (org.). **Ilha Grande: do Sambaqui ao turismo**. Rio de Janeiro: Garamond: EDUERJ, 2006.
- PRADO, Rosane. A indigenização da Agenda 21: Reflexão a partir de um caso na Ilha Grande (Angra dos Reis, RJ). **XXVII Encontro Anual da ANPOCS**, Caxambu - MG, 2003
- KRIPPENDORF, J. **Sociologia do turismo: para uma nova compreensão** do lazer e das viagens. São Paulo: Aleph, 2000.
- KOTLER, P. **Administração de marketing: a edição do novo milênio**. São Paulo, Prentice Hall, 2000.
- RAGAZZINI, D. **Teoria da personalidade na sociedade de massa: a contribuição de Gramsci**. Trad. Maria de Lourdes Menon. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.
- RAMIREZ, C.U. Reflexiones sobre epistemologia do turismo. In: NECHAR, M.C; PANOSSO, A, N (Org). **Epistemologia do turismo**. Estudios Críticos: Trilhas, 2010.
- RODRIGUES, A; RODRIGUES, A. Lendas, contos de fadas e mitos dos Alpes: turismo de emoções em espaços rurais. In: PANOSSO, A.N; GAETA, C (Orgs). **Turismo de experiência**. São Paulo: Editora SENAC, 2010.
- ROCHA, J. M. A enação e o pragmatismo. In: ARRUDA, A; BEZERRA, B; TEDESCO, S (orgs). **Pragmatismo, pragmáticas e produção de subjetividades**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.
- RODRIGUES, A. B. **Turismo e espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar**. 2º ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- RORTY, R. **Contingência, ironia e solidariedade**. Trad. Vera Ribeiro. São Paulo: Martins, 2007.
- SAHLINS, M. O “pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: porque a cultura não é um objeto em via de extinção. MANA (3) 1: 41-73, 1998.
- SANTILLI, J. **Socioambientalismo e novos direitos**. São Paulo: Peirópolis, 2005.

SANTOS, B. S. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo: Boitempo, 2007.

SEGRERA, F.L. A representação das identidades deslocadas. In: Lopes, C.M (org). **Representação e complexidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

SEMPRINI, A. **Multiculturalismo**. Tradução: Laureano Pelegrin. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

SETON, M, G, J. **A teoria do habitus em Pierre Bourdieu**. Revista Brasileira de Educação. Maio/Jun/Jul/Ago, 2002 N° 20

SILVA, L. **Casas no campo: etnografia do turismo rural em Portugal**. Lisboa: ICS. Imprensa de Ciências Sociais, 2009.

SINGER, P. **Introdução à economia solidária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002

STEIL, C. A. Romeiros e turistas no santuário de Bom Jesus da Lapa. **Horizontes Antropológicos**, v. 9, n.20, p.249-261, out. 2003.

SWARBROOKE, J. **O comportamento do consumidor no turismo**. São Paulo: Aleph, 2002.

TECNOLOGIA SOCIAL: uma estratégia para o desenvolvimento. Rio de Janeiro: Fundação Banco do Brasil, 2004.

THOREAU, H. D. **A vida nos Bosques**. São Paulo: Aquariana, 2001.

TURNER, V; TURNER, E. **Image and pilgrimage in Christian culture**. New York: Columbia University Press, 1978.

TOMASELLO, M. **Origens culturais da aquisição do conhecimento**. São Paulo: Martins Fontes, 2003

TRIGO, L. G. G. **A viagem como experiência significativa**. In: PANOSSO, A.N; GAETA, C (Orgs). **Turismo de experiência**. São Paulo: Editora SENAC, 2010.

URRY, John. **O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. São Paulo: Studio Nobel: SESC, 1996.

VAN DEN BERGUE, P. **The quest for the other: ethnic tourism in San Cristobal, México**. Seattle/Londres: University of Washington Press, 1994.

VELHO, G. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

VILLELA, Jorge Luiz Mattar. A dívida e a diferença. Reflexões a respeito da reciprocidade. **Rev. Antropol.**, São Paulo, v. 44, n. 1, 2001. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003477012001000100006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 19 ago. 2009.

SENNETT, R. **A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

SILLER, A. **O educador e as diferenças sociais: uma leitura da Filosofia da Educação de Richard Rorty**. PERSPECTIVA. Florianópolis, v.18, n.34 p.177-188, jul./dez. 2000.

WALDMAN, M. **Meio Ambiente & Antropologia**. São Paulo: Senac, 2006.

WULF, C. O outro na perspectiva da educação intercultural. In: Lopes, C.M (org). **Representação e complexidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

YÁZIGI, E. **Turismo: uma esperança condicional**. São Paulo: Global, 1999.

ZAOUAL, H. **Nova economia das iniciativas locais: uma introdução ao pensamento pós-global**. Rio de Janeiro: DP&A: Consulado Geral da França: COPPE/UFRL, 2006

ANEXOS:**ANEXO 1****Questionário para demonstrar a apropriação das propostas do Programa de Turismo Solidário**

Você já ouviu falar do sistema SEDVAN -IDENE?

Sim

Não

Sabe onde ele está localizado?

Sim

Não

Conhecem as propostas?

Sim

Não

Quais?

Existe uma relação efetiva com as propostas?

Sim

Não

Como é?

Como é sua experiência na vida social da localidade?

Obs. Só por meio de uma resposta sim para primeira pergunta desencadeiam-se todas as outras, para uma resposta não se pula para última pergunta.

ANEXO 2**Questionário utilizado para demonstrar a percepção local sobre o turismo na região do Vale do Jequitinhonha**

1. Como você definiria a frequência de turista na região?

Ótimo

Bom

Regular

Ruim

2. Você gosta de turista visitando sua região?

Sim

Não

Por quê?

3. Qual é a reação da comunidade?

Amizade

Desconfiança

Desprezo

4. Como os turistas se comportam?

Bem

Mal

5. Você acha que a comunidade mudou com a chegada do turismo?

Sim

Não

ANEXO 3

Informações do curso de capacitação do Programa de Turismo Solidário – Normatização da tradição no Vale do Jequitinhonha - MG

1. Encontros locais

- convidamos a todos para um encontro, onde explicamos o Programa de Turismo Solidário e convidamos a comunidade a participar das capacitações.

2. Visitas as casas

- visitamos as casas dos inscritos na capacitação de receptivos familiares e algumas outras casas indicadas por pessoas da comunidade

3. Curso de Capacitação

- Atendimento ao hospede

- Hospitalidade

- Higiene e limpeza

- Gastronomia

- Produtos agregados

- Necessidades operacionais para transporte

- Formação do preço justo

- a importância da inovação para sustentabilidade

- Formação da rede de serviços

2. Hospitalidade

- encantando o visitante

6. O visitante quer se sentir especial e importante; um pequeno exemplo é oferecer ao seu visitante um escalda pés com ervas depois de um dia de caminhada

7. Você deve cuidar de todos os detalhes para ele se sinta assim

- A casa

- O visitante não pode ter dificuldade de encontrar sua casa
- A sua casa deve ser um local simpático, agradável e acolhedor
- Deve estar sempre limpa e organizada
- Os melhores enfeites para uma casa são as flores e os artesanatos da região

região

- O quintal e a frente da sua casa

- O quintal não deve ser usado como depósito. Se ele é usado para algum tipo de trabalho deve estar limpo e organizado

- “Vi certa vez na roça uma casinha bem pequena caiada de branco. Em cima da porta, dois ramos de flores e um passarinho pintado, tendo ao centro escrito: LAR DE FRANCISCA. Na frente da casa tinha um lindo jardim cheio de flores. Parei para admirar e Dona Francisca apareceu na porta com um sorriso no rosto e me convidou para um café. Por dentro era muito simples, mas acolhedora e muito limpa. Na mesa da sala tinha um vaso com flores. Sentamos na cozinha e fiquei admirada com as panelas muito ariadinhas e o pano de prato branquinho, branquinho. Aquela casinha pequena, sem luz elétrica, sem luxo nenhum, largada a beira de um caminho nunca mais saiu da minha lembrança

- O quarto

- Deve ter cama, colchão, travesseiros, lençóis, cobertores, colcha de cama, mesinha
- Arrumar a cama, varrer e tirar a poeira todo o dia
- Abrir as janelas para que fique bem ventilado
- Não pode ter goteiras nem paredes úmidas ou mofadas
- As paredes devem estar pintadas ou caiadas
- Enfeites leves que não junta poeira

- Quadro de regras da pousada domiciliar

ANEXO 4

O Documentário Retrato Brasil

ANEXO 5

Matriz de Avaliação do Turismo Solidário

1. Proporciona uma convivência de no mínimo duas horas por dia entre o turista e a população local, independente de ações voluntárias, e cria condições para que o grau de intimidade cinco possa ser atingido? (nível de desenvolvimento atual baixo, médio, alto)	
Turismo em favelas (Rio de Janeiro)	<p>Médio</p> <p>Em algumas localidades o nível alto pode ser atingido, mas na Rocinha, onde o volume de turista é maior, o contato quase não ocorre.</p>
Agroturismo (Acolhida na Colônia – Encostas da Serra Geral – Santa Catarina)	<p>Alto</p> <p>As refeições e os passeios acompanhados por moradores locais são momentos propícios para o encontro.</p>
Turismo comunitário (Praia do Canto Verde – Ceará)	<p>Alto</p> <p>O convívio ocorre devido à proximidade estabelecida pelos meios de hospedagem familiar.</p>
Turismo comunitário indígena (Manaus-AM)	<p>Baixo</p> <p>A maioria dos visitantes apenas assiste os rituais e/ou buscam um guiamento pela floresta, apenas alguns turistas/pesquisadores permanecem mais tempo na comunidade.</p>
Turismo Solidário (Vale do Jequitinhonha-MG)	<p>Alto</p> <p>O fato de o visitante ficar hospedado na casa de um morador possibilita um contato com maior intensidade.</p>

2. Propõe um cardápio de roteiros inovador com base nos saberes locais que envolvam ações sociais e visitas as associações comunitárias e seus projetos? (nível de desenvolvimento atual baixo, médio, alto)	
Turismo em favelas (Rio de Janeiro)	<p>Médio</p> <p>Apesar de grande parte dos roteiros se relacionarem com as associações comunitárias, existem aqueles que tais interações não ocorrem.</p>
Agroturismo (Acolhida na Colônia – Encostas da Serra Geral – Santa Catarina)	<p>Alto</p> <p>Acaba de ser ofertado o cicloturismo que alia passeios a movimentação da cadeia produtiva do turismo. Os turistas são convidados a presenciar os afazeres do campo.</p>
Turismo comunitário (Prainha do Canto Verde – Ceará)	<p>Médio</p> <p>Baixo envolvimento dos pescadores, é possível acompanhar a chegada dos barcos de pesca.</p>
Turismo comunitário indígena (Manaus-AM)	<p>Médio</p> <p>Seus conhecimentos são utilizados para instrução durante a trilha na floresta, mas a diversidade de atividades é baixa diante do grande potencial.</p>
Turismo Solidário (Vale do Jequitinhonha-MG)	<p>Médio</p> <p>Mendanha e São Gonçalo do Rio das Pedras apresentam um nível de desenvolvimento alto, em ambas localidades a Associação de Moradores produz artesanatos mas Alecrim e Capivari ainda é baixo.</p>

3. Elabora diretrizes que indicam trabalhos no campo da economia solidária e dos arranjos produtivos locais? (nível de desenvolvimento atual baixo, médio, alto)	
Turismo em favelas (Rio de Janeiro)	<p>Baixo</p> <p>A participação na Horta Comunitária é baixa, o envolvimento do turismo com as comunidades ainda não possui grande relevância em relação aos aspectos econômicos das localidades, apesar do número expressivos de turistas que vão a Rocinha grande parte do dinheiro não circula na localidade visitada.</p>
Agroturismo (Acolhida na Colônia – Encostas da Serra Geral – Santa Catarina)	<p>Alto</p> <p>A associação Acolhida na Colônia trabalha tendo esses princípios como base.</p>
Turismo comunitário (Prainha do Canto Verde – Ceará)	<p>Médio</p> <p>Apesar de haver um trabalho associado, existe um grupo insatisfeito com as oportunidades do setor turístico, no entanto, a rede Tucum é um bom exemplo de arranjo produtivo local, visto que promove a convergência de esforços para divulgação das localidades e trocam informações.</p>
Turismo comunitário indígena (Manaus-AM)	<p>Baixo</p> <p>O artesanato é uma grande potencialidade, mas os indígenas não estão organizados em associação e existem problemas com a comunidade vizinha que também recebe turistas.</p>
Turismo Solidário (Vale do Jequitinhonha-MG)	<p>Médio</p> <p>Temos uma localidade com nível de desenvolvimento alto – São Gonçalo do Rio das Pedras, com grupo das mulheres e outras quatro associações – uma média – Mendanha e duas baixas – Capivari e Alecrim.</p>

4. Disponibiliza informações aos turistas relacionadas à responsabilidade socioambiental dos empreendimentos envolvidos? (nível de desenvolvimento atual baixo, médio, alto)	
Turismo em favelas (Rio de Janeiro)	<p>Baixo</p> <p>Não foi recebida informações sobre esse quesito em nenhum momento no campo.</p>
Agroturismo (Acolhida na Colônia – Encostas da Serra Geral – Santa Catarina)	<p>Alto</p> <p>O turismo nas Encostas da Serra Geral fortaleceu-se pela ideia da agroecologia e dos produtos orgânicos e disponibiliza toda sua história por meio de um site.</p>
Turismo comunitário (Prainha do Canto Verde – Ceará)	<p>Alto</p> <p>A história de luta do povo da Prainha para formação da RESEX é contada a maioria dos visitantes.</p>
Turismo comunitário indígena (Manaus-AM)	<p>Baixo</p> <p>Apesar da grande potencialidade de se passar informações, os indígenas parecem estar à disposição como um quadro exótico nas máquinas fotográficas do que como sujeitos estimulados a contar suas histórias.</p>
Turismo Solidário (Vale do Jequitinhonha-MG)	<p>Médio</p> <p>Nos locais onde o associativismo é mais forte existe ações e informações relacionados à ideia de responsabilidade socioambiental.</p>

5. Possui uma política de reprodução da tecnologia social? (nível de desenvolvimento atual baixo, médio, alto)	
Turismo em favelas (Rio de Janeiro)	<p>Baixo</p> <p>Ainda não existem grandes fóruns para discussão sobre a atividade, mas avançam com a pacificação das favelas por meio da instalação da Unidade de Polícia Pacificadora.</p>
Agroturismo (Acolhida na Colônia – Encostas da Serra Geral – Santa Catarina)	<p>Alto</p> <p>Foi estimulado por uma metodologia francesa <i>Accueil Paysan</i> e está expandindo seu território de influência reproduzindo a tecnologia social.</p>
Turismo comunitário (Prainha do Canto Verde – Ceará)	<p>Alto</p> <p>A rede TUCUM busca na troca de informações melhorias nos processos de gestão.</p>
Turismo comunitário indígena (Manaus-AM)	<p>Médio</p> <p>Existem aulas sobre as danças que são apresentadas aos turistas para os índios de outra região.</p>
Turismo Solidário (Vale do Jequitinhonha-MG)	<p>Médio</p> <p>Os grupos gestores não tem se reunido com frequência, pois segundo um dos moradores “o turista não está chegando”. No entanto, segundo uma das técnicas do Programa, o governo de Goiás se mostrou interessado no projeto e propõe um termo de cooperação técnica.</p>

<p>6. Realiza campanhas de <i>marketing</i> e busca parcerias institucionais para atrair visitantes?</p> <p>(nível de desenvolvimento atual baixo, médio, alto)</p>	
Turismo em favelas (Rio de Janeiro)	<p>Baixo</p> <p>Ainda existem poucas organizações comunitárias em torno do turismo.</p>
Agroturismo (Acolhida na Colônia – Encostas da Serra Geral - Santa Catarina)	<p>Alto</p> <p>O Programa possui parcerias técnicas com o governo do Estado de Santa Catarina e com o Ministério do Turismo.</p>
Turismo comunitário (Prainha do Canto Verde - Ceará)	<p>Alto</p> <p>A criação de rede TUCUM é um bom exemplo.</p>
Turismo comunitário indígena (Manaus-AM)	<p>Médio</p> <p>Os índios ainda dependem exclusivamente das agências para trabalhar no campo do turismo.</p>
Turismo Solidário (Vale do Jequitinhonha-MG)	<p>Médio</p> <p>Apesar das parcerias estarem relacionadas ao desenvolvimento da atividade, atualmente, segundo uma das técnicas o Programa, ainda está com uma “cara muito institucional”. Parcerias com ONG`s e institutos estão sendo pensadas.</p>

Matrix indicativa do nível de desenvolvimento do turismo solidário no Brasil

	1. Convivência; nível de intimidade	2. Cardápio de roteiros; associações comunitárias	3. Economia solidária e arranjos produtivos locais	4. Informações; responsabilida de social	5. Reprodução da tecnologia social	6. Marketing; parcerias institucionais	Nível de desenvolviment o
Turismo em favelas	Médio	Médio	Baixo	Baixo	Baixo	Baixo	Baixo
Agroturismo (Acolhida na Colônia)	Alto	Alto	Alto	Alto	Alto	Alto	Alto
Turismo comunitário (Praia do Canto Verde)	Alto	Médio	Médio	Alto	Alto	Alto	Alto
Turismo comunitário indígena	Baixo	Médio	Baixo	Baixo	Médio	Médio	Médio
Turismo Solidário	Alto	Médio	Médio	Médio	Médio	Médio	Médio

Nº de nível de desenvolvimento alto: 2, médio: 2 e Baixo: 1. Tendo como referências estas análises tem-se que o nível de desenvolvimento do turismo solidário é MÉDIO. Esta matriz pode ser utilizada para mensurar o desenvolvimento de uma região que atua de acordo com as propostas do turismo solidário trabalhadas neste estudo. Nos casos acima, tem-se como patamar ideal o número de desenvolvimento 5.